



Sociedade Psicanalítica de Porto Alegre

Filiada à Associação Psicanalítica Internacional desde 1963 e
à Associação Brasileira de Psicanálise

Presidente

Gerson Isac Berlim

Secretário

Paulo Fernando B. Soares

Secretário Científico

Raul Hartke

Tesoureiro

Ruggero Levy

Conselheiros

Isaac Pechansky

Luiz Carlos Mabilde

Diretora do Instituto

Marlene Silveira Araújo

Secretário do Instituto (Interino)

Ruggero Levy



ISSN 1413-4438

Revista de Psicanálise

da Sociedade Psicanalítica de Porto Alegre

Rua Gen. Andrade Neves, 14 conj. 802

90010-210 - Porto Alegre-RS

Tel/Fax: 051 3224-3340

Volume IX - Nº 1 - Abril - 2002

Editor

José Carlos Calich

Editores Associados

Executiva: Jussara S. Dal Zot • **Redação:** Paulo Henrique Favalli • **Seções Especiais e Entrevistas:** Viviane S. Mondrzak

Conselho Consultivo

Carlos Gari Faria - SPPA • Carmen Médici de Steiner - APU • Elias Mallet da Rocha Barros - SBPSP • Elizabeth T. de Bianchedi - APdeBA • Joel Nogueira - SPPA • Jorge L. Ahumada - APdeBA • Juan Francisco Jordán Moore - APCh • Julio Moreno - APdeBA • Leopold Nosek - SBPSP • Maria Olympia de A. F. França - SBPSP • Mauro Gus - SPPA • Ney Couto Marinho - SBPRJ • Norberto C. Marucco - APA • Paulo Fonseca - SPPA • Plínio Montagna - SBPSP • Raquel Zak de Goldstein - APA • Ricardo Bernardi - APU • Virgínia Ungar - APdeBA

Conselho de Revisores

Alírio Torres Dantas Junior - SPR • Arnaldo Chuster - SPRJ • Bruno Salésio da Silva Francisco - SPPel • Carlos Edson Duarte - SPRJ • Cláudio Laks Eizirik - SPPA • David Epelbaum Zimerman - SPPA • Flávio Rotta Corrêa - SPPA • Germano Vollmer Filho - SPPA • Isaac Pechansky - SPPA • Juarez Guedes Cruz - SPPA • Luiz Carlos Mabilde - SPPA • Marlene Silveira Araújo - SPPA • Nilde J. Parada Franch - SBPSP • Paulo Fernando B. Soares - SPPA • Raul Hartke - SPPA • Roaldo Naumann Machado - SPPA • Roberto Gomes - SPPA • Roosevelt Moises S. Cassorla - SBPSP • Ruggero Levy - SPPA

Conselho Editorial

Anette Blaya Luz • César Luís de Souza Brito • Gisha Brodacz • Lucia Thaler • Luisa Maria R. Amaral • Magali Fischer • Matias Strassburger • Patrícia Fabrício Lago • Paulo Oscar Teitelbaum • Rose Eliane Starosta • Tula Bisol Brum

Secretária Executiva

Irma Ângela Manassero

Revisão

Clotilde Favalli

Capa

Arte: Lívia Amaral

Composição

Luiz Cezar F. de Lima

Impressão

Gráfica Editora Pallotti



Figura da capa: fotografia da escultura “Belona” de Vasco Prado, de 1998, em terracota, medindo: 83 cm de alt. x 33 cm de larg. 23 cm de compr. Utilização da imagem da escultura gentilmente autorizada pelo Memorial Vasco Prado.

Produção Gráfica: Livia Amaral
Fotografia: Laura Amaral

Vasco Prado:

Escultor, desenhista e gravador. Nascido em Uruguaiana, RS, em 1914, falecido em 1998. Líder de uma geração de artistas e mestre de outra, é considerado um dos mais importantes e premiados escultores gaúchos contemporâneos. Faz parte de um grupo de escultores que “transformaram a ânsima rio-grandense e seus símbolos mais autenticamente populares em obra de arte universal”*. Realizou quase uma centena de exposições individuais no país e diversas outras no exterior. Em 1996, foi homenageado pela Revista VEJA como uma das *caras* de Porto Alegre. Citado em vários dicionários de artes plásticas do país e exterior, tem diversas obras adornando prédios públicos em Porto Alegre.

* Armindo Trevisan, em “Escultores Contemporâneos do Rio Grande do Sul”. Porto Alegre. Editora da Universidade. UFRGS. 1983.

R 454 Revista de Psicanálise da Sociedade Psicanalítica de Porto Alegre /
Sociedade Psicanalítica de Porto Alegre. – Vol. IX, nº 1 (abr., 2002)
– Porto Alegre: SPPA, 2002, –

Quadrimestral

ISSN 1413-4438

1. Psicanálise – Periódicos I. Sociedade Psicanalítica de Porto Alegre.

CDU: 159.964.2 (05)
616.89.072.87 (05)

CDU: 616.891.7

Bibliotecária Responsável: Mônica Nodari Borges
CRB/10 - 900





Vol. IX - Nº 1 - Abril/2002

S U M Á R I O

EDITORIAL
José Carlos Calich / 5

ARTIGOS

O complexo fraterno e suas quatro funções

Luis Kancyper / 9

Transferência ou cesura?

Araldo Chuster / 39

Um ensaio de interpretação do "Assassinato de alma" a partir do quadro teórico de Wilfred Bion

Clarice M. Averbuck / 59

SEÇÃO ESPECIAL: MATTE-BLANCO

Aproximando Matte-Blanco

Viviane Sprinz Mondrzak / 89

Uma aplicação da teoria bi-lógica ao estudo da mudança psíquica e luto

Romualdo Romanowski, Jair Rodrigues Escobar, Rudyard Emerson

Sordi / 103

CINEMA E PSICANÁLISE

A construção do paradoxo em "Muito barulho por nada" de W. Shakespeare

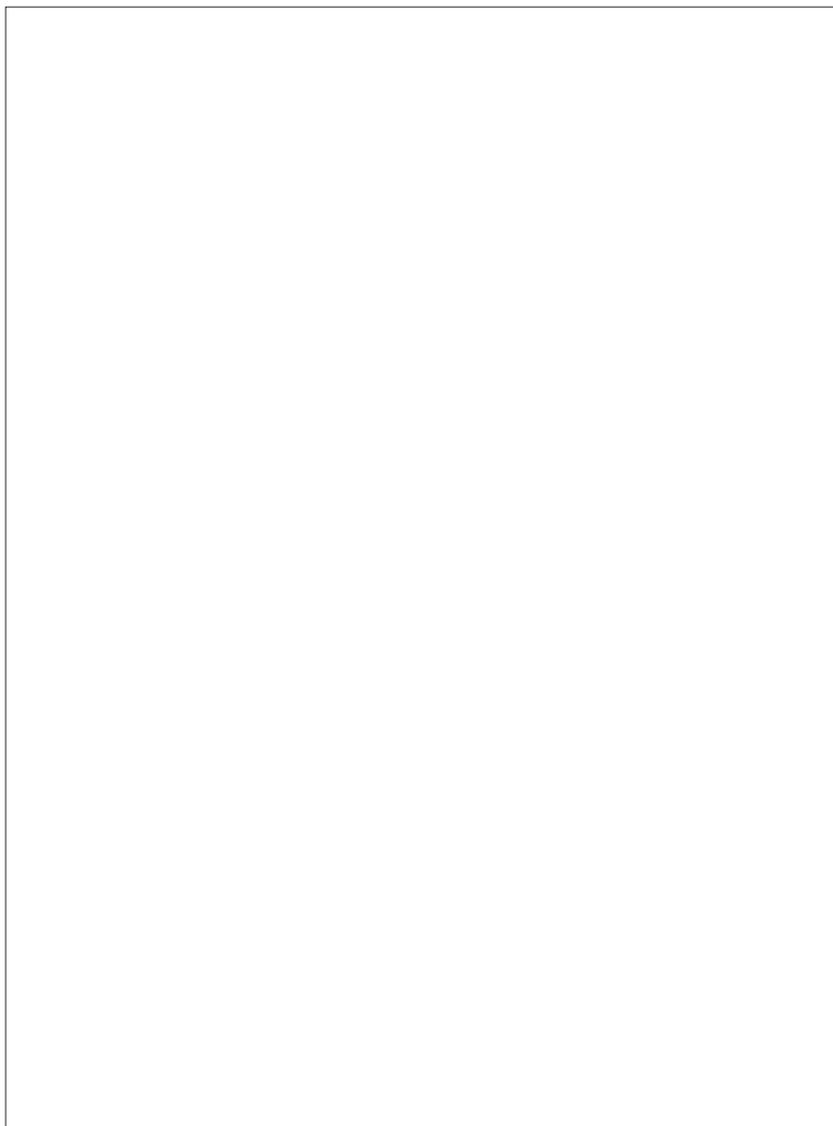
Paulo Henrique Favalli / 123

Muito barulho por nada ou Shakespeare e a corda do arco de Cupido

Léa Masina / 133

ENTREVISTA

Anne Alvarez / 147



Irma Ângela Manassero,
Secretária Executiva da Revista de Psicanálise da SPPA.



Editorial

O convite à permanência da equipe editorial da Revista de Psicanálise, feito pela Diretoria da SPPA empossada em dezembro último, torna ainda mais árduo o desafio aceito em 2000, de manter o nível de crescimento e qualidade da Revista e de suas atividades como o Ciclo de Debates anual. Nossos agradecimentos à confiança em nós depositada e o desejo de sucesso à nova Diretoria na continuada tarefa de manter a integração e o nível científico da SPPA.

Para fazer face às crescentes necessidades, planejamos conjuntamente algumas modificações na estrutura editorial da Revista com a finalidade de tornar mais ágil o processo de editoração e administração, assim como promover de forma mais ampla sua divulgação e distribuição.

Nesse sentido, foram criadas três editorias associadas: a executiva, coordenada por Jussara Schestatsky Dal Zot, a de redação, por Paulo Henrique Favalli, e a de seções especiais e entrevistas, por Viviane Sprinz Mondrzak.

O Conselho Editorial (que substitui a então Comissão de Redação) foi ampliado e constituído pelos colegas Anette Blaya Luz, César L. S. Brito, Gisha Brodacz, Lúcia Thaler, Luisa M. R. Amaral, Magali Fischer, Matias Strassburger, Patrícia Lago, Paulo O. Teitelbaum, Rose E. Starosta e Tula B. Brum.

Pretendemos ainda revisar a sistemática de avaliações e devoluções feitas pela Revista, elaborar um novo referencial para os autores e promover uma maior integração com outras comissões e membros da Sociedade, além de participar dos programas de integração com a comunidade cultural e científica promovidos pela SPPA.

Dentro desse último tópico, o Conselho Editorial da Revista coordenou a atividade realizada em conjunto pela SPPA e a Câmara Riograndense do Livro em comemoração ao Dia Internacional do Livro. O evento foi realizado na sede da SPPA, no último dia 23 de abril, tendo como tema “*O Resgate do Humano: o Livro e a Psicanálise como Expressões da Vida*”. Participaram do interessante, descontraído e proveitoso debate o Vice-Presidente da Câmara do Livro, Vítor Hugo Knop, o Professor Sergius Gonzaga, o médico e escritor Fernando Neubarth e os colegas Germano Vollmer F^o., Cláudio Laks Eizirik e Raul Hartke.

Neste número, além de três artigos originais de elevada qualidade, de Luis Kancyper, Arnaldo Chuster e Clarice Averbuck, estamos iniciando a Seção Especial sobre a obra de Ignacio Matte-Blanco. O importante e pouco conhecido (em nosso meio) pensamento do psicanalista chileno é apresentado pela Editora Associada, Viviane Sprinz Mondrzak. O trabalho original, “Uma aplicação da teoria da bi-lógica ao estudo da mudança psíquica e luto”, dos colegas Romualdo Romanowski, Jair R.



José Carlos Calich

Escobar e Ruyard E. Sordi, dá continuidade à Seção relacionando alguns conceitos teóricos do pensador com um aspecto da situação analítica exemplificada por uma vinheta clínica. Pretendemos, a exemplo da Seção Especial anterior, sobre Bion, reproduzir, pelo menos ao longo dos números desse ano, trabalhos do autor comentados por colegas que o estejam estudando.

Em continuidade à apreciada Seção “Cinema e Psicanálise”, estamos trazendo mais um dos debates ocorrido em nossa Sociedade, no ciclo “Freud, Shakespeare e o Cinema”. Os trabalhos “A construção do paradoxo em muito barulho por nada de W. Shakespeare”, de Paulo H. Favalli, e “Muito Barulho por Nada ou W. Shakespeare e a Corda de Arco de Cupido”, de Lea Masina, reúnem conteúdo e estilo, permitindo uma leitura agradável e enriquecedora a respeito do clássico debatido.

Finaliza nosso número uma entrevista com Anne Alvarez, psicoterapeuta britânica da Tavistock Clinic, realizada em 30.06.2001, na qual expõe, com franqueza e objetividade, seus entendimentos a respeito de questões polêmicas da psicanálise atual, principalmente ligadas ao atendimento de crianças e adolescentes abusados, situações traumáticas e quadros graves.

Alguns dias antes de encerrarmos este número, participamos de uma pequena/grande comemoração que merece mais do que um registro: nossa Secretária Executiva, Irma Ângela Manassero, a D. Irma, completou 80 anos de idade. Como já mencionado em recente editorial, D. Irma é um exemplo. Um exemplo de interesse pelo trabalho, de interesse por sua família, um exemplo de seriedade, ética, acolhimento, respeito e cordialidade. Mas, mais do que todos esses ou outros atributos, D. Irma é um exemplo de interesse pela vida. Sua disposição a viajar, a sempre aprender (recentemente adquiriu conhecimentos de informática que vão além do básico), seu cuidado e carinho com os demais, a mantêm jovem e parceira. Ligada à SPPA desde a fundação e, antes disso, a vários de seus membros na Faculdade de Medicina da UFRGS, D. Irma tornou-se um patrimônio que muito nos honra homenagear, fazendo-o através da Revista a que tem-se devotado com toda a vitalidade nos últimos 11 anos. Dedicamos este número, portanto, a D. Irma, com nossa admiração e nosso muito obrigado.

José Carlos Calich

Editor da Revista de Psicanálise da SPPA





Artigos





Atenção montador
a página **8** é branca





O complexo fraterno e suas quatro funções

Luis Kancyper, Buenos Aires*



* Membro Efetivo da Associação Psicanalítica Argentina.

Revista de Psicanálise, Vol. IX, Nº 1, abril 2002 □ 9





Introdução

Não resta dúvida de que a etiologia relativa à formação de uma neurose é altamente complexa. De dentro de sua múltipla casualidade, extraímos – a partir do encontro surpreendente com o material clínico de Marcos, de oito anos de idade – algumas peças essenciais da trama etiológica que permitem ampliar e aprofundar a metapsicologia e a técnica a partir da prática psicanalítica.

O processo analítico de Marcos ofereceu algumas respostas ao assinalado por Freud (1916a): “*Não pretendo sustentar que o Complexo de Édipo esgota o vínculo dos filhos com os pais; este pode ser muito mais intrincado*”.

De fato, este caso representa uma mostra eloqüente da importância nodal que exerce o complexo fraterno tanto por sua própria envergadura estrutural como também por sua articulação com as dinâmicas narcisista e edípica na estruturação e desestruturação das realidades intra-subjetiva, intersubjetiva e transubjetiva.

Mesmo assim, seu estudo nos ofereceu a oportunidade de destacar como as situações traumáticas, não resolvidas dos progenitores, exercem notáveis influxos tanáticos na transmissão intergeracional.

Desenvolverei, pois, os seguintes assuntos:

1. Trauma e repetição nas relações parentofiliais;
 2. Marcos e o insight;
 3. Narcisismo, complexo de Édipo e complexo fraterno;
 4. A ordem do nascimento dos irmãos é o destino?
 5. Rivalidade e protesto fraternos;
- Epílogo: O complexo fraterno e suas quatro funções.

1. Trauma, culpa e repetição nas relações parentofiliais

“Esse é o destino da casa de Lábdaco. Sobre os que morreram há tempo, açoitados por ele, surgem novas desgraças a oprimir os que nascem. Nenhuma geração fica incólume. E vai de geração em geração”.

Antígona, Sófocles

O nascimento de um filho costuma ressignificar certas situações traumáticas dos pais que tinham sido aplacadas durante anos e só obtêm um novo significado a





posteriori, a partir do investimento identificador de suas histórias não processadas em algum de seus descendentes. Desse modo, costuma reinstalar-se a compulsão repetitiva de uma escalada cega de sofrimentos, que finalmente se cristaliza em um inexorável destino de culpabilidade e de necessidade de castigo entre gerações.

Realmente, é possível que os pais só comecem a recuperar alguns capítulos de suas próprias histórias não elaboradas, não integradas, a partir dos efeitos provenientes de determinadas marcas traumáticas com as quais haviam inconscientemente identificado um dos filhos.

O processo da historização desses acontecimentos traumáticos, padecidos pelos progenitores, possibilita refazer o caminho identificatório no filho e inaugurar outro processo fundamental que se opõe à compulsão repetitiva de Tánatos: a desidentificação.

A desidentificação nos progenitores e no filho envolvido com a história de um dos pais pode permitir o reordenamento dessa cegueira identificatória que funciona retendo ambas as gerações em uma repetição a-histórica.

Por outro lado, a nova historização que se consegue no trabalho psicanalítico possibilita desarticular a história em seus elementos, recompô-la, enriquecê-la e dar outros significados e rumos aos traumas. Pode relativizá-los, alterar o sentido e modificar os pontos de impacto das situações traumáticas e das figuras envolvidas nelas. Abre-se assim um leque de conseqüências possíveis e um futuro.

As primeiras entrevistas com os pais e as sessões individuais e vinculares de Marcos confirmaram uma observação analítica de Willy Baranger: “*O trauma não mente. O trauma protesta, exige a repetição, ordena, até que se torne claro. O trauma tem sua memória*” (1994).

O trauma psíquico começa a ter existência em uma psicanálise quando é reconhecido como tal, seja por parte do analisado, ou do analista. Adquire seu estatuto pleno quando ambos percebem que este, antes não nomeado, não datado, não explicitado, teve um papel etiológico determinante em uma série de acontecimentos e de transtornos posteriores. A teoria freudiana do trauma “em dois tempos” permanece nodular em nosso conceito do trauma, tanto na exposição de um caso como na reconstrução do mesmo que realizamos com o analisado. O trauma é inseparável do processo de historização.

O primeiro tempo do trauma (o pré-traumático, poderíamos dizer) recebe seu valor etiológico a partir do segundo, de sua reativação por um acontecimento que pode ser trivial, mas datável e nominável, e pela historização analítica que vincula ambos os tempos. O primeiro tempo do trauma permanece mudo até que a “*Nachträglich’ lhe permita falar e constituir-se em trauma*” (Baranger, M., Baranger, W., Mom, J.) (1987).





Luis Kancyper

Os pais de Marcos solicitaram a consulta de comum acordo com o menino, porque este apresentava uma forte inibição nos esportes e nas suas relações sociais. Era um aluno brilhante, mas sofria devido ao seu isolamento e pelas reiteradas provocações masoquistas dirigidas aos companheiros. Era ridicularizado e maltratado fisicamente no transporte escolar. Esta relação se reeditava com seu irmão mais novo, gerando entre ambos um clima de extrema violência. Os pais se sentiam totalmente impotentes. Não podiam controlar a rivalidade e as situações hostis entre eles. Não podiam estabelecer limites básicos de comportamento, estabelecendo medidas de penitências progressivas que acentuavam a violência familiar.

O *temómetro*

A metáfora “*temómetro*” apareceu surpreendentemente nas primeiras entrevistas que mantive com os pais de Marcos. Foi mencionada pelo pai, engenheiro de trinta e seis anos, para descrever seu habitual estado de ânimo, repleto de temores e controles intermináveis:

Alejandro: – A morte dentro da vida é uma possibilidade muito presente. Me surpreende que ninguém morra jovem. Minha irmã Evangelina morreu aos dezoito anos de infarto, nos meus braços; eu tinha dezesseis. Desde que nasceu teve um problema cardíaco e era asmática. Penso que meus pais não a atenderam bem. Também pouco a mim. Eu nasci com miopia no olho direito que, se detectada cedo, não teria se atrofiado. E olha, aparece um melanoma no olho do meu pai aos 80 anos. Retiraram seu olho e colocaram uma prótese. Ele me disse: – “Paguei o teu olho com um olho meu”. Eu tenho um caminhão de revoltas com os dois, muito mais com meu pai. Nesse caminhão minha mãe vai no chassi, e na carroceria vai o meu pai. Com ele tenho uma revolta muito grande, porque não considera os outros. Meu pai não conversa, dá palestra. Eu sinto que com ele não se pode falar (pausa). Necessito fazer um esforço para que Marcos saia do manual de meus cuidados. Admito ter um cuidado excessivo com ele.

Estela (mãe): – Fico bastante aliviada por estar falando sobre estes assuntos. Porque meu marido fica impossível com os cuidados. Se não faço aquilo que ele acredita, sinto-me como uma mãe que abandona seus filhos. Acho que o Alejandro não pode abandonar é o enroscado que tem com sua irmã (sorri).

Analista: – A que se deve seu sorriso?

Estela: – Sorri porque lembrei de uma coisa que nunca comentei com o Alejandro. Na casa da minha sogra existe uma foto dos quinze anos de Evangelina. Parece coisa de mandinga, mas usei para minha festa de quinze anos um vestido parecido





com o dela e até os mesmos sapatos de verniz. Por isso sorri. Mas continuo a dizer que estou farta das censuras que ele mantém com seus pais. Por isso acho que tem medo que o Marcos possa reclamar-lhe alguma coisa.

Alejandro: – Sim, Marcos tem que me sentir como algo maravilhoso e perfeito.

Estela: – Mas não fala com o Marcos sobre os seus problemas. Diz todos para mim. Para o Marcos não conta nada.

Alejandro: – Então repito quase a mesma relação que mantive e mantenho com meu pai. Continuo calando-me diante deles.

Assinalo ao pai que ele permanentemente olha para seu filho a partir do perigo e da culpa e que também teme que o filho possa chegar a reclamar-lhe aquilo que sua própria criança dentro dele ainda continua reclamando aos seus próprios pais. Também comento com ambos que os temas que surgiram nesta entrevista são de suma importância para podermos compreender alguns aspectos dos conflitos de que padece Marcos e que seria desejável que continuassem a aprofundá-los nas suas respectivas terapias individuais. Na semana seguinte, o pai começa a entrevista:

Alejandro: – Doutor, faz vinte anos que não vou ao túmulo da minha irmã. Minha irmã havia pedido que a cremassem. Colocamos as cinzas em uma urna e a enterramos debaixo de uma árvore no campo. Quando meu avô faleceu, a herança foi dividida e este local ficou com meu tio. Então fomos desenterrá-la e não encontramos a urna. Finalmente, a caixinha apareceu e a trouxemos para um cemitério privado. Depois nunca mais passei por esse lugar. Ontem fui com minha mãe ao cemitério. Ela tem entre cinquenta e cem fotos e tem objetos que eram dela. Os meninos falam da minha irmã como a tia Evangelina (pausa). O assunto do alerta está presente em mim. Reconheço que sou um chato e que pressiono minha mulher.

Estela: – Me deixa louca. Tenho que, diariamente, passar a posição de que tudo está bem e sob controle. Na sexta-feira, quando Marcos foi ao acampamento, perguntou se prestei atenção em como estavam os pneus do ônibus, como era o motorista. Reconheço que antes eu não era tão apreensiva, nem sou tão medrosa. Mas ele faz uma pressão infernal.

Alejandro: – Sim, o cuidado nunca termina em mim, é infinito. Eu tenho um *temómetro*.

Analista: – Um termômetro?

Alejandro: – Não, *temómetro*. Tenho o máximo de cuidados, sei que são absurdos e admito que afetam Marcos. Eu meço tudo a partir dos meus temores. Coloco nele todo o tipo de medidas de “insegurança”. Vivo à espera de que alguma catástrofe ocorra, e a realidade ocupou-se de alimentar e dar razão ao meu manual de cuidados.





Luis Kancyper

No ano passado entraram três ladrões na minha casa, me apontaram um revólver e me levaram para o andar de cima. Depois levaram minha mulher. As crianças viam tudo e as trancaram junto com a empregada no banheiro. Diziam: – Em qual criança vamos apontar? Um deles vai morrer. Finalmente levaram as jóias, o dinheiro e nada de mais grave aconteceu.

A iluminação. De que outra forma chamar essa luz trazida pela palavra *temómetro*, que abriu o leque dos vincos da memória do pai avivada por traumas, culpas, recriminações e medos? Este termo teve um forte impacto em mim como analista.

Seus efeitos, em vez de se atenuarem, expandiam-se e convidavam-me a ingressar em um desconhecido combate psicanalítico para romper a repetição nos filhos dos padecimentos que espreitam os pais sufocados por situações traumáticas. O pedido de Estela – Doutor, o Alejandro fica impossível com os cuidados, faz uma pressão infernal. Deixa-me louca. Tenho que passar-lhe um informe diário de que tudo está bem e está sob controle – e a confissão do pai – O cuidado não termina nunca em mim. É infinito. Eu tenho um máximo de precauções que sei que são absurdas e admito que afetam Marcos – ambas as expressões me remeteram à minha metáfora do “*sobremuriente*”¹ e à sua relação com as dores patológicas.

A entrevista com os pais e as sessões individuais com Marcos puseram em destaque os efeitos patogênicos gerados pela doença crônica de Evangelina e por sua morte prematura. Estas foram situações traumáticas por muito tempo padecidas por Alejandro e pelos avós da criança, que permaneceram enquistadas atemporalmente em uma dor patológica.

Existe aqui uma dor por um “morto vivo” que continua estendendo seus efeitos em Marcos e em seu irmão Diego. Esta dor familiar transformou Alejandro, o filho sobrevivente, em um irmão *sobremuriente*. Isto costuma acontecer quando o morto permanece fantasmaticamente habitando e perseguindo os vivos, para primeiro raptá-los e depois conduzi-los para as profundezas do seu ominoso reinado.

O “*sobremuriente*” edifica sua cosmovisão a partir dos alicerces defensivos dos mecanismos de fuga, do controle e do ataque, para preservar-se da castração – morte. Vive para salvar-se através de um reassseguramento permanente, para não sofrer o destino do irmão morto. Mas paga seu direito à existência mediante uma quota permanente de sofrimento. Privilegia evitar o desprazer ao invés da busca de prazer, mas nunca acaba de sofrer. E é precisamente a tensão da incerteza que o preserva da total ausência de tensão que rege o princípio de nirvana. Parafraseando os poetas: “morrer a vida, viver a morte”.

1. Optou-se por manter o termo *sobremuriente* no original, visto não se dispor, na língua portuguesa, de um termo que corresponda ao sentido metafórico criado nesta palavra. (Nota da Revisão Técnica)





O irmão *sobremuriente* apresenta uma relação singular com a temporalidade:

“Todo projeto sustenta-se e aponta em direção à dimensão temporal daquilo que está por vir. Mas, o amanhã, no sobremuriente, está invadido pela fatalidade de um passado que o espreita, que não permanece no passado. Porque este tempo pretérito ocupa as três dimensões temporais. Tanto o presente como o futuro encontram-se soterrados por um passado particular. Este passado gera obsessão com sentimentos de pânico, de terror, de indefesa e de inquietude, surgidos pela sobrevivência deste duplo ominoso que perturba a estruturação do processo da identidade no irmão sobremuriente e nos seus descendentes” (Kancyper, 1991).

De fato, Evangelina, como um morto-vivo, alçou-se no eixo central da vida psíquica do pai de Marcos, exercendo suas influências na escolha do seu par e nos seus vínculos com os filhos, chegando ele ao extremo de fraternizar suas funções conjugal e paterna. Deste modo, Alejandro, sufocado de angústias e de culpas edípicas e fraternas não elaboradas, identificou inconscientemente Marcos com falsas conexões, o filho mais velho com o temido e infeliz destino da sua irmã mais nova. O filho mais novo, Diego, permaneceu identificado como seu duplo especular, aparentemente saudável e invulnerável, reforçando em Alejandro os controles e angústias sobre o filho mais velho e despreocupando-se do mais novo.

Esta marcada diferença na distribuição libidinal parental contribuiu, com outros fatores atuantes, para gerar entre os irmãos uma violenta e indominável rivalidade, cristalizando uma eloqüente “divisão do troféu”, uma simbiose pai-filho entre Marcos e Alejandro e outra simbiose mãe-filho entre Estela e Diego perturbando os processos da identidade em ambas as crianças.

2. Marcos e o insight

Marcos é uma criança magra e desajeitada. Tem grandes olhos claros. Seu olhar furtivo é pouco brilhante. O andar é torpe. Manifesta dificuldades para expressar-se no desenho. Porém sua expressão verbal é precisa e fluida. É um leitor ávido e muito formal no seu trajar; gosta de esportes. Conhece em minuciosos detalhes os nomes dos jogadores locais e internacionais de futebol e de tênis. Não pratica nenhum esporte. Tem severas inibições com sua agressividade. Fica paralisado diante de uma bola. Tem dificuldade para socializar-se. Nenhum colega da escola o convida para sua casa. É uma criança isolada e triste.





Luis Kancyper

Marcos é consciente dos seus sofrimentos e deseja resolver seus conflitos. Sua sensível capacidade para compreender os processos psíquicos facilita a aquisição do insight na situação analítica. É um pesquisador de verdades. Tem coragem para enfrentar e resolver os obstáculos. É uma criança tenaz e entusiasta.

Desde o início, estabeleceu-se no campo analítico uma dinâmica transferencial-contratransferencial positiva, acompanhada de uma ativa participação dos pais, quem atuaram como valiosos aliados do processo terapêutico. Ouçamos, a seguir, a voz de Marcos em uma sessão correspondente aos dez meses depois de iniciado o processo analítico:

Marcos: – Eu tenho pai de sobra, tanto pai, pai, pai. Não quero ser seu favorito. Ele está muito grudado comigo. Exagera. Cuidado! que você vai quebrar a sua cabeça, me dizia antes. Ele não jogava futebol, tinha medo de ser machucado. Ele tinha medo que doesse a minha cabeça, que a quebrasse.

Analista: – Tu, antes, também estavas grudado ao teu pai e aos medos que eram dele. Esses medos ficaram grudados em ti e não permitiam que tu jogasses.

Marcos: – Eu tinha medo. Quando vinha uma bola para cabecear, cobria minha cabeça com as mãos e não cabeceava. Não entrava no jogo. Achava que ia me machucar e ia sentir dor. Agora não me acontece isso. Agora, quando a bola vem, cabeceio.

Abre sua caixa de jogos, pega um papel e faz com ele uma bolinha. Diz: – Joga para mim, quero ver quantas bolinhas consigo cabecear.

Arremessei as seis bolinhas, cabeceou quatro bem. Digo que ele quer me mostrar com alegria como estão melhorando seus medos e como se diferencia do seu pai.

Marcos (sentando-se): – Minha mãe não exagera tanto como meu pai; e de mim exigem mais do que de Diego. Comigo os dois são muito mais exigentes. Claro, o filho mais velho é mais exigido. Por que exigem menos do Diego? Isso me dá ciúmes.

Analista: – Os ciúmes são unicamente por isso, ou também por aquilo que me contaste na última sessão, que, segundo tu, tua mãe fica mais com ele.

Marcos: – Eu não vejo que em casa fique mais com Diego, mas sei que ela está com ele e o defende. Quando meu pai sai tanto comigo e não com o Diego, penso: ele está com minha mãe e eu não. E não vou te esconder, quando volto, brigo com o Diego e lhe dou uma surra.

Nesta sessão “ouvimos” os seguintes assuntos:





a) as identificações especulares com o pai;
b) a situação conflituosa com o complexo materno;
c) o primogênito e o segundogênito, suas relações com a rivalidade e o protesto;
d) a função defensiva e elaborativa do complexo fraterno: Quando meu pai sai tanto comigo e não com o Diego, penso: ele está com minha mãe e eu não. E não vou te esconder, quando volto brigo com o Diego e lhe dou uma surra.

Estes assuntos serão ampliados e desenvolvidos teoricamente mais tarde, mas antes transcreverei três sessões individuais de Marcos para evidenciar os passos que anteciparam o seu insight da sessão correspondente ao mês de maio, na qual descobriu e discriminou a presença de uma dupla simbiose familiar.

O insight não é o repentino resplendor que aparece a partir de uma mágica aparição: é produto e conclusão de um paciente trabalho de elaboração no qual tramitam graduais e progressivas transformações. Estas, em um determinado momento, solidificam-se e delimitam-se de um modo súbito, iluminando e discriminando a realidade psíquica.

Para M. Baranger o insight como visão interior estruturada implica discriminação e integração. “*É a discriminação que permite evoluir a estrutura por redistribuição de seus elementos e inclusão de elementos novos em uma estrutura ampliada*” (1956).

A seguir, transcreverei as sessões “O diferente”, correspondente ao mês de fevereiro, e “Menos pai”, correspondente ao mês de abril, nas quais se processaram momentos de mudança que desembocaram, finalmente, na sessão do insight do mês de maio. Nesta última, Marcos comentou: – Havia somente dois membros da família: o pai-Marcos e a mãe-Diego, e faz um mês que somos quatro. Eu antes pensava que Diego estava com minha mãe e eu com meu pai. Agora não. Agora estamos os quatro em partes iguais como em uma família comum. Antes era uma bagunça.

“O Diferente” (fevereiro)

Marcos: – Meus amigos caminham sozinhos pela rua. Eu já fiz dez anos e não me deixam. Prometeram que aos doze vão me deixar. Sinto que nisso sou diferente. Sinto-me diferente dos outros. Quero seguir insistindo naquilo que começamos ontem a falar com meu pai e não pudemos terminar. Para poder tomar banho na piscina do clube, também têm que me vigiar. A metade dos meninos deita às dez e meia e a outra metade às nove e meia. Por que não me deixam ir dormir às dez? E no final de semana só até meia-noite e meia.

Analista: – Tu sentes uma falta de liberdade não só fora de casa, mas na tua própria casa também.





Luis Kancyper

Marcos: – Não na minha casa. Na minha vida. Porque não é só em casa que tomam demasiadas precauções, é em todos os lugares. Há filmes que todos os meus amigos já viram e a mim não deixam. Todos viram *O Gladiador* e disseram que era ótimo. Mas meu pai diz que ele precisa assistir antes, para saber se pode ser bom para mim.

Analista: – Acho que tudo isto que tu estás me contando te produz uma raiva tremenda.

Marcos: – É, está na cara que sinto raiva.

Analista: – Sim, mas a escondes diante do teu pai e a descarregas finalmente sobre teu irmão.

Marcos: – Pode ser.

Analista: – Mas se brigas com teu irmão, não enfrentas e não falas com quem deverias e assim teus problemas prosseguem sem solução.

Marcos: – Sim, pode ser.

Analista: – Eu me pergunto, Marcos, se também não te animas a me dizer coisas que te desagradam em mim.

Marcos: – As que não são importantes não te digo. E é verdade que às vezes as digo, mas quando já não agüento. Algumas coisas te escondo. Ou te digo depois de um tempo, mas ao final chego a te falar.

Analista: – E por que para os teus pais não dizes o que pensas e sentes? Tu sabes, tens claro o que está te acontecendo.

Marcos: – As digo para ti. Antes as escondia totalmente. Não dizia nada a ninguém. Agora que estou contigo em tratamento, pelo menos, as digo para ti.

Analista: – Mas hoje vemos que, às vezes, adias para me dizer certas coisas e com teus pais não te animas.

Marcos: – Não é que não me anime, é que não quero que eles saibam esse assunto porque penso: o que será que vão pensar de mim!

Levanta a camiseta e mostra-me que, esta semana, acrescentou uma nova tatuagem à coleção que tem sobre a pele. Assinalo que, finalmente, ele se mostra e não me oculta que está desfrutando mais do seu corpo. Mas o que ainda permanece encoberto?

Marcos: – Antes eu sentia que tinha menos corpo do que todos. Agora não, só menos do que dois ou três meninos.





“Menos pai” (abril)

Marcos: – Acho que deu resultado a conversa que tive com o meu pai. Agora não está somente comigo. Também está com o Diego.

Analista: – E isto te faz sentir o quê?

Marcos: – Que tenho menos pai. Mas me sinto melhor. Não é que tenha menos pai, você me entende? Mas que está igual.

Analista: – O que te gerava a diferença com o teu irmão?

Marcos: – Culpa. De que o pai era todo para mim e nada para o Diego. Isto me alivia.

Abre sua caixa de jogos e me convida a brincar Pape-futebol novamente com uma bolinha de papel. Este termo foi criado por Marcos. O “Pape” refere-se ao papel e ao pai. Este jogo da rivalidade com o pai transferido à minha pessoa repetia-se com frequência. Às vezes alternava com outro jogo de competição: o jogo do truco.

Na semana seguinte comenta com um ar de triunfo:

– Ultimamente pude convencer meu pai. Eu queria ir com ele ao campo para ver o jogo da seleção Argentina, e começou a dizer que era perigoso. Mas eu insisti e insisti, e ele aceitou e não aconteceu nada.

Sessão do insight (maio)

Marcos: – Parece-me estranho. Passou uma semana e não sinto a falta deles. Não sei por quê. E mais, quando meu pai vai por três dias ao campo, sinto sua falta, E agora que foram os dois juntos, não sei por que, não sinto a falta deles (pausa). Eu antes achava que o Diego estava com minha mãe e eu com meu pai. Agora não, estão em partes iguais, como uma família comum. Antes minha família era uma bagunça.

Analista: – No que era uma bagunça?

Marcos: – Porque havia só dois membros da família, pai-Marcos e mãe-Diego, e faz um mês ou um mês e meio que somos quatro. Foi depois da semana que falei aqui contigo e com meu pai no consultório e ele entendeu bem.

Analista: – Mas tu também entendeste bem.

Marcos: – Eu já via o problema há tempo. Desde que tu me disseste qual era o problema. Mas ainda bem que o pai entendeu bem e mudou. Também a mãe mudou. Os dois perceberam o que estava acontecendo.

Analista: – Também existe a tua própria mudança. Agora tu falas com eles de frente.

Marcos: – Sim, é verdade. Agora me animo a dizer-lhes o que na realidade





sinto. Antes escondia deles o que me acontecia.

Analista: – E comigo, o que acontece?

Marcos: – Contigo é diferente. O primeiro a inteirar-se dos meus problemas és tu. Depois comecei a contar para eles e agora me animo e falo para eles. E se tenho uma discussão, digo o que gostei deles e o que não gostei de mim também. Também percebo bastante rápido aquilo de que gosto em mim e onde errei. Meu pai me diz que gosta que discuta com eles e a mãe também.

Analista: – E para teus avós, contas teus problemas?

Marcos (ri): – Não. Não conto nada. E se me perguntassem, não contaria meus problemas. Minha avó é muito chata, chata mesmo! É mais rancorosa. Parece uma menina. Fala de qualquer coisa. E no telefone tens que ficar longe porque te deixa tonto. Não termina nunca de fazer perguntas. Não desgruda (pausa). Ontem veio um amigo, Hernán, à minha casa e me disse: - Puxa, pára de brigar o tempo todo com o Diego! Para que vim? Chega de brigar e de se xingar. Ele tem razão, já enchi de brigar com o Diego.

Analista: – Parece que, por um lado, queres ter amigos que não têm nada a ver com aquilo que acontece com teu pai, com a tua mãe e com o teu irmão. Mas, por outro lado, segues batendo no teu irmão e te custa desgrudar dele, parecido com o que acontece com tua avó que não desliga o telefone.

Marcos: – Sim, pode ser.

Analista: – Um amigo pode chegar a ser como uma janela que se abre para o mundo para se poder olhar o que está acontecendo fora da casa, da família.

Marcos: – Sim, claro. É uma companhia nova. Eu quero me divertir. Quero aproveitar o tempo com um amigo para não ficar entediado. É meio estranho o que me acontece com relação ao Diego. Brigo demais com ele sem perceber e não consigo reconhecer. Quero ficar um tempo com a minha família, mas não o tempo todo.

Nesta sessão perfilam-se as discriminações na dupla simbiose familiar. Enquanto antes Marcos permanecia absorto e confuso na indiferenciação, agora, ao confrontar seus pais, começa a se desalienar das identificações alienantes ligadas à história traumática parental e possui uma disponibilidade libidinal para desprender-se do excessivo controle e poder dos pais. Ao mesmo tempo em que começa a romper a relação sadomasoquista fraterna, começa a investir em novas relações exogâmicas através da busca ambivalente dos amigos.

“A amizade é uma relação de irmandade escolhida, não imposta por laços consangüíneos, na qual se desativam os desejos edípicos e fraternos postos em movimento pela aspiração fálica de conseguir ser o herdeiro único e o





filho favorito de um pai-mãe-Deus.

Na amizade se estabelecem relações de objeto exogâmicas, embora com facilidade possam voltar a filtrar-se com os conflitos narcisistas e parentais. Nela, os laços consangüíneos são substituídos pelos laços sublimatórios.

O amigo exerce uma função de acompanhamento nos estados angustiantes de solidão e de situações conflitadas relacionadas com a família e com a sociedade. Ao configurar uma lógica horizontal de uma confraternidade solidária, possibilita processar o desprendimento do poder vertical exercido pelos pais” (Kancyper, 2001).

Na amizade, diferentemente da relação parento-filial e entre os irmãos, é desativada a relação de poder. Esta impede seu surgimento e sua preservação. Pergunta Nietzsche:

És um escravo? Então, não podes ser amigo.

És um tirano? Então, não podes ter amigos.

Para H. Mujica (2000), a amizade engendra singularidade. É a forma que a intimidade adquire quando inclui a distância. Equipara-a com um nó desatado e com um pacto de gratidão que se sustenta, acima de tudo, a partir da consideração do outro. Implica em um deixar-se escolher, uma entrega, mas “sem transformar-me em seu”; inclui os outros, mas sem fusão, nem física, nem espacial.

3. Narcisismo, complexo de Édipo e complexo fraterno

O eu transita e convive entre duas realidades: a realidade narcisista e a realidade derivada da castração. Destas duas realidades é a segunda a que fala, a visível, sendo a primeira a oculta, a mais sutil e fantasmática (Aragonés, 1999).

Nas duas sessões que transcreverei a seguir, aparece a realidade narcisista de Marcos, com seus dois mecanismos da desmentida e da cisão, mecanismos que Freud (1938) descreveu no “Esboço de psicanálise”: “*Formam-se duas posturas psíquicas ao invés de uma postura única: a que leva em conta a realidade objetiva, a normal, e a outra, que, sob o influxo do pulsional, desfaz o eu da realidade. As duas coexistem, uma junto à outra. O desenlace depende da força relativa de ambas*”.

Na primeira sessão a mãe da criança solicita entrar no consultório com ele para informar sobre alguns dos seus comportamentos durante as férias de inverno do segundo ano do processo analítico. Na segunda sessão, que intitulei “Deus, Caim e Abel”, é Marcos quem convida o pai para que assista com ele à sua sessão.

Em ambas fica evidente a trapaça narcisista de Marcos: intra-subjetiva e inter-





Luis Kancyper

subjetiva. Trapaça de uma elaboração intrincada, na qual participa, de um modo inconsciente, a complacência parental, ao entronizá-lo como o inquestionável Rei primogênito que detém um poder unívoco. Por sua parte, Marcos desmente o reconhecimento da *alteridade* como sujeitos discriminados e com direitos próprios e não como meros objetos da sua arbitrária descarga pulsional.

Sessão A: O Sem Consideração

A mãe de Marcos me diz na porta do consultório que gostaria de entrar com seu filho na sessão para comentar alguns fatos ocorridos durante as férias de inverno, porque julga que podem ser proveitosos para o tratamento. Esclarece-me que seu filho aceitou bem a sua proposta.

Marcos: – Lógico. Eu sei que é para o meu bem.

Convido-os a entrarem. Ambos sentam-se tranqüilos, e a mãe dirige um olhar carinhoso a Marcos:

Estela: – Tu sabes que te adoro. Já te falei, e também o fiz aqui, que vejo muitos avanços em ti e que em muitas coisas tu és quase outro menino. Mas, nestas duas semanas, me dei conta de que existem outras atitudes tuas que me preocupam. (dirige-se a mim) Marcos não tem consideração e é agressivo. Não tem consideração comigo, com o Diego, menos com seu pai. Nem sequer pensa como o outro vai reagir.

Não pode ver o seu irmão. Diz-lhe de tudo: Sai, tens um cheiro ruim, não sabes jogar tênis. Manda nele, faz exigências sem piedade – traz isto, traz aquilo – e o outro vai, o abraça, lhe dá beijos, e ele o rejeita. E se não for, o ameaça. Quando falo com Diego, ele interrompe e começa a dizer: – Mãe – mãe – mãe e não me permite continuar falando. (Olha para Marcos. muda o tom da sua voz): Eu te amo. Eu te perdôo tudo porque sou tua mãe e o farei sempre. Mas os outros não têm por que fazer o mesmo que eu. Tu não consideras o momento do outro. Estou no banho e comesças a falar comigo do lado de fora. Falo pelo telefone com uma amiga e falas comigo, como se eu não estivesse fazendo nada (volta a olhar para mim). O que não me entra na cabeça e não consigo entender é porque sente tantos ciúmes do Diego. Meu marido e eu tentamos dar o mesmo tempo para cada um.

Meu irmão mais velho era o coitadinho, aquele que não podia nada. Sempre diziam: “Coitadinho do Lito, pobre Lito que não pode ter uma casa linda como a tua”. E a mim não cuidavam. Descuidavam-se de mim. Nós dois somos especialmente cuidadosos com os filhos. Não queremos que exista essa diferença. O amor é para os





dois. Já o sofremos na própria carne. Ontem fez com que me sentisse muito mal diante da professora de inglês. Tenho dificuldades com os idiomas, e ele diz para ela: – Minha mãe não faz nada. Ela te diz que não pode; mas a verdade é que não faz nada. (Olha-o de novo) Fizeste me sentir mal. É justamente um problema que não consigo resolver e vens colocar o dedo na ferida. Por que tanta agressão comigo? Já não és tão pequeno.

O analista pergunta para Marcos se tem algo a dizer para a sua mãe:

Marcos: – Sim, é assim. Não posso dizer outra coisa. Mas o Diego também me incomoda. Mas, o resto é assim mesmo.

Estela: – Além disso gritou comigo quando estávamos as duas famílias juntas. As crianças brincavam entre elas, e tu ficavas sentado com os adultos. E isso também vejo como uma desconsideração e uma agressão para com teus amigos.

Marcos: – Não me dei conta, interessava-me o que estavam falando na mesa (fica bravo). Mas não o faço premeditadamente. Tu não entendes?

Nesse momento perguntei-me se a desconsideração e desconexão que a mãe de Marcos descreve não teriam certa relação com a qualidade dos primeiros vínculos entre eles e então lhe perguntei como se sentia depois do nascimento dos seus filhos. Respondeu que se sentia mais do que feliz; Marcos foi o rei da casa. Sua chegada representou toda uma comoção familiar. O primeiro filho, o primeiro neto. Então intervenho dizendo a Marcos que, por momentos, se sente como se ainda fosse o Rei, o único que tem direito de falar, de mandar e de dominar todo o território e seus habitantes.

Marcos (ri): – Pode ser.

Estela: – E é avassalador, não deixa nem um lugarzinho para o Diego (olha para Marcos). Eu vou te desculpar tudo porque te amo, eu não sei se teus amigos vão deixar passar as barbaridades que eu agüento e que me machucam.

Mostro para a mãe que amá-lo não é precisamente desculpar-lhe tudo, porque isso é mimá-lo. E que agüentar e ser machucado tampouco são sinônimos de amar.

Estela: – Sim, eu o mimo, agora entendo a diferença.

Marcos (ri): – Entendes? Não me desculpes tudo. (Apóia sua mão sobre a mão da sua mãe e a acaricia com timidez).

Estela: – Antes não era assim. Agora estás mais querido. Mas eu vejo que





Luis Kancyper

nestas férias ficou triste. Não convidou seus amigos. Tem visto muita televisão ou lido a página esportiva dos jornais. Ou fica brincando no computador. Vejo-o muito solitário.

Nesta primeira sessão focaliza-se, com maior precisão, o risco de que Marcos permaneça detido em um funcionamento cindido de sua personalidade, dentro do estado de “*seu narcisismo inicial, que no início inclui tudo*” (Freud, 1914), um estado que lhe confere os direitos inquestionáveis de um Rei sem consideração. O termo “sem consideração”, empregado pela mãe de Marcos, fala-nos sobre as relações narcisistas de objeto do seu filho, nas que desmente a existência e o reconhecimento do outro.

As crenças narcisistas de Marcos da unicidade, de rei, encontram-se ao mesmo tempo reforçadas pela complacência masoquista materna: “Eu vou te desculpar tudo, porque te amo. Eu não sei se teus amigos vão te deixar passar essas barbaridades que eu agüento, embora me machuquem”.

Considero que é função do analista de crianças apontar para os pais a posição sofredora que têm perante seus filhos. Em muitos casos, são os filhos que se colocam ou são colocados no lugar da vítima pelos progenitores. Estes costumam induzir os seus próprios filhos a que assumam o papel sádico complementar de um verdugo, para fazê-los atender à satisfação de seus próprios movimentos masoquistas e narcisistas.

Sessão B: Deus, Caim e Abel

Na sessão seguinte, ao entrar no consultório, Marcos anuncia que seu pai chegará em alguns minutos, pois deseja minha ajuda para esclarecê-lo o quanto é importante discriminar quem é o responsável pelo início de uma briga. Nesta última oportunidade, quem começa a insultar e a jogar os brinquedos fora seu irmão, enquanto ele permanecia tranqüilo em seu quarto, fazendo os temas de casa.

Pergunto-lhe por que precisa que eu esteja presente para poder falar com o pai. Responde-me que ainda há várias coisas que este não aceita e que ele, Marcos, considera injustas, sentindo-se mais tranqüilo para falar das mesmas em minha presença.

Chega o pai e, carinhosamente, diz ao filho que a briga da noite anterior não fora corriqueira, mas sim um verdadeiro desastre, uma espécie de guerra civil. Adverte-o que não permitirá que algo semelhante se repita.

Marcos insiste no fato de que Diego iniciara a briga, tendo rasgado três folhas de sua pasta escolar, o que o obrigara a refazer as tarefas à noite. Se, depois disto, agredira violentamente ao irmão, isso decorrera desta prévia provocação. Nesse mo-





mento, penso que Marcos tenta colocar seu pai no lugar do Deus bíblico para verificar se tem preferência por um filho e condena a ação do outro (Deus – Caim – Abel).

Porém, o pai evita atuar este papel induzido com insistência por Marcos, argumentando que, por não estar presente no exato momento da briga, não iria defender um ou castigar o outro. Considera que ambos são responsáveis pela violência que se desenvolveu. Assinala que Diego pode ter um estilo mais explosivo, provocando cenas escandalosas nas quais grita e atira objetos, mas Marcos é mais incisivo e corrosivo. Demonstra a Marcos a forma como este provoca e despreza o irmão, acrescentando que, nas últimas semanas, o tem percebido mais autoritário com as empregadas da casa.

Intervenho, neste momento, perguntando a Marcos se o convite para que seu pai viesse à sessão não teria o intuito de testar se este continuava mantendo a atitude do “Pai de sobra”, que o preferia de um modo eloqüente, mas que também o deixava no lugar do herdeiro e Rei. Ou se seria, agora, um pai diferente, que imporá normas entre os filhos.

Marcos chora com angústia e diz: – Meu pai é injusto. Intensifica-se seu choro; seu rosto e mãos se retorcem de dor. O pai o contempla com assombro. Olha-me e seus olhos se umedecem. Pergunto: – O que, neste momento, gera em ambos tanta dor? O pai responde: – Dói-me ver como Marcos sofre. Também me encanta ver como me enfrenta. Eu nunca pude fazê-lo com meus pais. Mas seu irmão o adora e ele o rejeita e insulta; isto não pode continuar assim. Não sei se está correto o que acabei de pensar, mas te pergunto, filho: Será que também não debochas de teus amigos e os provocas? (ver Vallino & Macción, 1996).

Marcos pede um lenço para o pai, seca as lágrimas, mas não lhe responde. Mostro a Marcos que sua dor é grande e muito profunda. Talvez porque se sinta cansado com as mudanças de atitude do pai, mas, quem sabe, não teria este choro algo de alívio por ver retirado o peso de ser o eleito e deixar de ser aquele que tem maiores responsabilidades a assumir? Olha-me fixo. Já não chora mais. Não responde.

Analista: – Quais são os benefícios de seguir ocupando o lugar do Rei da casa?

Marcos: – Não há apenas benefícios. O Rei está afastado de todos. Há muitas pessoas que te invejam, que querem te matar. Não tens amigos. O Rei está sozinho. Todo o dia sentado no trono sem fazer nada. A única vantagem é possuir uma riqueza e dominar tudo (chora).

A dor dilacerante de Marcos provém do desgarramento narcisista gerado pelas batalhas de ambivalência que se travam nas dimensões intra-subjetivas e inter-





subjetivas. As intra-subjetivas acontecem pelo conflito que se estabelece entre as instâncias ideais da personalidade: ego ideal, ideal de ego e ego servil. Marcos permanece capturado como um Rei isolado pela vaidade de ser o primogênito. Trapaça narcisista, da qual participa também uma dimensão intersubjetiva do contrato narcisista parento-filial, no qual ambos os consignatários atendem ao mandato de serem o inquestionável “Sua Majestade o Bebê”.

Nesta sessão, presenciamos o início do abandono desta crença inconsciente, o que desperta, em um primeiro momento, desilusão, dor e violência pelo cansaço no não cumprimento de um contrato pretérito, através do qual tinha sido erigido como o natural e único herdeiro e beneficiário do patrimônio parental.

Em um segundo momento, padece uma intensa angústia, porque, por meio de seu insight sobre os benefícios e malefícios de ser o Rei, começa o processo de uma desidealização gradual. De fato, a parte mais secreta e onipotente de sua personalidade, a que ele nutria em complacência com seus pais e avós, começa a ser questionada e a rachar.

“O modo de pensamento narcisista se fundamenta em certezas e afirmações unívocas. O funcionamento narcisista da personalidade não tolera nem as dúvidas nem as ambigüidades. Não pode fazer frente à desilusão. O ego idealizado dá provas de uma grande “avidez espaço-temporal” (Resnik, 1977).

O fato de que Marcos comece a tomar consciência do seu ego-Rei e de que seus pais, por sua vez, comecem a romper o contrato narcisista (Aulagnier) sustentado até o presente o faz submergir em um estado confusional e de desamparo e leva seus pais a um trabalho de elaboração complementar; pais e filho se introduzem assim em transitórias situações de incerteza, sofrimento e ternura, até que se instale gradualmente um novo reordenamento das posições familiares.

Lembremos que, na sessão anterior, a mãe transmitira sua preocupação pelas tendências antagônicas de expansão e de introversão de Marcos. Ao relatar como ele agia de forma desconsiderada e invadia o lugar discriminado do outro, alternando com momentos de isolamento e de recolhimento, descreve-nos uma parte do funcionamento narcisista de seu filho.

Em sua tendência à expansão, o ego narcisista apropria-se do espaço e das coisas do mundo circundante, enquanto o outro não é reconhecido como sujeito. A tendência oposta à expansão megalomaníaca é a introversão e retração libidinal, na qual o sujeito se recolhe sobre si mesmo e se subtrai da realidade objetiva.

Estas tendências narcisistas encontravam-se ao mesmo tempo reforçadas desde a dimensão intersubjetiva pela complacência materna “que o entendia, amava e





suportava de um modo incondicional.”

O pai, porém, experimentou uma virada (wendung) nesta sessão. Ao dizer – e ao conduzir-se coerentemente com suas palavras – que não vai mais autorizar que se desencadeie uma nova guerra civil entre seus filhos e ao executar um corte em sua ambivalente identificação narcisista e fraterna com o primogênito, quebra a instalação simbiótica entre ambos: entre o mítico pai-Deus e sua arbitrariedade na eleição de um único herdeiro. Introduce, assim, a lei pacificadora do pai que regula e neutraliza a tragédia narcisista ativada pelo lado tanático dos complexos fraternos.

Outro importante fator a destacar neste caso é o que assume seu irmão Diego. Este trava seu próprio embate narcisista, fraterno e edípico, para também conseguir ser reconhecido e confirmado em sua identidade masculina pelo pai e pelo irmão mais velho.

Diego é aquele que se opõe à desconsideração do pai e de Marcos, combatendo-a com furor. Se tem seu lugar preferencial na economia libidinal da mãe, volta a irromper com violência na dinâmica familiar com a finalidade de quebrar o sistema narcisista parento-filial, que privilegia univocamente o primogênito. Diego permanece, porém, como um mendigo errante e angustiado, sem um lugar disponível e discriminado no espaço mental paterno e fraterno.

Nesta sessão, observa-se de forma eloqüente a intrincada articulação que se estrutura regularmente entre as dinâmicas narcisista, edípica e fraterna (Kancyper, 1998). Sua análise permite-me sustentar que, assim como o sonho representa a via régia para a debelação e estudo do inconsciente, o complexo fraterno representa outra via régia para a debelação, elaboração e eventual superação das ambivalências edípicas e dos paradoxos narcisistas.

4. Algumas conseqüências psíquicas a partir da diferença na ordem do nascimento entre os irmãos

Estou de acordo e torno também minha a reflexão de Freud (1916b): “*A posição da criança dentro da série dos filhos é um fator relevante para a conformação de sua vida ulterior e sempre deve ser levada em consideração na descrição de uma vida*”.

Esta afirmação se vê corroborada na experiência clínica com Marcos.

A mitologia e a literatura também testemunham o papel substantivo que desempenha a ordem do nascimento dos filhos como uma força impulsora que intervé, sob a forma de “protesto fraterno”, na formação do caráter e da neurose e, pontualmente, na gênese e no dinamismo dos processos identificatórios e sublimatórios.





Luis Kancyper

Esclareço que não elevo o protesto fraterno à categoria de único fator que determina uma tipologia fixa, mas sim como um acontecimento de singular importância, junto a outros fatores convergentes, já que todo acontecimento está sobre-determinado e demonstra ser o resultado de várias causas determinantes.

A clínica psicanalítica revela e corrobora que, com notória frequência, costuma ser o irmão mais novo aquele que tenta descobrir, conquistar e cultivar os novos territórios. O mais velho costuma assumir-se como epígono da geração precedente, suportando o ambivalente peso de atuar como o continuador e o defensor que sela a imortalidade de seus predecessores.

O filho mais velho costuma ser identificado, a partir do projeto identificatório parental, como o destinado a ocupar o lugar da prolongação e da fusão com a identidade do pai. Esta identificação é imediata, direta e especular. Além disso, este *topos* identificatório é, ao mesmo tempo, reforçado pelo próprio irmão mais velho com receio, legitimidade e excessiva responsabilidade, interceptando no menor o acesso identificatório com as figuras parentais. Evidencia-se nele um receio quanto a não ser questionado seu exclusivo lugar como único e privilegiado herdeiro perante os subsequentes irmãos usurpadores, gerando-se, em um grande número de casos, “a divisão do troféu filial”. O filho mais velho encontra-se programado como aquele que vem ao mundo para deter as feridas narcisistas do pai e para completá-lo, e o mais moço para nivelar a homeostase do sistema narcisista materno. A experiência psicanalítica nos ensina que a rígida divisão do “troféu dos filhos”, oferecidos como meros objetos para regular a estabilidade psíquica do casal parental, é ponto de severas perturbações na modelação da identidade sexual e na expansão dos processos sublimatórios em cada um e entre os irmãos.

O irmão mais novo exige um percurso identificatório mais complicado para a aquisição de sua identidade sexual, porque, por um lado, permanece excluído de um disponível lugar identificatório com os progenitores – circuito já ocupado e vigiado pelo outro – e pode chegar, através de um desvio, à busca de novas alternativas exogâmicas e afastadas o máximo possível do território da economia libidinal familiar, na qual o irmão mais velho permanece investido como o legítimo herdeiro, ou o reconhecido duplo, por meio da primogenitura.

Este percurso identificatório gera um trabalho psíquico adicional no irmão mais moço, incrementando sua bissexualidade, que pode chegar a sublimar-se, propiciando a criatividade: caminho intrincado para a formação da identidade sexual, mas também propiciador de buscas e de novas incursões nos territórios desconhecidos. O irmão mais novo costuma ser eximido do papel de portador e fiador responsável pela tradição familiar imperante. Enquanto ele pode ser o questionador e o criador, o primogênito, em troca, será o epígono e o conservador.





Em “Psicanálise das massas e análise do ego”, Freud salienta, com base no mito da horda primitiva e nos contos populares, a façanha heróica assumida pelo filho mais novo para separar-se do grupo. No texto que reproduzirei a seguir, podemos deduzir, a partir da metapsicologia, como as relações entre o complexo paterno e o materno e os efeitos do ego ideal e do ideal do ego exercem sua influência nas profundezas da alma do filho mais novo.

“Assim como o pai tinha sido o primeiro ideal do filho varão, agora o poeta criava o primeiro Ideal de ego no herói que quis substituir o pai. O antecedente do herói foi oferecido, provavelmente, pelo filho mais novo, o preferido da mãe, a quem ela tinha protegido dos ciúmes paternos e aquele que, nos tempos da horda primitiva, tinha se convertido no sucessor do pai. Na falsa transfiguração poética da horda primitiva, a mulher, que tinha sido o troféu da luta e a isca para o assassinato, passou a ser provavelmente a sedutora e instigadora do crime.

O herói pretende ter sido o único autor da façanha que, sem dúvida, somente a horda como um todo ousou perpetrar. Porém, como observou Rank, o conto tradicional conserva nítidas marcas dos fatos que assim eram desmentidos. De fato, neles, freqüentemente o herói, que deve resolver uma tarefa difícil, quase sempre se trata do filho mais novo e, não rara vez, daquele que passou por bobo, vale dizer por inofensivo, ante o sub-rogado paterno –, só pode fazê-lo auxiliado por uma quadrilha de animais pequenos (abelhas, formigas). Estes seriam os irmãos da horda primitiva, da mesma forma como no sonho os insetos e os bichinhos significam os irmãos e as irmãs (em sentido pejorativo: como crianças pequenas). Além disso, em cada uma das tarefas que são consignadas no mito e nos contos tradicionais, distingue-se com facilidade um substituto da façanha heróica” (Freud, 1921).

Freud sublinha, neste parágrafo, a importância exercida pela complacência materna na formação da fantasia épica e parricida no filho mais novo. No primogênito, porém, se estabelece preferentemente um contrato narcisista entre o pai e o filho mais velho, no qual prevalecem fantasias de fusão e de especularidade, assinadas pela ambivalência entre a mortalidade e a imortalidade.

Estas fantasias são audíveis nos mandatos impostos pelo tirano Creonte ao seu filho Hemon, na *Antígona* de Sófocles:

Creonte: “Assim, filho meu, convém guardar no coração, antes de tudo e especialmente, os princípios que um pai formula.





Luis Kancyper

Porque esta é a razão pela qual os pais anseiam ter no seu lar filhos totalmente submissos, esses filhos que eles engendram.

Deste modo, para seus inimigos são tremendos vingadores; para os amigos do seu pai, são tão amigos quanto ele.

Pobre daquele que engendrou filhos sem proveito; diga, meu filho, o que consegue senão criar para si mesmo infortúnios e para seus inimigos fonte de desprezo?" (Sófocles).

O primogênito é o primeiro herdeiro que anuncia a morte à imortalidade do seu progenitor e suporta uma maior ambivalência e rivalidade por parte do pai. Este costuma negá-lo através da formação reativa do controle e cuidados excessivos sobre o filho, chegando ao extremo de estruturar entre ambos uma simbiose pai-filho (Kancyper, 1989).

Nesta simbiose, pai e filho alienam-se numa recíproca captura imaginária. Ambos tendem a reencontrar, no outro, uma parte de si mesmo, e entre ambos constitui-se uma relação singular, que envolve os participantes e gera ao mesmo tempo efeitos alienantes sobre cada um. A esta relação denominei relação centáurea, na qual o pai representa a cabeça de um ser fabuloso e o filho o corpo que o continua, completando-o.

As freqüentes identificações narcisistas que costumam recair sobre o primogênito têm um aspecto defensivo para a economia libidinal do pai. Servem para sufocar um amplo leque de afetos que envolvem, além das angústias e dos sentimentos de culpa inconscientes e conscientes, outra série de efeitos hostis, tais como ódio, ciúmes, ressentimento e inveja ante a presença do primeiro filho, que chega como intruso e rival, para provocar sua exclusão e gerar uma desarticulação na regulação libidinal do casal.

Além disso, o estabelecimento das relações de objeto narcisistas parento-filiais desmente a diferença entre as gerações e paralisa o ato da confrontação geracional. Desta forma, o pai tenta perpetuar-se na hegemonia do exercício de um poder atemporal sobre o filho e recusa-se a confirmá-lo como seu sucessor e natural herdeiro, aquele que finalmente chegará a suplantá-lo.

Esta perpétua ambivalência entre a mortalidade e a imortalidade encontra-se já manifesta nos arcaicos conflitos que os patriarcas bíblicos tiveram com seus primogênitos e em suas conseqüências nas rivalidades fraternas. Assim, Abraão abandona Ismael no deserto, Isac não abençoa o primogênito Esaú e tampouco Jacó a Rúben. Este bíblico conflito parento-filial estende seus influxos sobre os vínculos entre os irmãos, gerando, desde suas origens e até nossos dias, a compulsão à repetição dos enfrentamentos mais sangrentos entre as religiões e os povos.





O primogênito é investido como o primeiro suporte do ideal narcisista de onipotência e imortalidade do pai. Recai como um privilégio sobre ele o ego ideal de outro indivíduo através de identificações primárias.

O ego ideal serve de base ao que Lagache (Laplanche & Pontalis, 1971) descreveu com o nome de identificação heróica. Para este autor, a formação do ego ideal tem implicações sadomasoquistas, em especial a negação do outro, correlativa à afirmação de si mesmo. Para Lacan (1976 e 1981), o ego ideal constitui também uma formação essencialmente narcisista, que tem sua origem na fase do espelho e que pertence ao registro do imaginário.

O pai procura recuperar, através do primogênito, o estado chamado de onipotência do narcisismo infantil. Ele o investe como seu duplo especular, ideal e imortal. Ao primogênito são atribuídas identificações preestabelecidas, prontas para usar, enquanto que, sobre o segundo filho, costumam recair idealizações menos diretas e maciças e identificações menos precisas e mais próximas ao ideal do ego do que ao ego ideal parental.

A diferença entre estas duas formações intrapsíquicas é fecunda para salientar a gênese e a função paradoxal do narcisismo parental e seus efeitos sobre as dinâmicas edípica e fraterna.

“O Ego ideal conota um estado de ser já alcançado, enquanto o Ideal do Ego conota um estado de porvir, que é preciso alcançar. Designa uma capacidade ainda não realizada: é a idéia de uma perfeição pela qual o ego deve esforçar-se. O Ego ideal é a idéia do Ego como digno de ser amado em si mesmo, enquanto o Ideal do Ego é a idéia do Ego como digno de ser amado pelo que procura ser (Hanly, 1983, p.192).

Esta diferença entre o ego ideal e ideal do ego entre irmãos promove diferentes posicionamentos dos filhos em relação às responsabilidades que assumem na transmissão e perpetuação da tradição intergeracional. Escutemos os mandatos de imortalidade e de specularidade do primogênito Jorge Luis Borges:.

“Cegamente reclama duração a alma arbitrária, quando a tem assegurada em vidas alheias, quando tu mesmo és o espelho e a réplica daqueles que não alcançaram teu tempo e outros serão (e são) tua imortalidade na terra.”
 (“Inscripción en cualquier sepulcro”) (Borges, 1974).

“Soube, antes de ter escrito uma linha sequer, que meu destino seria literário” (Borges, 1982).





As diferenças entre o primogênito e os irmãos que o seguem geram inevitavelmente entre eles recíprocas e poderosas rivalidades e protestos. Sustento aqui que estas necessitam ser analisadas em exaustivo detalhe, se quisermos evitar que a diferente posição na ordem de nascimento entre os filhos desempenhe psiquicamente outro leito de pedra e uma inexorável marca do destino.

5. Rivalidade e protesto fraternos

Na história clínica “Sobre a psicogênese de um caso de homossexualidade feminina”, Freud (1920) revela-nos a importância que exerce a rivalidade fraterna na determinação da escolha de objeto sexual e no âmbito da escolha vocacional.

Descreve o “retirar-se em benefício de alguém” como a manifestação de uma rivalidade evitada, que não depende só de situações edípicas não resolvidas, mas que implica, além disso, os componentes narcisistas relacionados com a dinâmica paradoxal do duplo, maravilhoso e ominoso, ressignificado através do irmão. Diz Freud:

“Como até agora esse ‘retirar-se em benefício de alguém’ não tinha sido mostrado entre as causas da homossexualidade, nem tampouco em relação ao mecanismo da fixação libidinal, quero trazer aqui uma observação analítica similar, interessante por uma circunstância particular. Conheci dois irmãos gêmeos, dotados ambos de fortes impulsos libidinais. Um deles tinha muita sorte com as mulheres e mantinha inúmeras relações com senhoras e moças. O outro seguiu no começo o mesmo caminho, mas depois não lhe agradava mais caçar no terreno alheio e ser confundido com aquele em ocasiões íntimas em razão de sua semelhança física; resolveu a dificuldade virando homossexual. Abandonou as mulheres em favor do seu irmão, retirando-se em benefício dele. Também tratei de um homem jovem, artista e de disposição inequivocamente bissexual, em quem a homossexualidade se apresentou contemporânea a uma perturbação no seu trabalho. Fugiu, ao mesmo tempo, das mulheres e de sua obra. A análise, que pôde devolver-lhe ambas, revelou que o motivo mais poderoso das duas perturbações – renúncia na verdade – era o horror ao pai. Este tipo de motivação para a escolha homossexual de objeto deve ser freqüente; nas épocas primitivas do ser humano foi realmente assim: todas as mulheres pertenciam ao pai e ao chefe da horda primitiva. Em irmãos gêmeos essa ‘retirada’ desempenha um importante papel também em outros âmbitos, não só na escolha amorosa. Por exemplo, se o irmão mais velho cultivava a música e goza de reconhecimento, o mais moço, musicalmente





mais dotado, logo interrompe seus estudos musicais, apesar de desejar dedicar-se a isso, e é impossível convencê-lo a tocar um instrumento. Este é apenas o exemplo de um fato comum, e a investigação dos motivos que levam a essa 'retirada' ao invés de aceitar uma rivalidade aberta revela condições psíquicas muito complexas (Freud, 1920, p.152).

No “retirar-se em benefício de alguém”, são reativadas entre os irmãos fantasias fraticidas de excomunhão e de gemelaridade. Fantasia esta última na qual existe um único tempo, um único espaço e uma única possibilidade para dois (Kancyper, 1995).

Reinstala-se assim a relação sadomasoquista de um irmão que exerce excessivo controle e poder de submissão obsessivo e perverso sobre o outro irmão. Ao satisfazer sobre este suas moções agressivas, gera-se entre ambos um campo perverso no qual são reativadas as rivalidades edípicas, mas também as fraternas, que não se transpõem entre si. Em ambas intervêm diferentes angústias, sentimentos de culpa e fantasias, que costumam desenvolver-se tanto no irmão mais velho como no mais moço sob diferentes formas de protesto fraterno: conscientes e inconscientes, manifestos e latentes, reprimidos e cindidos.

No protesto fraterno, um dos irmãos manifesta uma agressão franca e uma rejeição indignada para com o outro irmão, que, segundo ele, sustenta um lugar favorecido e injusto. Não oculta sua hostilidade, porque, desde a lógica do seu narcisismo, a presença do outro é vivida como a de um rival e intruso que atenta contra a legitimidade de seus direitos e, ao mesmo tempo, ressignifica o “Homo Homini Lupus” que subjaz na vida anímica.

Nos protestos fraternos, circula uma ampla gama de afetos, fantasias e poderes hostis, não apenas do irmão mais velho para com o mais moço, já que também este último acumula, no tesouro mnêmico de seus afetos, uma intensa rivalidade perante o primogênito, originada pela relação de domínio entre eles durante o período infantil e pelos sentimentos de culpa suscitados a partir dos pactos secretos que cada filho estabelece com uma ou com ambas as figuras parentais. De fato, cada irmão, desde seu diferente lugar na ordem de nascimento, carrega diversos protestos fraternos.

Recordo a reclamação de um analisando que ocupava o “alinhavado” lugar de irmão mais moço na constelação familiar. – “*Minha mãe dizia: ‘O primeiro é bordado, o segundo costurado e o terceiro alinhavado’.*”

Na observação direta com crianças na vida cotidiana, observa-se que o anúncio do nascimento de um irmão provoca uma súbita repulsiva ferida narcisista, acompanhada de encarniçados protestos e rivalidades.





Luis Kancyper

Transcrevo a advertência proferida por uma menina de cinco anos a sua irmãzinha de dois, imediatamente após a mãe comunicar a ambas a chegada de mais uma irmãzinha: – “*Saiba que eu continuarei sendo sempre a mais velha, mas você já não será a mais nova*”.

E, a seguir, transcrevo as diferentes respostas de um irmão de oito anos e de sua irmã de dois e meio, no momento em que a mãe lhes comunica sua nova gravidez.

O filho mais velho exclamou com alegria: – “*Que sorte! Terei um irmão para jogar futebol!*”, enquanto que a pequena baixou o olhar e ficou muda. A mãe duvidou se a pequena tinha compreendido e lhe perguntou: – “*Ouviste bem o que falei? Vamos ver. O que é que a mãe tem na barriga?*” A menina com voz grave respondeu: – “*Um bobo*”. Quando foi ao hospital visitar seu irmão recém-nascido, aproximou-se da mãe e em voz baixa murmurou-lhe ao ouvido: – “*Já saiu o irmãozinho? Depois o colocamos dentro de novo?*”

No sujeito, o protesto fraterno origina-se pela ruptura de uma crença narcisista quanto ao ilimitado poder sustentado por “Sua Majestade o Bebê”. A presença do outro quebra essa crença inconsciente que costuma ser colocada em cena na fantasia que denominei a fantasia do unicato.

“O unicato é uma denominação cunhada no final do século XIX, aplicada ao governo de um único partido reacionário e corrupto. O eixo desse sistema político era uma concepção absolutista de um poder executivo unipessoal que inutilizava e avassalava aos outros, impedindo o estabelecimento de uma oposição organizada” (Romero, 1956, p.188).

Com insólita frequência vemos que o desejo de permanecer no lugar do unicato conservou-se no inconsciente e abre, a partir da repressão, seus efeitos particulares. Esta fantasia se edifica como o próprio ego ideal – que é um cultivo puro de narcisismo – sobre a base de desmentidas e, em virtude destas, conserva sua existência. Frente à morte, eleva sua pretensão de imortalidade e, frente às angústias do mundo e suas contingências, insiste em sua invulnerabilidade ao perigo. Ele, em si e por si, é digno do amor, do reconhecimento e do poder ilimitado e inquebrantável.

Epílogo: O complexo fraterno e suas quatro funções

O complexo fraterno é um conjunto organizado de desejos hostis e amorosos que a criança experimenta em relação a seus irmãos.





Este complexo não pode ser reduzido a uma situação real, à influência exercida pela presença dos irmãos na realidade externa, porque transcende a vivência individual. Também o filho único requer, como todo ser humano, assumir e tramitar os efeitos gerados pela forma singular como este complexo se constrói em cada sujeito.

Podemos diferenciar quatro funções:

- a) substitutiva
- b) defensiva
- c) elaborativa
- d) estruturante

a) A função substitutiva do complexo fraterno apresenta-se como uma alternativa para substituir e compensar o fracasso nas funções parentais.

A substituição pode também funcionar, por um lado, como função elaborativa do complexo de Édipo e do narcisismo e, por outro, como função defensiva contra angústias e sentimentos hostis relacionados aos progenitores, mas deslocados para os irmãos.

A função substitutiva é descrita por Freud (1916) na Conferência nº 21, ao assinalar que:

“...quando estes irmãozinhos crescem, a atitude para com eles sofre importantes mudanças”.

O menino pode tomar à irmã como objeto de amor em substituição à mãe, infiel; entre vários irmãos que competem por uma irmãzinha mais moça, já se apresentam as situações de rivalidade hostil que cobrarão significado mais tarde na vida.

Uma menina encontra no irmão mais velho um substituto do pai, que já não se ocupa dela com a ternura dos primeiros anos, ou toma um irmãozinho mais moço como substituto do bebê que em vão desejou do pai” (Freud, 1916b).

b) A função defensiva do complexo fraterno manifesta-se quando este encobre situações conflituosas edípicas e/ou narcisistas não resolvidas. Em muitos casos, serve para evitar e desmentir o confronto entre gerações, assim como para obturar as angústias.

Esta função defensiva vê-se facilitada em virtude do fenômeno de deslocamento, através do qual são produzidos falsos enlaces que originam múltiplos mal-entendidos; estes se atualizam na experiência clínica, assim como na mitologia e na literatura, por exemplo, na obra teatral *O mal-entendido* de A. Camus (1992).

Com muita frequência, os próprios pais provocam falsos enlaces entre os com-





plexos paterno, materno e parental com o complexo fraterno e promovem, ao mesmo tempo, competições hostis entre os filhos. “Dividem para reinar”. Desse modo, interceptam entre os irmãos a possibilidade de construir laços fraternos solidários, os quais permitiriam estabelecer-se entre eles um poder horizontal que contrastasse e confrontasse o abuso do poder vertical exercido pelos pais na dinâmica familiar.

c) O complexo fraterno exerce uma função elaborativa fundamental na vida psíquica, não só por sua própria envergadura estrutural, mas também porque colabora no incessante trabalho de elaboração e superação dos remanescentes normais e patológicos do narcisismo e da dinâmica edípica que se apresentam ao longo de toda a vida.

Assim como o complexo de Édipo impõe limites à ilusão de onipotência do narcisismo (Faimberg, 1989), também o complexo fraterno participa na tramitação e desligamento do poder vertical detido pelas figuras edípicas, estabelecendo outro limite às crenças narcisistas relacionadas às fantasias do “unicato”.

Entretanto, o sujeito que permanece fixado em traumas fraternos, não consegue uma adequada superação da conflitiva edípica e permanece em uma atormentada rivalidade com seus semelhantes, que pode cristalizar-se na repetição tanática daqueles que “fracassam ao triunfar”. Nesta conduta, além de atuarem as culpas edípicas não elaboradas, também participam culpas fraternas e narcisistas com suas correspondentes necessidades de castigo consciente e inconsciente.

d) O complexo fraterno possui um papel estruturante e um caráter fundador na organização da vida anímica do indivíduo, dos povos e da cultura.

Participa na estruturação das dimensões intra-subjetiva, intersubjetiva e trans-subjetiva através dos influxos que exerce na gênese e manutenção dos processos identificatórios no ego e nos grupos, na constituição do superego e ideal do ego e na escolha do objeto de amor.

Na parte II da “Introdução ao narcisismo”, Freud (1914) desenvolve um sucinto panorama dos caminhos para a escolha de objeto. Assinala duas possíveis formas de amar: uma de tipo narcisista e outra conforme o modo de apoio. Na primeira se ama:

- 1) aquilo que se é (a si mesmo);
- 2) aquilo que se foi;
- 3) aquilo que se gostaria de ser;
- 4) a pessoa que foi uma parte de si mesmo.

Quando descreve o tipo de escolha objetal de apoio, sublinha unicamente dois modelos do amar, segundo “...a mulher nutrícia e o homem protetor e as pessoas substitutas que se alinham em cada um destes caminhos” (Freud, 1914), mas não





inclui o irmão ou a irmã como um outro e semelhante que conta na vida anímica do indivíduo, com total segurança, “...como modelo, como objeto, como auxiliar e como inimigo; por isso desde o início, a psicologia individual é simultaneamente psicologia social neste sentido mais lato, mas inteiramente legítimo” (Freud, 1921).

Se “...no complexo de Édipo, são conjugados os inícios da religião, ética, sociedade e arte..” (Freud, 1913), é necessário afirmar que o complexo fraterno joga também um papel decisivo nestes inícios.

Os textos freudianos aqui citados e a experiência clínica com Marcos ou “o menino Rei que está sozinho” nos possibilitaram deduzir que o complexo fraterno – através de suas quatro funções – amplia de forma eloqüente as fronteiras de conhecimento sobre os incessantes e intrincados psicodinamismos que intervêm durante a permanente estruturação e desestruturação das realidades psíquica e social. □

Referências

- ARAGONÉS, R. J. *El narcisismo como matriz de la teoría psicoanalítica*. Buenos Aires: Nueva Visión, 1999, p.163.
- AULAGNIER, P. Los dos principios del funcionamiento identificatorio: permanencia y cambio. *Revista Argentina de Psicopatología*, V. II, Nº 8, p.7.
- BARANGER, M. Fantasía de enfermedad y desarrollo del insight en el análisis de un niño. *Revista Uruguaya de Psicoanálisis*, 1956, T. I, Nº 2, p.166.
- BARANGER, M., W. y MOM, J. El trauma psíquico infantil de nosotros a Freud. *Revista de Psicoanálisis*, 1987, T. 4, p.770.
- BARANGER, W. *La situación analítica como producto artesanal. La artesanía psicoanalítica*. Buenos Aires: Kargieman, 1994, p.460.
- BORGES, J.L. (1923). Inscripción en cualquier sepulcro. *Obras Completas*. Buenos Aires: Emecé, 1974, p.35.
- . (1977). *Todo Borges*. Buenos Aires: Atlántida, 1982.
- CAMUS, A. *El malentendido*. Buenos Aires: Losada, 1992, p.49.
- FAIMBERG, C. Repetición y Sorpresa. *Revista de Psicoanálisis*, 1989, T. XLVI, Nº 5, p.721.
- FREUD, S. (1913). Tótem y Tabú, *A.E.T.* XII, p.158
- . (1914). Introducción al narcisismo. *A.E.T.* XIV, p.87.
- . (1916). Conferencia Nº 13: Rasgos arcaicos e infantilismo del sueño. *A.E.T.* XV, p.189.
- . (1916). Conferencia Nº 21: Desarrollo libidinal y organizaciones sexuales *A.E.T.* XVI, p.304-305.
- . (1920). Sobre la psicogénesis de un caso de homosexualidad femenina. *A.E.T.* XVIII, p.152.
- . (1921). Psicología de las masas y análisis del yo. *A.E.T.* XVIII, p.67 y 128.
- HANLY, Ch. Ideal del yo y Yo ideal. *Revista de Psicoanálisis*, 1983, T. XL 1, p.192.
- KANCYPER, L. (1989). *Jorge Luis Borges o el laberinto de Narciso*. Buenos Aires: Paidós, 1989, p.35.
- . (1991). Remordimiento y Resentimiento en el Complejo Fraterno. *Revista de Psicoanálisis*,





Luis Kancyper

- 1991, T. XLVIII y en: *Resentimiento y Remordimiento*. Buenos Aires: Paidós, 1991.
- . (1995). Complejo Fraternal y Complejo de Edipo. *Revista de Psicoanálisis*, 1995, T. LII, N° 3 y en: *La confrontación generacional*. Buenos Aires: Paidós, 1997.
- . (1998). Complejo Fraternal y Complejo de Edipo en la obra de Franz Kafka. *Revista de Psicoanálisis*, 1998, T. LV, N° 2.
- . (2001). El Complejo Fraternal trófico y tanático en la obra de J.L. Borges. *Revista de Psicoanálisis*, 2001, T. LVIII, N° 1.
- LACAN, J. Ideal del Yo y Yo ideal. *Seminario I*. Barcelona: Paidós, 1981, p.197.
- . El estadio del espejo. *Escritos I*. México: Siglo Veintiuno, 1976, p.11.
- LAPLANCHE, J. y PONTALIS, J. *Diccionario de Psicoanálisis*. Madrid: Labor, 1971.
- MUJICA, H. No se elige, se acontece. *Revista Viva del Diario Clarín*, Buenos Aires, 15/ VII/2000.
- RESNIK, S. Acerca de la depresión narcisista. *Revista de Psicoanálisis*, 1977, T. XXXIV, N° 1, p.146.
- ROMERO, J. L. *Las ideas políticas en la Argentina*. Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica, 1956, p.188.
- SÓFOCLES. *Antígona*. México: Porrúa, 1991, p.197-198.
- VALLINO, D. y MACCIÓN, M. Note sul complesso fraternal nei grupi. *Psiche* V.2, 1996, Roma, p.62.

Tradução de **Traduzca**

Revisão técnica de **Gisha Brodacz e Lucia Thaler**

Luis Kancyper

Güemes 2963, 10°
1425 – Buenos Aires – Argentina
E-mail: kancyper@sinectis.com.ar

© Revista de Psicanálise – SPPA





Transferência ou cesura?*

*Arnaldo Chuster**, Rio de Janeiro*

* Trabalho apresentado à III Conferência Internacional sobre a obra de W.R.Bion, Los Angeles, Califórnia, 5 a 8 de Fevereiro de 2002.

** Membro da Associação Psicanalítica do Rio de Janeiro (nova sociedade provisória filiada à IPA).

Revista de Psicanálise, Vol. IX, Nº 1, abril 2002 □ 39





“Rephrasing Freud’s statement for my own convenience – There is much more continuity between autonomically appropriate quanta and the waves of conscious thought and feeling than the impressive caesura of transference and countertransference would have us to believe. So...? Investigate the caesura; not the analyst, not the analysand; not the conscious; not the unconscious; not the sanity, not the insanity. But the caesura, the link, the synapse, the (counter-trans)-ference, the transitive-intransitive mood.”

W.R.Bion, *The Grid and Caesura* (1975), p.57.

Introdução

O objetivo deste trabalho é indagar sobre dois termos, *transferência* e *cesura*, referidos à obra de W.R.Bion. Desenvolvo esta articulação por compreender que, no artigo *Caesura* (1975), Bion condensa suas principais questões sobre a *transferência*. De um modo geral, pretendo discutir que, nas idéias desenvolvidas no artigo, em que também estão condensadas as concepções finais de Bion sobre a psicanálise¹, os termos se superpõem e, por razões que pretendo também discutir, existe uma abertura de pensamento que permite substituir, sempre que necessário, o primeiro termo, amplamente conhecido, pelo segundo, menos saturado de significados e essencialmente *crítico*.

O que é transferência em Bion?

Em mais de uma ocasião, Bion referiu-se às palavras através da metáfora das moedas. Com o tempo e o uso, desgastam-se e degradam-se, originando equívocos diversos.

Na psicanálise, ainda que faça parte essencial do processo analítico cuidar de tal problema, algumas palavras, em curto espaço de tempo, sofreram este destino inevitável. Penso que *transferência* é uma delas, apesar de ser a principal teoria e instrumento psicanalíticos. Além de transportada – transferida – para o discurso co-

1. Nos artigos subseqüentes, Bion prosseguiu desdobrando em novas facetas o termo que o inspirou na citação de Freud em *Inibição, Sintoma e Angústia* (1923): “*Há muito mais continuidade entre a vida intrauterina e a primeira infância do que a impressionante cesura do nascimento nos permite acreditar*”. Deste modo, os artigos *On a quotation from Freud* (1976), *Evidence* (1976), *Emotional Turbulence* (1977), *Making the best of a bad job* (1979), tratam da questão.





mum, foi feito o possível para banalizá-la, ignorando-se assim as advertências de Freud: “*Não nos surpreendemos suficientemente com a transferência*” (1914). Do início ao fim de sua obra, Freud mantém, em relação ao fenômeno, esta mesma posição de perplexidade e, em *Um Esboço da Psicanálise* (1938), ele diz: “*É muito estranho que o analisando reencarne em seu analista um personagem do passado*”.

Podemos então concluir que, para Freud, a transferência foi constantemente uma questão de *surpresa* e, no começo de sua obra, até mesmo de má surpresa (chegou a descrevê-la para o pastor Pfister como a “cruz” do analista). Todavia, para o analista de hoje, ela é um fenômeno esperado, sua inquietação ou mal-estar se refere muito mais ao julgamento de que a transferência não está sendo visível. Por este motivo, surgiram algumas concepções de psicanálise tratando de “extraí-la” (como se faltasse), com o analista precipitando-se em atribuir a si um personagem do passado do analisando que necessariamente não estava sendo reencarnado. Isto resultou em diversas falhas terapêuticas.

Em Bion veremos que o conceito de transferência resgata essencialmente a reencarnação de um “estranho” (portanto, a surpresa) que, antes de ser um “personagem” interceptado pela linguagem do vínculo, é algo incognoscível, inefável, e que denomina de “O” (1965). São os efeitos deste *movimento incognoscível*, a evolução de “O”, que caracterizam a transferência, descrita então pelas diversas *teorias psicanalíticas*. Mas, a rigor, nenhuma teoria consegue relatá-la, a transferência não é algo que se pode escrever ou traduzir como um texto, prova disto é a insuficiência constante de todo relato de análise, qualquer que seja sua forma. Na verdade, transmitir de fato o que constitui uma análise ainda está para ser inventado.

Desenvolvimento dos conceitos

Em *Elementos da Psicanálise* (1963), há uma frase de Bion que entendo bem se aplicar ao desenvolvimento dos conceitos: “*Eu sei que o argumento é circular. Fico na dependência do diâmetro do círculo*”. Sendo o argumento a transferência, acompanharemos o aumento do diâmetro, na medida em que a obra se desenvolve.

Bion, ao escrever seu primeiro trabalho em psicanálise, já utiliza uma das mais significativas idéias de Freud sobre o elemento *surpresa* na transferência: o *duplo*. Ainda que, no *Gêmeo Imaginário* (1950), não cite na bibliografia o conhecido trabalho de Freud, *O estranho* (1919), as idéias são coincidentes. O *Gêmeo Imaginário* é um “*duplo*” na mais plena acepção freudiana: o que emerge com *surpresa*, causando estranheza ou medo.

Na década de 50, investigando a problemática dos pacientes psicóticos, Bion





Arnaldo Chuster

descreve um tipo peculiar de transferência – caracteristicamente precipitada e frágil (portanto, sempre surpreendente) – associada com elementos de ódio à realidade interna e externa, ódio ao aparelho mental capaz de fazer contato com elas, predomínio de impulsos destrutivos a ponto de dominarem os amorosos transformando-os em sadismo e terror constante de aniquilamento iminente. Surge o trabalho sobre a *parte psicótica da personalidade* e seu contraste com a *parte não psicótica*.

Prosseguindo nesta linha, em *Sobre Arrogância* (1958), o estranho é apresentado no mito edípico através dos personagens que lutam contra o “surpreendente e fugidio” conhecimento da verdade. É possível pensar, a partir deste trabalho, na transferência como um movimento simultâneo de busca e recusa do conhecimento de uma *verdade inalcançável*, portanto, um movimento que possui uma *ética trágica*, cuja única saída é *criar*. Como na mente apenas os pensamentos são o que se pode criar o tempo todo, *Uma Teoria do Pensar* (1960) segue naturalmente esta ética e indica a possibilidade de se conceber o fenômeno inconsciente como essencialmente o resultado criativo de um vínculo.

Neste ponto, entendo que Bion toma um caminho que vai buscar uma terceira alternativa às duas concepções de transferência vividas por ele nas experiências de análise com Rickman (freudiana) e Klein. A tentativa de sistematização desta alternativa própria encontra-se na *Grade*, para onde convergem gradualmente, nas versões que evoluem, os resultados dos desdobramentos teórico-práticos posteriores a *Uma teoria do Pensar*, ou seja, os textos *Aprender da Experiência* (1962), *Elementos da Psicanálise* (1963), *Transformações* (1965) e *Notas sobre Memória e Desejo* (1967).

A *Grade* concebe um *campo analítico*, englobando simultaneamente em seus eixos as concepções freudianas e kleinianas de transferência, e inclui a nova concepção desenvolvida por Bion, que implica num “terceiro” que é o *fato selecionado*² captado pela *função psicanalítica da personalidade* e do qual depende a oscilação das posições esquizo-paranóide e depressiva (EP↔D).

O vértice desenvolvido pela *Grade* amplia a teoria do Pensar e prossegue enfatizando que, na transferência, os mais heterogêneos componentes podem concorrer para a evolução (positiva ou negativa) de uma análise. A *subjetividade* não é criada apenas na *psicogênese* (eixo vertical) – que se inicia em níveis pré-natais e vai realizar-se nas experiências que se sucedem, a partir do seio, até alcançar os sistemas dedutivos científicos e as mais sofisticadas abstrações de pensamento –, mas simultaneamente no *uso* (eixo horizontal), onde temos a seqüência: hipótese definitiva,

2. O fato selecionado, teoria proveniente do pensamento de Poincaré, deixa implícita a instabilidade do sistema mental, questionando qualquer idéia de dualidade presente nas teorias anteriores e gerando questões epistemológicas que foram desenvolvidas nos textos da década de 60. Sua elaboração final pode ser encontrada em *Attention and Interpretation* (1970).





defesa contra o desconhecido na interface mentira/verdade, notação, atenção, indagação e a variabilidade infinita das ações. No seu conjunto, a Grade fornece uma dimensão social-histórica e lingüística do processo analítico, confrontando um eixo predominantemente sintagmático (vertical), diacrônico, com um eixo predominantemente paradigmático (horizontal), sincrônico. Este desenvolvimento atende a uma prática que produziu em Bion uma busca da ampliação de sua noção de Inconsciente.

No capítulo 6 de “*Aprender da Experiência*” (1962), Bion explicita as razões teórico-práticas desta necessidade de ampliação: “...os fenômenos presentes na análise não se identificam com a descrição de Freud da personalidade que atua, durante a fase de predomínio do princípio do prazer, para se livrar dos acréscimos de estímulos. Aquela personalidade é, dentro de certos limites, normal; a que descrevo é bastante anormal. A atividade que se manifesta, sob a dominância do princípio do prazer, para livrar a personalidade dos acréscimos de estímulos, se substitui, na fase de predominância do princípio da realidade, pela evacuação dos elementos beta indesejáveis. Um sorriso ou uma afirmação verbal se interpreta como um movimento de evacuação e não como uma comunicação de sentimento”.

Por outro lado, o que se define como “evacuação”, derivada da existência em todo indivíduo de uma personalidade “anormal”, implica em relações com o espaço e o tempo que necessitam ser investigadas por um novo vértice. Isto resultou, em termos práticos, pensar em uma *Teoria das Transformações* como a principal diretriz desta investigação.

Nela, Bion continua a repensar os conceitos de corporeidade existencial³ e busca sair dos impasses repetitivos das estruturas que não estão preparadas para acolher o paciente cujo sorriso não é sorriso, ou que não aprende com a experiência dos sentimentos, ou que sente dor, mas não a sofre, ou que, ao invés de transmitir significado em seus gestos e palavras, transmite objetos inanimados e objetos bizarros.

Transferência e transformações

A teoria das transformações, embora considerada por muitos bastante complexa, introduz um novo discurso que irá modificar sensivelmente a re-especificação de Bion da posição perante a transferência e, conseqüentemente, da noção de tratamento. No texto, qualquer vestígio de dicotomia e estruturação cede lugar a uma forma

3. Meltzer(1983): “...psychoanalysis discovers that a body exist, which thinks. This body which imposes its powerful soma-psychotic experiences, with their emotional spectrum ranging from in-love-ness and terror, becomes separated from the mind (we are more accustomed to notice) in daily life and in analysis, perhaps at the ‘caesura’ of birth”.





inédita de conceber a transferência através dos conceitos de *mudança catastrófica*, *transformações em K*, *transformações em moção rígida*, *transformações projetivas*, *transformações em alucinosose* e, finalmente, as “*transformações em O*”. Elas são referidas às transformações que ocorrem com e entre analista e analisando, caracterizadas pelos sinais $Ta\alpha$, $Ta\beta$, $Tp\alpha$, e $Tp\beta$ ⁴.

Neste texto, Bion se dispõe a desenvolver um *método crítico* da abordagem psicanalítica, advertindo que não há intenção de criar com isto novas teorias. Entretanto, esta é uma proposição ambígua, pois, no desenvolvimento do método crítico, podemos reconhecer a formulação de uma visão teórica particular da principal teoria psicanalítica: a *transferência*.

A descrição dos tipos de transformação parte de uma metáfora espacial tirada do pensamento kleiniano, “*a distância em que um objeto é projetado pela intensidade da identificação projetiva*”. Deste modo, de acordo com a intensidade da identificação projetiva, temos graus distintos e crescentes de distorção perceptiva do objeto, na seqüência: *transformações em K*⁵, *transformações em moção rígida*, *transformações projetivas*, *transformações em alucinosose*. Entretanto, uma série de consultas feitas por Bion ao pensamento científico amplia e transcende o pensamento kleiniano, esboçando um caminho próprio, que podemos chamar de *metapsicologia do “O”*.

A *transformação em O*⁶ distingue-se das demais, à medida que sua ação não ocorre mais no campo do Saber, mas do “tornar-se”. Ocorre em outro sistema que não envolve distorção. Ela é a transformação em que o significado adquirido realiza a existência da “verdade” do sujeito. O sujeito torna-se significado ao invés de saber acerca de si mesmo.

Na teoria das transformações, devemos mencionar a questão da temporalidade, essencialmente complementar ao parâmetro espacial utilizado na teoria. Na *transformação em O*, a temporalidade é muito próxima da que existe no inconsciente: o sujeito aproxima-se de ser aquilo que sempre deveria ter sido. Um pensamento sem pensador está em questão. A concepção de vida aventura-se no infinito, sempre indi-

4. $Ta\alpha$ - transformações do analista que produzem uma interpretação; $Ta\beta$ - a interpretação; $Tp\alpha$ - no ciclo de transformações do paciente, aquilo que pode ser processo onírico; $Tp\beta$ - um sonho ou o discurso do paciente na sessão.

5. K – sede de saber. O vínculo do conhecimento.

6. O conceito de “O” é central na obra de Bion a partir de *Transformações* (1965). Trata-se de um ideograma concebido para atender a exigência epistemológica conseqüente ao uso de um conceito vazio, insaturado de significados, aberto à experiência, com o qual indica o limite constitutivo do desafio próprio da psicanálise: o inconsciente tomado como conceito quântico através da infinitude indicada pelos termos verdade, verdade absoluta, realidade última, que são objetivos de busca científica. Representa em termos kantianos o campo numênico, posteriormente também referenciado como pensamento sem pensador. A letra pode referir-se à noção de origem, desde que o princípio ético-estético de observação seja o da indecidibilidade da origem.





cando recursos emocionais para deixar para trás o que foi conquistado. O significado do mundo é criado, mas a imaginação é que cuida dos fatos. A direção é sempre o ser, *tempo não-linear*.

A *transformação em K* refere-se aos processos de conhecimento em geral, pensamentos que foram pensados por um pensador em algum momento da história. Qualquer saber instala uma cisão temporal: um antes e um depois do saber. O tempo do saber desdobra o presente em duas direções heterogêneas das quais uma se lança no futuro e outra cai no passado. Trata-se de uma *temporalidade referencial*, o que confere um grau de falsificação da verdade e negação da incompletude de todo conhecimento. O tempo pode ser usado como sinônimo de saber.

A *transformação em moção rígida* corresponde à definição original de Freud sobre a transferência: idéias, sentimentos, emoções, são transferidos à pessoa do analista. Mas podemos dizer que corresponde também a um predomínio, na mente, de um sentimento de nostalgia, decorrente de uma perda real ou imaginária de um objeto. O passado torna-se, assim, uma presença constante e tende a substituir o presente como uma irremediável ausência. Uma *temporalidade circular* resulta do movimento que ocorre entre um “ser-móvel” e um “ser-ausente”.

A *transformação projetiva* corresponde à definição original de Melanie Klein para a fantasia inconsciente. A dificuldade para se usar a linguagem adequada resulta na visão de um mundo dominado por forças tirânicas e incontroláveis. O meio de atuação pode ser o da linguagem inadequada, como o meio corporal onde se encontra a gama variada das somatizações e doenças chamadas de psicossomáticas. A lógica do tempo é oscilatória, *tempo oscilatório*, cada ação tem uma reação igual e contrária, mas não são perceptíveis de forma direta. É comparável a uma infiltração de água numa parede, não sabemos onde começou, mas sabemos que a água não devia estar correndo por ali. Todavia, em alguns indivíduos, a “infiltração” aparece como expressões artísticas.

A *transformação em alucinação* mostra como é próprio da duração do tempo que seu todo não seja captável. Para alguns a experiência estética desta impossibilidade não é tolerada. Em conseqüência fragmenta-se o todo, desfazendo-se a integração dos vínculos da experiência emocional, o que produz o sentimento de *atemporalidade*, não no sentido da inexistência do tempo, mas do estado confusional, no qual passado, presente e futuro são misturados e acompanhados do sentimento de verdade. As transformações em alucinação promovem a predominância do princípio do prazer e o excesso de sensorialidade (através da estimulação, no analista, de memória e desejo, incluindo o desejo de dormir), através de uma posição predominante de valores que favorecem a atuação e desconsideram as conseqüências. Muitos pacientes travam verdadeiras guerras para provar a superioridade de *transformações em*



Arnaldo Chuster

alucinoso sobre transformações em O, como veremos mais adiante nos problemas inescapáveis e inerentes ao trajeto do psiquismo humano representado pelo mito edípico.

Na realidade, todas as transformações descritas fazem parte da movimentação dos personagens do mito edípico. Enquanto mito, ele fornece uma versão abreviada das teorias psicanalíticas importantes para auxiliar o analista a perceber o crescimento e fornecer interpretações que iluminem aqueles aspectos dos problemas do analisando que se referem ao crescimento.

Devemos usar o termo cesura ao invés do termo transferência?

“The caesura is the important thing, that is the source of the thinking”

Se transferência é *surpresa*, ou todo e qualquer fenômeno que emerge com esta *qualidade emocional* no vínculo analítico (e afeta a ambos os participantes), podemos dizer que, apesar da *repetição* (caracterizando, de acordo com Freud e Klein, o fenômeno da transferência), o que importa para Bion é *o novo e o desconhecido* que podem emergir (além do que não existe repetição de idêntico; algo sempre se modifica). Esta posição está muito claramente estabelecida em *Notes on Memory and Desire* (1967) and *Attention and Interpretation* (1970).

O termo “*caesura*”, usado por Bion, resgata para o trabalho analítico essa qualidade de fenômeno surpreendente. Assim, quando ele nos remete à citação de Freud – *existe muito mais continuidade entre a vida intrauterina e a primeira infância do que a impressionante cesura do nascimento nos permite acreditar* – reintroduz o vigor contido nos significados de meio gerador e criação, ligação e trânsito, nascimento e morte, trânsito oculto e explícito, cegueira e percepção do inesperado, mas, seja em qualquer momento e em qualquer lugar, trata-se daquilo que emerge com o movimento de surpresa.

Diante de tantos significados (desenvolvidos previamente pelas idéias de relação continente-conteúdo, fato selecionado, pré-concepção buscando uma realização para transformar-se em concepção, relação entre a não-coisa e a coisa, entre o não-eu e o eu), o analista necessita ter cautela, ou, usando a expressão que Bion tomou emprestado do poeta Keats, necessita ter *capacidade negativa* (a capacidade de tolerar as incertezas, as meias verdades, os mistérios, sem uma tentativa ansiosa para atingir o fato e entendê-lo). É este o estado mental do analista (equivalente ao estado sem memória, desejo e necessidade de compreensão) que pode interagir com a transferência.

Em outras palavras, quando se espera a transferência, quando se deseja encon-





trá-la, ela não aparece – o que aparece em seu lugar é o que podemos chamar de transferido, ou o conteúdo através do qual se pode acreditar que interpretações transferenciais são possíveis simplesmente seguindo de forma mecânica o fluxo associativo, como se a sonoridade ou a lógica comum pudessem dar conta desta ruptura (ou cesura) que sempre aparece. O transferido (ou o conteúdo) constitui parte do trânsito, mas não é o que produz o trânsito. Faz parte da transferência, mas não é a transferência em si.

Pelo vértice do efeito das interpretações, não se altera o Ser do vínculo pelo que é transferido, altera-se o Ser pelos elementos que produzem o trânsito. Ou seja, alterando-se o continente, ampliando-se o espaço mental, problematizando⁷. Assim, o movimento da transferência não ocorre sem *mudança de um estado mental para outro* – é a *coisa em si que se movimenta* o que constitui a transferência⁸. Portanto, em Bion a análise acaba falando sempre a linguagem da *experiência emocional* (as paixões sempre voltam à superfície), confirmando a idéia original de Freud: a transferência é aquilo que exprime o “essencial”.

Por outro vértice, o princípio conceitual da experiência emocional (o triângulo K,L,H), atende à idéia de *campo analítico* e pretende deixar claro que a transferência é apenas um *limite* passível de determinação, pois seus efeitos se dão no âmbito de um sujeito indeterminístico, seja com relação a um passado indecidível ou em relação a um futuro que ainda não aconteceu. Assim, temos uma complexidade englobando as observações analíticas.

O modelo indeterminista de Bion, ressaltando a *transitoriedade* do fenômeno analítico, pode ser confrontado com as modernas teorias da instabilidade e do caos. Esse modelo confere um significado fundamental ao princípio da flecha do tempo, sem a qual somos incapazes de compreender os dois princípios característicos da natureza que estão presentes na mente humana: sua unidade e sua diversidade. A flecha do tempo, comum a todas as partes do universo, é testemunha dessa unidade. Quanto à diversidade, ela é testemunhada pela presença de objetos produzidos por processos irreversíveis de não-equilíbrio (onde existe vida existe entropia e, portanto, processos irreversíveis).

7. Isto também significa ampliar a capacidade da função-alfa, modificando as repetições originárias do padrão que começou com a rêverie materna. Para o analista, significa sempre que *La réponse est le malheur de la question*.

8. Portanto, para captar seu valor de surpresa, não podemos ter, como mostrou Bion (1967), desejo, nem memória ou necessidade de compreensão, nem interferências sensoriais. A análise só é operante se o analista consegue desfazer-se de si.





O modelo espectral cesura/turbulência emocional como condição de observação da transferência

A psicanálise parte da *observação* apurada de fatos visando a acolher, como enfatizamos, o emergir do elemento *surpreendente* e *desconhecido*. Esta observação não sendo ao acaso, mas planejada para um determinado espaço, necessita de determinados *princípios* que a sustentem. Nomeei-os em trabalho prévio (Chuster, 2000) de *princípios ético-estéticos de observação*, pois, na psicanálise, assim como em toda observação científica, é necessário possuir uma ética de observação que se reflita na criação da linguagem interpretativa.

Um dos objetivos do conceito de cesura é estabelecer uma *crítica* colocando dúvidas sobre o direito simplista de extrapolar conhecimentos, pois essa tendência pode paralisar o pensamento criativo e a capacidade de observação. Um exemplo significativo, para ilustrar a questão, é o da geometria euclidiana e seus cinco postulados. O mais famoso é o das duas paralelas que jamais podem se encontrar. Ninguém sonhava em contestá-lo. Mas chegou um dia em que alguns matemáticos mostraram que era possível construir outras geometrias, as não-euclidianas, que se revelaram muito ricas e criaram o conceito de certos “espaços” num outro estilo, o que permitiu a teoria da relatividade de Einstein. Sem a colocação de uma cesura, jamais teria sido possível essa descoberta. Nesse sentido, o conceito de cesura questiona os modos habituais de pensar, as lógicas estabelecidas, permitindo direcionar o pensamento no rumo de novas possibilidades lógicas. É esse o sentido que interessa à psicanálise, posto que seu fenômeno central se refere a uma lógica desantropomórfica, que expõe uma realidade que não segue os parâmetros biológicos de começo, meio e fim, nem os conceitos de espacialidade, ou seja, *a realidade do inconsciente*.

Na última fase da obra de Bion, a observação desta realidade “essencial” é apresentada sempre pela faceta da “*turbulência emocional*” com contornos bem precisos e significativos. Podemos abordá-la a partir de uma questão principal. Trata-se da percepção e do acolhimento da turbulência emocional implícita em cada sessão analítica e das condições que permitem transitá-la no vínculo analítico. O tema obviamente não é novo, mas consiste numa abordagem pessoal, uma forma singular de apresentar a transferência como um fenômeno *on transience* que *remete sempre a uma cesura*.

O termo “*transience*” nos recorda o artigo *Verganglichkeit* de Freud (1916) e ressalta a natureza intrinsecamente *transitória* da psicanálise enquanto um processo. Sem apreciar esta característica não há como usufruir o processo, não há como procurar *making the best of a bad job*. Em outras palavras, a *temporalidade* está presente de várias maneiras no processo analítico. Para começar, é fundamental que, como





psicanalistas, observemos que os seres humanos e a condição humana são constitutivamente temporais, isto é, *históricos*. Isto significa que as nossas capacidades e aquilo que somos se definem no desenvolvimento da história. Portanto, não podemos conhecer o ser humano e a condição humana se não o compreendermos e o interpretarmos a partir das determinações que são adquiridas e criadas no curso da história. A história analítica se constrói e com ela são gerados instrumentos que a própria relação deve utilizar para se expandir. São o que Bion chamou de *private myths*.

Além disso, na análise, como na vida, podemos e somos obrigados a falar de um *tempo objetivo* em geral. A sessão começa em tal hora, termina em determinada hora, tantas vezes por semana, durante x meses e y anos. O analista, bem como os analisandos tiram férias, falam das estações do ano, de feriados, discutem as interrupções inerentes a todas as instâncias sociais, falam de atraso, de chegar antecipado, de atos falhos e de atos sintomáticos que nos levam a trocar o horário das sessões, etc. Mas estas discussões não se restringem à mera formalidade de um acordo entre partes. Os analisandos podem entender o mais formal dos acordos com um sentido distinto do senso comum. E isto não será percebido, a menos que o analista coloque em ato uma outra dimensão da mente que nada tem com o senso comum ou o tempo em geral. Aqui devemos notar que, em sua subjetividade, há várias espécies de tempo – ou vários sentidos deste termo –, como procuramos mostrar na descrição das transformações.

O modelo espectral turbulência emocional/caesura e a imaginação produtora

Como já foi dito acima, o uso de uma teoria das transformações sugere um vértice nosográfico psicanalítico não-convencional e não-psiquiátrico⁹, que Bion desdobrou nos artigos subseqüentes. Este vértice permite a conjectura imaginativa que visualiza toda população como um espectro que abrange, em um dos pólos, uma parcela de indivíduos inalisáveis e infra-analisáveis (que dificilmente conseguem estabelecer um processo analítico) e, num pólo oposto, uma fração muito mais restrita de indivíduos ultra-analisáveis, isto é, que teriam feito sua análise, qualquer que fosse o analista e a técnica utilizada. Um destes indivíduos é, sem dúvida, Freud. Por outro lado, é evidente que a prática analítica não concerne absolutamente a estes

9. Interesse-me aqui também pela possibilidade de pensar numa nosografia puramente psicanalítica, sem laços psiquiátricos. Talvez possamos encontrá-la na concepção da análise como um espectro das transformações descritas por Bion (1965). Tenho em mente ainda o diálogo entre P.A. e Robin em *Memoir of the Future, II – Past Presented*, pgs. 125 e 126, que podemos resumir da seguinte forma: as concepções psiquiátricas concebem uma pessoa cindida. A divisão é útil para propósitos da fala articulada, mas obscurece a coisa que transcende as fronteiras da gramática.





extremos, mas à grande maioria dos casos em que o resultado depende de modo decisivo da qualidade da experiência do analista, de sua formação, etc. É sobre esta maioria que o enfoque e a responsabilidade dos analistas e suas instituições têm-se empenhado.

Todavia, cabe aqui a pergunta: o que podemos fazer para ampliar as possibilidades da fração inalisável ou infra-analisável do espectro?

Consideremos agora, por um momento, que dentro de qualquer indivíduo existem todas as graduações do espectro mencionado. Que recursos existem na psicanálise atual que podem influenciar a qualidade da análise e do analista na abordagem deste espectro? Haveria, no extremo dos ultra-analisáveis, elementos que poderíamos utilizar com os infra-analisáveis?

Penso que, mais uma vez, esta flexibilidade pode ser obtida a partir de Freud, que, sendo um exemplo de indivíduo ultra-analisável, sabia levar isto para seu trabalho e aproveitar ao máximo o que o momento podia lhe dar, isto é, ir ao “ponto chave”, o ponto que em Bion está descrito pelo modelo da cesura/ turbulência emocional.

Para ilustrar esta tese, refiro-me inicialmente ao encontro analítico de Freud com o compositor Gustav Mahler (1910). Antecederam-no uma série de eventos trágicos. Em 1907, as duas filhas do compositor tiveram difteria, vindo a mais velha a falecer. No auge da comoção familiar, um médico foi chamado para examinar a sra. Mahler, que parecia estar desenvolvendo um problema cardíaco. Mahler recebeu-o de forma irônica, perguntando se este não queria também examiná-lo. O clínico atendeu ao pedido e constatou que o compositor sofria de um grave problema cardíaco. Logo depois um especialista em Viena confirmava a seriedade da situação.

O casal deixa então a casa de verão em Maierning e passa o resto da estação no Tirol. Nestas paragens, durante longas e solitárias caminhadas, Mahler vai esboçando as canções que no ano seguinte tomariam a forma definitiva de *Das Lied von der Erde* (*A Canção da Terra*). Nelas consegue expressar toda sua aflição e angústia. Ele tornara-se apenas um observador distante do que chamou “*o incompreensível e incessante feérico fluir da vida*”. Ao mesmo tempo, começou a esboçar uma 9ª sinfonia. Todavia, o ato criativo aterrorizava-o. Mahler não conseguia parar de pensar que Beethoven, Schubert e Bruckner, que tinha como seus mestres, morreram quando chegaram ao número 9 de suas obras. O número tinha um caráter fatal, a marca de um destino trágico. Mahler sabia que sua cardiopatia era grave e que não ia viver muito tempo; começar uma 9ª significava abreviar mais ainda sua vida, cujo sentido se ligava à causa da música. No acorde para driblar a morte, Mahler decreta que *Das Lied von der Erde*, já pronta, é a 9ª e então autoriza-se a compor a 10ª. Na ocasião comenta com a esposa “*agora o perigo passou*”. Entretanto, Mahler nem mesmo





chegou a viver para ver interpretada sua “9ª” e só terminou alguns movimentos da 10ª.

Hoje em dia, graças à psicanálise, podemos opinar que a superstição numérica provinha da rivalidade edípica de Mahler com os antigos e idealizados “mestres”. O desejo de obter a mesma “grandeza” dos “pais” de sua música também implicava secretamente em rebaixá-los. Culpa e medo de represália dos fantasmas estavam presentes. Mahler resvalou então para o lugar do que não pode desejar, do servidor-escravo da música, e se interdita para aplacar o destino, isto é, os pais ocultos. Conseqüentemente, interditou-se sexualmente na relação com a esposa, aquela que a realidade trágica fazia coincidir com a mãe lesada em seus objetos internos. Foi em virtude deste deslizamento do conflito para a esfera sexual e amorosa, que Mahler decide tardiamente procurar Freud (que aceitou atendê-lo quando estava de férias em Leyden, Holanda).

A experiência analítica teve a duração de *uma tarde*. Sobre ela Freud escreveu a Theodor Reik (1935):

“... e se tenho de acreditar em certas evidências, é muito que consegui na ocasião. Pareceu-lhe necessário vir me consultar, pois sua esposa se revoltara contra o fato de que sua libido dela se afastara. Incursões interessantes na história de sua vida nos permitiram descobrir sua condição amorosa pessoal, especialmente sua fixação materna. Tive oportunidade de admirar a capacidade de compreensão psicológica que tinha este homem genial. Nenhuma luz esclareceu então a fachada sintomatológica de sua neurose obsessiva. Foi como se houvesse cavado uma única e profunda fenda num edifício misterioso”.

Sobre a carta de Freud, Reik reflete: “...situações e circunstâncias extraordinárias, assim como personalidades extraordinárias, exigem medidas extraordinárias”.

Mas não seriam de alguma forma “extraordinárias” todas as pessoas que nos procuram para uma análise?

Penso que essa pergunta só adquire algum sentido no universo da turbulência emocional e da complexidade inerente à mente humana. É nesse universo que as pessoas se tornam extraordinárias. Afirmção que permite ampliar um pouco a interpretação anterior e acrescentar que Mahler, alguns anos antes, no 3º movimento de sua 2ª sinfonia, já tentava expressar a complexidade dos sentimentos que no final da vida pareceriam derivados única e exclusivamente da experiência trágica: “*Como os movimentos de dançarinos num salão de baile iluminado que são vistos de fora, do*





Arnaldo Chuster

seio da escuridão, a uma distância que torna a música inaudível... então a vida pode lhe parecer sem sentido”.

Apesar da tragédia, das perspectivas sombrias do prognóstico médico, a turbulência emocional nunca deixou de estar presente e conectada ao processo criativo, cuja origem remonta a muitos anos antes, talvez até intra-uterinamente. Podemos chamar isto de *memória do futuro*¹⁰, que, metaforicamente falando, corresponderia a uma espécie de “caldeirão” de “memórias” incompletas (ou não-saturadas), memórias de sonho e, principalmente, pré-concepções. Estas, em seu conjunto, constituíram a matriz de pensamento que gerou *A Canção da Terra*.

No episódio podemos ver que Freud não se deixou intimidar por toda a tragédia explícita e sua coragem científica lhe permitiu voltar-se para a cesura da tragédia implícita. Apesar de todas as circunstâncias adversas, a *complexidade* da vida psíquica continuava sendo para ele objeto de investigação e respeitosa admiração.

Na física quântica, a questão da turbulência/complexidade é da mesma forma altamente significativa. Conta-se que Werner Heisenberg, no seu leito de morte, declarou que teria duas questões para Deus: “*Por que Relatividade e por que turbulência?*” E prossegue: “*Eu sinceramente acredito que ele deva ter uma resposta para a primeira questão...*”.

Apesar de Heisenberg referir-se obviamente à turbulência na física, os pontos em comum com a psíquica são por demais extensos e abrangentes. Afinal, tanto na física como na psicanálise, estamos lidando com *sistemas transientes*, isto é, *sistemas instáveis*, que conseqüentemente só podem existir com três ou mais dimensões¹¹.

Em outras palavras, onde temos turbulência/cesura é como se defrontar com um *limite*, é a instabilidade em ação, significando também que aparece um vazio. É expressão do movimento ao acaso, testemunha da tendência para o caos. Todas as regras são questionáveis e podem ser quebradas. Como se pode analisar alguém no âmago desta experiência? Muito provavelmente não teremos tão cedo a resposta, pois o campo é do incognoscível. Entretanto, podemos considerar que, apesar de toda esta complexidade de seu objeto, a psicanálise pode ajudar enormemente as pessoas a libertarem suas palavras e sua capacidade de tomar decisões e com isto ajudar a libertar a *imaginação*, expandindo a capacidade mental. Cabe assim, ao psicanalista, fazer uso de *imaginação produtora*, do mesmo modo que qualquer cientista diante do

10. “*Eu posso imaginar que existem idéias que não podem expressar-se mais vigorosamente porque estão enterradas no passado que está esquecido, ou enterradas no futuro que ainda não aconteceu, e que mal podemos dizer pertencerem àquilo que chamamos de pensamento*” (Bion, W.R., Cesura, *Rev. Bras. Psicanal.* 15:123,1981).

11. Isto significa que os sistemas duais são sistemas idealizados, não correspondem às realidades da natureza, tal como mostrou Poincaré com a noção de fato selecionado.





objeto de sua investigação, e desta forma cruzar as cesuras que possibilitem o nascimento de significados, idéias, pensamentos, sentimentos, mudanças.

Material clínico

Caso 1

No mês de dezembro, com a proximidade do Natal, o cair da tarde no Rio de Janeiro é marcado por grandes retenções de trânsito. Na região próxima ao meu consultório em Ipanema, conhecida como Lagoa Rodrigo de Freitas, as retenções são ainda maiores, por conta dos motoristas curiosos que reduzem a velocidade de seus carros para apreciar a maior árvore de Natal do mundo, lindamente iluminada e instalada no meio do espelho d'água.

O paciente de 42 anos, a quem chamarei de W., não ignora a existência deste obstáculo em seu caminho. Se não providenciar para sair de seu trabalho antes da hora habitual, certamente se atrasará para a sessão nesta época do ano. Além disso, é também de seu conhecimento, adquirido na análise, que ele sempre deixa as coisas para serem feitas em cima da hora, tornando-as uma desagradável fonte de ansiedade. E foi esta repetição que a princípio começou a transitar entre nós, tal como me fez saber por meio de seu telefone celular. Ele acaba chegando próximo aos 20 minutos de atraso. Entra em meu consultório aparentando um misto de esbaforido e assustado. Traz nas mãos uma peça de metal e, logo que se acomoda no divã, começa a falar sobre ela.

O paciente procurou análise após o fracasso de seu terceiro casamento oficial. Suas dificuldades emocionais logo ficaram associadas com dificuldades de desenvolvimento no trabalho; projetos fracassaram, quase levando sua empresa à falência. Anteriormente, e no intervalo entre os casamentos, todas as suas relações afetivas fracassaram. Mas o que se mostrou para minha observação foi uma pessoa que tinha explicações para todos os fracassos e todas elas apontavam para responsabilizar a outra pessoa, nunca para ele, embora se mostrasse intelectualmente disposto a aceitar a teoria de que tinha alguma participação importante nestes rompimentos.

W. possui uma pequena indústria de aparelhos de precisão em tecnologia naval, por isto me explica que aquela peça em suas mãos, que vinha desenvolvendo para um novo sistema de navegação por satélite, apresentara um defeito que nenhum dos engenheiros conseguira entender. Mas, quando ele estava no meio do trânsito, parado, ansioso com o atraso, “*sendo obrigado a olhar para aquela árvore de Natal horrível que o estava atrapalhando*”, procurou “*sair fora de si*” e então, subitamente,





Arnaldo Chuster

entendeu o defeito da peça e começa a me explicar, vaidoso, as alterações da tecnologia que teria que fazer. Mas eu o interrompo e indago se teríamos também que fracassar falando sobre coisas que vão nos atrasar a entender o que se passa ali, ou se poderíamos pensar que ele acertou em descobrir o defeito, porque pode olhar para a árvore e não porque a evitou. Do mesmo modo, as coisas talvez estivessem dando certo pelo fato de ter podido olhar para si. Sinto que ele fica surpreso e contrariado com minha interpretação, permanecendo em silêncio por alguns momentos. Então, acenando afirmativamente com a cabeça, queixa-se que tinha passado uma noite difícil por causa daquela peça. Ficara num estado intermediário entre o sono e o acordar. Diz que muitas vezes se mantém neste estado peculiar e angustiante quando está preocupado e é muito difícil para ele descrever o que se passa. Digo que o “peculiar” poderia ser a demora para encontrar alguém ou alguma coisa, incluindo a mim naquele momento, que pudesse solucionar seus problemas, o que faz com que ele fique acompanhado destas sensações difíceis de descrever. São sensações térmicas, diz ele, como “*água fria correndo pela espinha*”, “*um calafrio escuro por baixo da pele*”.

A mãe de W. sofreu um aneurisma cerebral durante o quinto mês de gravidez. Permaneceu em coma profundo por dois meses numa UTI e recobrou a consciência aparentemente sem seqüelas. O parto foi prematuro, logo em seguida a sua alta hospitalar, três meses após o ocorrido. Ela não conseguiu amamentar o filho, alegando estar muito debilitada. Tudo indica que culpou a gravidez pelo acontecido com ela. Eu acrescentei, nesta oportunidade, as palavras “mãe fria e distante na escuridão”. O que W. pode fazer quando se confronta sozinho com “*o incompreensível e incessante feérico fluir da vida?*” Em muitos momentos, o movimento que ele faz aproxima-o destes objetos “em coma”, sua reação a isto produz os fracassos e a solidão. Mas, por outro lado, também deve representar um terror imenso ficar sozinho diante destes objetos.

No decorrer da análise, tenho dito de muitas formas diferentes que ele parece buscar uma situação na qual não pode ficar casado, nem consigo mesmo e nem com outra pessoa qualquer. Ali comigo é como se tivesse um analista distante para ele e que não pode ajudá-lo, apenas expô-lo a situações dolorosas. Mas, ao mesmo tempo, algumas vezes, este mesmo analista lhe mostra que existe algo novo, como a vida fluindo, e que pode ajudá-lo a decidir-se a enfrentar ou fugir das situações. Estaria o analista agindo como a parteira de Sócrates? Trazendo à luz a função psicanalítica da personalidade, ao mostrar descritivamente a cesura/turbulência emocional?





Caso 2

M., de 33 anos, advogada e jornalista, com frequência traz para a sessão a descrição de estados mentais em que se sente como que se colocando entre duas alternativas terríveis que equipara com o filme *A Escolha de Sofia*. Todavia, este tipo de experiência emocional não aparece em sua fala nas sessões. Estes estados, que parecem relacionados a situações violentas e muito primitivas, permitem vislumbrar algo do bebê que ela foi. Seus escombros estão presentes em estados mentais descritos como “preguiça, má-vontade, mau humor”. A interação com eles pode produzir sonolência no analista, se perder de vista a cesura aí colocada. Por isto, eu posso conjecturar imaginativamente que, se ela vai para o extremo oposto do sentimento de “terror” da “escolha”, estaríamos diante de uma situação em que ela sente, mas não sofre, este “terror” – e que existem, provavelmente, *transformações em alucinoso* tomando seu tempo objetivo.

A hipótese de uma comunicação (via identificação projetiva) da imagem de uma mãe fisicamente presente, mas emocionalmente ausente, permite também conjecturar se o analista estaria sendo colocado para sentir o que é ter esta mãe. Mas, ao mesmo tempo, permite sentir também o que é ter uma analisanda adulta que se mantém completamente imóvel no divã, que fala de forma arrastada e monótona, quase inaudível e em silêncio por longos períodos de tempo. Como perceber o elemento novo e desconhecido que emerge neste movimento repetitivo?

Sua reação a mínimas mudanças no analista ou no setting parece indicar que essa analisanda está ameaçada por uma *transformação em O* (mas qual seria o sentido “*break-down, break-up, break-through?*”). Assim, tento observar suas reações a tais mudanças.

É fato que, com frequência, ela se comporta como se desconhecesse que o tempo passa. Conseqüentemente não se dá conta de que só pode tirar da análise aquilo que coloca. Algumas vezes isto é mais amplo, pois, se ela não muda, é mais provável que a vida irá mudá-la e sempre para pior.

Numa sessão em que observava a cesura do seu silêncio prolongado, veio-me à mente a imagem da Pietá (posteriormente, dei-me conta que ela tinha falado meses antes sobre a estátua, cuja réplica tenho na estante de meu consultório). Questiono-a quanto à possibilidade de não estar podendo dizer tudo que lhe vem à mente, pois tem uma “escolha de Maria” para fazer (digo intencionalmente Maria – coincidentemente o nome de sua mãe – ao invés de M., nome da paciente). Ela, surpreendida, derrama uma lágrima e conta que ser sincera para com sua mãe sempre foi uma experiência de risco. Na elaboração, foi possível pensar que sinceridade, sentimentos de culpa, castigo e traição de confiança ficaram associados. Um sonho nesta ocasião mos-





Arnaldo Chuster

trou *uma criança querendo falar, mas que desistia e levava um tropeção numa cadeira*. Digo que ela se castiga por não estar podendo ser sincera consigo mesma, mas culpa simultaneamente alguém por isto. Este alguém, dependendo do momento, pode ser ela mesma, o analista (na cadeira) ou outra pessoa qualquer. Ela parece entender ao concordar. Mas o que significa estar de acordo com a interpretação? A *transformação em K* é apenas *tempo referencial*: naquele momento foi dito isto ou aquilo.

Na sessão seguinte, após o fim de semana, conta que desmaiou em casa. Assustada, foi procurar um clínico. Após o longo silêncio habitual, diz, com o também habitual discurso sem emoção, que foi constatada uma pressão arterial elevada e volta ao silêncio. Eu lhe descrevo a situação, ressaltando a ausência do sentimento diante de um fato que, no dia anterior, visivelmente a assustara. Ela então grita com muita raiva e com a voz em tom agudo (geralmente é em tom grave, quase inaudível) que “*se eu não fiquei espantado com o problema da pressão é porque eu devia estar de fato cagando e andando para seu estado...*”. Por um momento observo a surpresa da explosão; como ela é capaz de falar tão alto e não usa esta capacidade – qual a cesura? Ocorre-me que existe em M. uma cisão que poderia expressar-se pelo termo “de-pressão”. Digo que ela insinuava que, se eu fosse sincero, iria confessar que estava fazendo exatamente o que ela afirmava. Se isto pudesse ser a causa de-pressão alta, estávamos falando de uma pressão que uma velha hostilidade contida, sem poder se extravasar, poderia causar... Na sessão seguinte ela traz um sonho em que *segurava nos braços uma criança bem pequena. Alguém dizia que não era dela...* É isto o que podemos chamar de compulsão à repetição, quando ela oscila entre o medo de que a análise tenha sucesso (segurar e responsabilizar-se pelo bebê) e o medo de que fracasse (negar a responsabilidade pelo bebê).

Poderíamos descrever uma temporalidade oscilatória na pressão que desce e sobe rapidamente, característica das *transformações projetivas*, e também um esboço de *transformação em “O”*, em que a linguagem primitiva encontra expressão na experiência emocional: a mudança catastrófica na sessão? □

Referências

- BION, W.R.(1962). *Learning from experience*. London: W.Heinemann.
———. (1963). *Elements of Psychoanalysis*. London: W.Heinemann.
———. (1965). *Transformations: Change from learning to growth*. London: W.Heinemann.
———. (1970). *Attention and Interpretation*. London: Tavistock.
———. (1975). *The Grid and Caesura*. Rio de Janeiro: Imago.
———. (1974). *Bion's Brazilian Lectures II*. Rio de Janeiro: Imago.
———. (1979). Making the best of a bad job. In: *Clinical Seminars and Four Papers*. Abingdon: Fleetwood,1987.





- . (1997). *Taming Wild Thoughts*. London: Karnac Books.
- BOLLAS, C. (1992). *Forças do destino – psicanálise e idioma humano*. Rio de Janeiro: Imago.
- CHUSTER, A. (1989). *Um resgate da originalidade: as questões essenciais da psicanálise em W.R. Bion*. Rio de Janeiro: Degrau Cultural.
- . (1996). *Diálogos psicanalíticos sobre W.R. Bion*. Rio de Janeiro: Tipo & Grafia.
- . (1998). Bion cria de fato uma nova psicanálise? *Revista de Psicanálise da SPPA*, v. V, nº 3.
- . (1999). *W.R. Bion: Novas Leituras – a psicanálise: dos modelos científicos aos princípios ético-estéticos*. Rio de Janeiro: Co. de Freud.
- ETCHEGOYEN, R.H. (1987). *Fundamentos da Técnica Psicanalítica*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- GROTSTEIN, J. (1984). An Odyssey into the deep and formless infinite; The work of Wilfred Bion In: *Beyond Freud; A study of Moderns Psychoanalytic Theorists*. Hillsdale: Joseph Reppen. NJ: Analytic Press, pp.293-309.
- . (1990). Nothingness, meaningless, chaos and “the black hole”. The importance of nothingness, meaningless and chaos in Psychoanalysis. *Contemporary psychoanalysis*, 26(2):257-290.
- FREUD, S. (1914). The History of the psychoanalytic Movement, *S.E.* vol. XIV
- . (1923). Inhibitions, Symptoms and Anxiety, *S.E.* vol. XX.
- MATTE-BLANCO, I. (1975). *The Unconscious as infinite sets: an essay in Bi-logic*. London: Duckworth.
- MELTZER, D. (1992). *The Claustroom*. Pertshire: Clunie Press.
- REIK, T. (1935). *Variaciones psicoanalíticas sobre un tema de Mahler*. Madrid: Taurus.

Arnaldo Chuster

Rua Visconde de Pirajá, 547/1010, Ipanema
22410-003 – Rio de Janeiro – RJ – Brasil
E-mail: achuster@ism.com.br

© Revista de Psicanálise – SPPA



Atenção montador
a página **58** é branca





Um ensaio de interpretação do “Assassinato de alma” a partir do quadro teórico de Wilfred Bion*

Clarice M. Averbuck**, Lyon

A partir da análise do artigo de Freud de 1911 sobre O caso Schreber, o autor discute conceitos metapsicológicos das estruturas psicóticas, buscando dar um sentido à fantasia de “assassinato de alma” – elemento nodal do delírio místico de Daniel-Paul Schreber, autor de Memórias de um doente dos nervos, utilizando como referência conceitos psicanalíticos de Wilfred Bion. Considerando a qualidade generativa da emoção – combustível da vida psíquica – sublinha-se a importância da natureza das interações precoces na origem da formação do pensamento e na origem dos fenômenos substanciais à deterioração da capacidade de pensar do Presidente Schreber. Assim, do vértice da teoria do pensamento e da teoria do conhecimento de W. Bion, são estudados os fenômenos que parecem implicar na destruição da capacidade de pensar de Schreber: os ataques aos vínculos, os elementos de anti-emoção que se opõem às experiências de crescimento, envenenam seu espírito, mortificam sua alma, aprisionando-o num círculo deletéreo, na obediência compulsiva a um supra-ego destrutivo. A partir da análise da noção de “transformações”, são examinados a ação subversiva das idéias novas e os efeitos catastróficos das mudanças – fatores desencadeantes da descompensação psicótica, em sua estrutura frágil, marcada pela natureza traumática dos vínculos precoces com ambos os pais. O estudo

* Estudo realizado para o seminário “Metapsicologia das principais estruturas psicopatológicas” sob a coordenação de Henri Vermorel, Martine Janin, Christian Seulin e Christian Vasseur. (Lyon, abril, 1999)

** Grupo Lionês de Psicanálise – Sociedade Psicanalítica de Paris.





Clarice M. Averbuck

das partes psicóticas da personalidade abre a questões de interesse clínico e técnico para o analista e o solicita em sua negatividade para acolher os aspectos primitivos de seu paciente, que contêm também seu desejo de viver e de comunicar-se.

“A verdade terá a última palavra? Como gostaríamos de sabê-lo com certeza...”

Pierre Vidal-Naquet

Introdução

“O sentido da verdade é tão fundamental para o indivíduo quanto o fato de comer, beber, respirar ou eliminar dejetos. A incapacidade de comer, beber, ou respirar bem tem conseqüências desastrosas para a vida mesma. Mas a *incapacidade de utilizar a experiência emocional provoca um desastre de igual grandeza no desenvolvimento da personalidade*; eu incluo nesses desastres os diferentes graus de degeneração psicótica que se poderiam descrever como *morte da personalidade*.” Bion, *Learning from experience*, 1962, tr.fr. *Aux sources de l'expérience*, 1979, p.59.

No âmbito do seminário sobre a “Metapsicologia das principais estruturas psicopatológicas”, centrado no estudo da paranóia, Henri Vermorel reinscreve a questão aberta por Freud sobre o sentido do “assassinato de alma” no caso do Presidente da Corte de Apelação de Saxônia, Daniel-Paul Schreber. Essa questão coloca-se como “enigma” para Freud, que busca elucidá-la ao longo de seu trabalho sobre as *Memórias* do presidente, quando ele decifra seu delírio místico e escava as fundações para a compreensão psicanalítica das psicoses: “Nos alegraríamos em saber mais sobre o significado desse ‘assassinato de alma’, mas nesse ponto nossas fontes mais uma vez recaem num silêncio tendencioso (Freud alude à censura sofrida por *Memórias de um neuropata*, quando de sua publicação em 1903) ... Em resultado dessa omissão, deixam-nos às escuras sobre a questão do que significa ‘assassinato de alma’” (S. Freud, 1911, p.57).¹

1. Nas citações de Freud foi utilizada a tradução da Edição Standard Brasileira de suas obras completas (N. da T.)





Adiante ele vai mencionar a “única alusão sobre esse assunto que escapou à censura”: “Flechsigt tentou cometer assassinato de alma contra ele (Schreber). Como já sabemos, o próprio paciente não foi claro quanto à natureza real desse crime, mas a mesma estava ligada a questões de discrição que impediram sua publicação (como percebemos pelo terceiro capítulo suprimido). A partir deste ponto, um único fio conduz-nos à frente. Schreber ilustra a natureza do assassinato de alma referindo-se às lendas corporificadas no *Fausto* de Goethe, no *Manfred* de Byron, no *Freischütz* de Weber (...) e procurei em vão a expressão ‘assassinato de alma’” (Freud, op. cit. p. 63-64).

É, pois, a partir do artigo de Freud de 1911, “Notas psicanalíticas sobre um relato autobiográfico de um caso de paranóia” (Dementia paranoídes) (cf. passagens acima) que discutiremos conceitos metapsicológicos das estruturas psicóticas, adotando como nossa a questão da “morte de alma”.

Tentaremos comunicar de que modo damos um sentido a essa fantasia onipotente de Schreber através de algumas hipóteses que se impõem ao nosso espírito, aqui e ali impregnado e certamente sustentado pelo pensamento de W. Bion.

Do vértice de sua referência teórica, queremos estudar os fenômenos que parecem implicar na destruição da capacidade de pensar do Presidente Schreber, os elementos de ataques aos elos de ligação (anti-emoção) que se opõem à experiência emocional de crescimento, mortificam seu espírito, *assassinam sua “alma”*.

Para isso recorremos a dois pontos maiores da contribuição de Bion à psicanálise, representados por sua *teoria do pensamento e sua teoria do conhecimento*. Com Bion, a psicanálise interessa-se pelo aprendizado do pensamento cuja origem consiste na possibilidade de aprender pela experiência emocional. Para que o bebê possa aprender a pensar, é preciso que possa interiorizar a relação com uma mãe capaz de revêrie, introjetando um seio pensante. É sua visão epistemológica da função parental.

O ato de pensar não se dá por si: deve-se aprender a pensar. O bebê não poderá realizar funções mentais e dispor de um “aparelho para pensar os pensamentos” a não ser que a mãe, antes, por sua capacidade intuitiva de elaboração onírica, possa ela própria realizar essas funções. O aprendizado do bebê resulta, em grande parte, de sua possibilidade de interiorizar gradualmente essas funções de ligação. A introjeção não se limita à do objeto continente; ela comporta também a *introjeção da relação* de comunicação entre ambos os elementos do par mãe-bebê.

Nas palavras de Léon Grinberg (1991, p.62), no psiquismo do bebê fica interiorizado “um par feliz” constituído, de um lado, por uma mãe receptiva (continente), “apta a metabolizar os sentimentos projetados pela criança”, e, de outro, constituído pela criança mesma, “com suas emoções diferentes (conteúdo) colocadas por identi-





Clarice M. Averbuck

ficação projetiva no interior da mãe”. Em 1984, em “Dimensiones metapsicológicas y clínicas del pensamiento de Wilfred Bion” – artigo retomado na sua obra de 1996, p.137 –, Grinberg já explicitara a natureza fundamental da relação de continência: “(...) tratar-se-ia de uma relação cuja essência é a compreensão mais que a gratificação, o fracasso da compreensão mais que a frustração.” Nesse sentido, Bion considera que “a fraqueza do bebê e sua dependência da mãe são fundamentais para o desenvolvimento do pensamento. Se as experiências emocionais não são digeridas, o espírito se envenena e se destrói” (M. Perez Sanchez, 1994, p.76).

Rosela Sandri chama a atenção para a escolha de Bion dos dois símbolos “feminino” e “masculino” (♀ ♂) para representar a relação de continência, à semelhança de um par fecundo que pode “criar” com seu amor uma vida nova. Se acompanharmos Bion em seu trajeto, veremos que o que é gerado pela interação continente-conteúdo é o “sentido” (1991, pp.60-61)

Hanna Segal observa que, se o conceito de “continente” e “conteúdo” corresponde a “uma relação estritamente a dois”, com a emergência do pensamento simbólico na aproximação da integração depressiva, coloca-se o estatuto do terceiro objeto. Ela nos remete a Bion (1970), segundo o qual a boa relação de continência “dá lugar a um terceiro objeto de um modo que os dois objetos partilham um terceiro com vantagem para os três” (Segal, 1993, p.113).

De fato podemos dizer que a teoria da aprendizagem pela experiência descreve uma gênese: *a derivação de diferentes formas de pensamento a partir de uma experiência fonte.*

Na mesma época em que Bion formulava sua teoria do pensamento (1962), Esther Bick, sem contato direto com ele, apresentava suas conclusões sobre a experiência da pele nas relações de objeto precoces. Sua tese, apresentada em 1967, era que “sob sua forma mais primitiva, as partes da personalidade são sentidas como não tendo nenhuma força de ligação entre elas e devem, por isso, ser mantidas passivamente juntas graças à pele que faz a função de limite. Mas essa função interna de conter as partes do self depende, originalmente, da introjeção de um objeto externo, reconhecido como apto a preencher essa função. Ulteriormente, *a identificação com essa função*² do objeto substitui o estado de não integração e permite a fantasia dos espaços interno e externo” (1998, p.135). Essa noção de continência da pele-envelope foi desenvolvida na França por Didier Anzieu: por ego-pele ele “designa uma figuração da qual o ego da criança se serve ao longo das fases precoces de seu desenvolvimento, para se representar ele mesmo como ego continente dos conteúdos psíquicos a partir de sua experiência da superfície do corpo” (1985, p.39).

2. Grifo meu.

62 □ Revista de Psicanálise, Vol. IX, Nº 1, abril 2002





A noção de um espaço receptivo de continência interiorizado no ego, proposta por Bion, parece ter inspirado os conceitos metapsicológicos de André Green (1983, p.246) sobre *o apagamento do objeto primário* e sobre *a estrutura enquadrante*: a formação de uma matriz primordial constituindo um receptáculo do ego, produto do apagamento do objeto materno, “quando o amor do objeto é suficientemente seguro para desempenhar esse papel de espaço representativo”, espaço que circunscreve “um campo vazio a ser ocupado pelos investimentos eróticos e agressivos sob a forma de representações de objetos.”

A formulação de um conceito de campo “vazio” encontra-se na fonte da metapsicologia de Wilfred Bion. Por “*pensamento vazio*”, expressão extraída do filósofo Kant, Bion conceituava um estado equivalente ao de uma pré-concepção que não teria ainda sido ocupada por uma realização (Zimerman, 1991, p.63). É o estado de espera. Ele retoma, pois, a hipótese filogenética formulada por Melanie Klein da expectativa inata do seio, expectativa essa considerada por ele como uma pré-concepção. “Desse ponto de vista, o objeto externo vem ocupar um lugar que lhe estava predestinado, onde ele era esperado, e essa espera do objeto realiza já uma certa forma de investimento e um certo modo de conhecimento” (Mazet e Houzel, 1996, p.19). Na sua teoria do desenvolvimento dos pensamentos, a pré-concepção constitui o primeiro estágio. O “pensamento vazio”, ou pré-concepção, “pode ser pensado, mas não pode ser conhecido” (Bion, 1962).

O conceito de elemento não-saturado serve de apoio à proposição de Bion (1970) concernente à atitude do analista na sessão, *sem memória e sem desejo*. Aqui encontramos a influência de Freud (*Recomendações aos médicos...1912*) a propósito da regra fundamental sobre a *atenção flutuante*: “(...) não dirigir o reparo para algo específico e em manter a mesma ‘atenção uniformemente suspensa’ (*como a denomi-nei*) em face de tudo o que se escuta. (...) abandonar-se inteiramente à ‘memória inconsciente.’ Ou, para dizê-lo puramente em termos técnicos: ‘Ele deve simplesmente escutar e não se preocupar se está se lembrando de alguma coisa’”(op. cit., p.149-150). Bion, nas conferências em Los Angeles, disse que a atenção flutuante tal como Freud a descreveu se tratava da melhor expressão que ele jamais conhecera. Em *A opacidade da memória e do desejo* (1970), lembra que “Freud, em uma carta a Lou Andréas-Salomé, deu uma idéia de seu método para atingir um estado de espírito que proporcionaria vantagens compensadoras da obscuridade, quando o objeto de estudo fosse particularmente obscuro. Ele fala de nos tornarmos artificialmente cegos”.

Em 1962, Bion já sustentara que “...a capacidade de se lembrar do que o paciente disse devia acompanhar-se da faculdade de se esquecer, de modo a não se mascarar por um excesso de percepções ou de concepções errôneas (“mis-concep-





Clarice M. Averbuck

tions”) o fato de que cada sessão é uma nova sessão e, como tal, uma situação desconhecida exigindo a investigação psicanalítica. E no entanto, o analista deve contar com o conhecimento do paciente e as descobertas e os trabalhos de seus predecessores. Isso não faz senão reforçar a necessidade de se dispor de uma estrutura sólida, de um quadro teórico da psicanálise, capaz de uma flexibilidade de ação” (op. cit.,57).

No processo analítico, a *estrutura enquadrante*, além do setting propriamente dito, é constituída pelo espírito não-saturado do analista para com-preender seu paciente. Do lado desse, o mesmo estado de espírito permite-lhe aprender com a experiência e facilita-lhe o crescimento. O encontro dos dois psiquismos suficientemente abertos para se deixarem impregnar pela emoção assegura a representação do teatro do paciente: o universo de relações dos objetos internos com seus componentes eróticos e agressivos.

A dúvida tolerada é o suporte da “construção” da análise: “Um paciente que ataca tudo que faz vínculos manifestará seu descontentamento diante da aptidão do analista a preservar uma atitude de dúvida e fará esforços constantes para despertar os desejos e a memória do analista” (Bion, 1959, p.175).

Essa atitude requisitada pela análise, a fim de que possa realizar-se a investigação psicanalítica, remete-nos à atitude de observação descrita por Annik Comby como uma *receptividade viva em estado de pensamento* na qual “as informações são recolhidas do ponto de vista das capacidades humanas de ressonância emocional”. Esse “trabalho de receptividade e pensamento” é “próximo daquilo que Bion chamou de ‘capacidade de rêverie’” (Comby, 1990, pp.51-52).

Na teoria de Bion, a *emoção* situa-se no cerne do processo de desenvolvimento, é o “combustível” (Sandri, 1991) da vida psíquica, o terreno de uma “receptividade viva” (Comby, 1990), “o núcleo da significação no espírito humano” (Perez Sanchez, 1994). Para ele, as emoções (Meltzer, 1994) são os materiais que permitem que os elos de ligação se criem e continuem. Adversária do crescimento é, antes de tudo, alguma coisa que se opõe à experiência emocional, isto é, as anti-emoções. Meltzer considera que a nova oposição, não mais entre amor e ódio, mas entre a emoção e a anti-emoção, corresponde em um certo sentido à oposição entre o quente e o frio. Encontramos aqui uma relação de sentido entre a anti-emoção e a falta de excitação que desconhece a necessidade da criança e provoca uma grave agressão narcísica constitutiva do “núcleo frio” do traumatismo descrito por Claude Janin (1996, p39-40), núcleo frio revertendo, em um segundo tempo, em “núcleo quente” (demasiada excitação e vice-versa).

De acordo com Bion, “não se pode conceber uma experiência emocional isolada de uma relação” (1962, p.60). O elo de ligação entre os pensamentos e as emoções inerente a toda relação humana, Bion nomeia-o “vínculo K” (inicial de





“knowledge”), isto é, o vínculo do conhecimento. Leon Grinberg (1991, p.100) considera que “a encruzilhada que se coloca à personalidade no desenvolvimento do conhecimento de si mesma e, por extensão, no desenvolvimento de outros conhecimentos é suportar ou não a frustração inerente à experiência chamada vínculo K”.

A teoria do pensamento: antecedentes

Em sua obra *Nova introdução às idéias de Bion*, Leon Grinberg lembra ter sido Freud o primeiro a se ocupar dos distúrbios do pensamento do ponto de vista psicanalítico. Ao longo de sua obra toda, manifesta-se a importância dada por ele à fantasia inconsciente e ao desejo na gênese, evolução e conteúdo do pensamento. Em *Formulações sobre os dois princípios do funcionamento mental* (1911), Freud reflete sobre a origem do pensamento e sua função de restrição da descarga motriz e de diminuição do crescimento da tensão devida ao adiamento da descarga. Bion inspirou-se bastante nos conceitos de Freud enunciados nas *Formulações dos dois princípios*, que trata dos princípios do prazer e da realidade e refere ainda passagens de *O ego e o id* (1923) e *Neurose e psicose* (1924).

Zimerman (1995, p.89) sintetiza os pontos essenciais da formação do pensamento colocados por Freud: a ausência ou privação do objeto necessitado, a frustração, a impossibilidade real de compensá-la com a gratificação alucinatória, a internalização do objeto faltante através das representações no ego, a busca de modificações do mundo real através de pensamentos e, a partir desses, por meio das ações. A contribuição mais importante de Freud para a teoria dos distúrbios do pensamento foi sua descrição totalmente original do processo primário inerente ao princípio do prazer e do processo secundário em relação com o princípio da realidade determinando a formação do pensamento verbal, via de acesso ao autoconhecimento.

Bion enriquece-se também da teoria kleiniana. Nessa filiação, tendo uma concepção da psicose infantil, vai reunir e sistematizar idéias centrais de Melanie Klein e de seus discípulos, introduzindo novas perspectivas e propondo algumas modificações. Ainda com Zimerman (1995), notamos que vai levar em conta as noções de cisão e de identificação projetiva, a passagem da posição esquizoparanóide à posição depressiva e vice-versa, a importância da relação com o objeto externo, a formação dos símbolos e outras concepções metapsicológicas de M. Klein: a importância da inveja primária e dos ataques destrutivos, a formação de um superego primitivo, o conflito entre a pulsão epistemológica e o sentimento de onipotência e sua hipótese sobre a expectativa inata do seio. A partir dos conceitos de M. Klein, Bion desenvolve suas idéias originais sobre os mecanismos psicóticos nos grupos e manifestos nas





Clarice M. Averbuck

psicoses com repercussões nas funções do ego, tais como o pensamento, a linguagem e a capacidade de conhecimento. Uma nova dimensão se introduz em certos conceitos como a da interação dinâmica permanente e oscilatória entre posição esquizoparanóide e posição depressiva, a da existência da identificação projetiva realista como meio de comunicação primitiva, de “reestruturação do ego” de preferência à noção de reparação, a natureza e a formação do símbolo consideradas de um novo vértice.

Após os períodos de pesquisa sobre grupos e psicoses, Bion entra no período epistemológico. É a partir de sua própria teoria do pensamento que sua originalidade de observação e de pensamento vai eclodir, nas palavras de Meltzer: “terreno não abordado por Melanie Klein e não alimentado por um trabalho clínico no Freud teórico. É um completo mistério que Freud tenha consagrado tão pouca atenção às implicações das *Memórias* de Schreber nessa direção; não é menos misterioso constatar a ausência de referência de Bion a este mesmo caso” (Meltzer, 1994, p.399).

Para se estudar o caso Schreber à luz de Bion, não podemos silenciar o comentário a propósito feito por M. Klein, em 1946, como apêndice de seu trabalho, *Notas sobre alguns mecanismos esquizóides*, em que formula certas conclusões em relação aos mecanismos esquizóides e acrescenta à noção de “clivagem do objeto” evidenciada por Freud a de “clivagem do ego” e sua relação com os processos de introjeção. Ela demonstra que o conflito entre Schreber e Flechsig, ao qual Freud atribui um papel essencial no delírio do fim do mundo e que se expressa na expedição de Deus “contra as almas-Flechsig”, ilustra também um mecanismo esquizóide. Essa expedição (“catástrofe universal”) que culmina na redução das almas-Flechsig a uma ou duas, fazia parte de uma tentativa de cura: anular ou curar a cisão do ego destruindo suas partes cindidas. Tentativa que se efetua, no entanto, com o auxílio de meios muito destrutivos utilizados pelo ego contra ele mesmo e contra seus objetos interiorizados (M. Klein, 1946, p.298-300).

O “assassinato de alma” no psicótico

“Do ódio às emoções ao ódio da própria vida, não há senão um passo”
Wilfred Bion, *Réflexion Faite*, p.50

Quem quer que tome contato com a história de Daniel-Paul Schreber e com os métodos educativos preconizados por seu pai, o Dr. Daniel Gottlib Moritz Schreber, consagrados à “salvação” das futuras gerações (métodos que, exacerbados ou sofisticados, se reencontram nas doutrinas nazistas), é de saída solicitado, reflexão feita,





por questões concernentes ao “filicídio”.

O tema do “filicídio” foi tratado de modo fecundo por Arnaldo Rascovsky desde 1947 (“O filicídio e sua significação na gênese da atuação e da condição psicopática de Édipo, *Revista de Psicoanálisis*, T. XXIV). Em 1970 publica “A matança dos filhos” e logo outros artigos entre os quais “Holocausto” e “Filicídio e guerra” nos quais estuda a proibição do incesto na gênese do processo sócio-cultural, atraindo a atenção para a indução paranóide no interior desse processo.

No que concerne à paranóia, desde Freud a psicanálise interessou-se muito pelo “caso” Schreber e deu um lugar importante ao estudo da relação pai-filho na gênese da homossexualidade e da estrutura do paranóico. Menos importante foi o lugar dado à relação materna na discussão de *Memórias*, a pobreza de documentos sobre o assunto tendo contribuído para isso.

Sublinhamos a esse propósito o artigo de J. Chasseguet-Smirgel (1960) e o de Botella (1992) tratado por M. F. Philippe Duroux neste seminário. Deve-se lembrar o artigo de Robert White (1961) intitulado “O conflito com a mãe na psicose de Schreber”, para quem a análise das *Memórias* mostra que representações simbólicas disfarçadas da mãe e impulsos orais primitivos destrutivos e dependentes eram dominantes: a fusão das imagens da mãe e do pai no Deus de Schreber traduzindo a invasão pelo pai no papel e nas funções maternas na primeira infância de Daniel, a mãe permanecendo, a despeito da importância da imagem do pai, a personagem principal em seus conflitos: A “arte da renúncia” preconizada pelo dr. Schreber, a ser ensinada às crianças durante os primeiros anos, ditava que a mãe ou empregada comeria ou beberia tudo o que desejasse, sempre segurando o bebê. Esse poderia implorar ou chorar o quanto pudesse, nada lhe seria dado além de suas três refeições regulares em horário fixo. “É difícil imaginar um meio melhor para despertar a raiva, a desconfiança e a inveja destrutiva invasiva e ávida de satisfações orais dependentes” (White, 1961, p.373).

Sabemos que para Bion os distúrbios psicóticos têm sua fonte na interação do contexto (ausência de continência maternal ou de um meio continente, associado na mãe a uma inaptidão para a rêverie) e da personalidade (uma intolerância inata à frustração na presença de pulsões destrutivas exacerbadas na criança).

Acompanhando seu método de trabalho para estabelecer a diferença das personalidades psicóticas e não psicóticas, por enquanto colocamos entre parênteses o meio em que se inscreve a personalidade do Presidente Schreber e dirigimos nossa atenção para os aspectos de sua personalidade que ilustram os traços da psicose. A interpretação, pois, que propomos do “assassinato de alma” mantém-se aqui em uma perspectiva que se consideraria quase fenomenológica, seguindo a idéia de Bion quando explora os mecanismos que dão nascimento aos fenômenos clínicos.





Clarice M. Averbuck

A interação de Schreber com seu meio inscreve de saída uma dimensão de sentido na qual os temas “d’envie³ d’enfant” (desejo de gravidez) – como sugeriu Henri Vermorel no curso de nossos seminários – e do filicídio são necessariamente matéria prima. A natureza traumática dos vínculos precoces pais-crianças, rígidos e de caráter sádico, o encerraram em seu sistema adaptativo profundamente psicótico. Não se há de perder de vista essa questão a ser comentada adiante e que põe em evidência os limites e, com frequência, a impotência a que se encontra sujeita a personalidade face aos avatares de sua própria história, inscrita ela também nos avatares de uma saga transgeracional...

Ouçamos Bion sobre os fenômenos observados na clínica: “A diferenciação das personalidades psicótica e não psicótica repousa sobre uma cisão em fragmentos ínfimos de toda essa parte da personalidade que se relaciona com a tomada de consciência da realidade interna e externa e sobre uma expulsão tão intensa desses fragmentos que eles penetram em seus objetos ou são submergidos por eles...” (1957, p.51).

Na sua análise do trabalho de Bion com psicóticos, Zimmerman (1995, p.80) lembra que aquele parte de M. Klein (sentimento de destruição, aniquilamento do ego pela ação da pulsão de morte) para formular sua concepção de um ataque contra a realidade interna. Ele comenta que, segundo Bion, a violência do ataque visa aos elos que vinculam as diferentes fantasias e que vinculam essas à realidade. Resulta disso que o psicótico “vive num mundo fragmentado, sem uma conjunção e discriminação das partes diferentes dele mesmo ou entre os objetos diferentes. Esse paciente sente-se aterrorizado, cercado e ameaçado por fragmentos de objetos estranhos e bizarros e tudo isso nos lembra o que Freud, em 1911, no caso Schreber, aludiu como sendo a sensação de ‘catástrofe mundial’”.

Retomemos o processo descrito por Bion detalhando-o. Segundo ele (*Réflexion faite*, p.43-44), a personalidade psicótica supõe a existência de quatro traços fundamentais: a preponderância de pulsões destrutivas tão fortes, que a própria pulsão de amor é impregnada e devolvida em sadismo (conflito jamais resolvido entre as pulsões de vida e morte); o ódio à realidade, que, conforme Freud, se estende a todos os aspectos da mente que levam a sua tomada de consciência, a que Bion acrescenta o ódio à realidade interna e a tudo que leve à consciência dessa realidade interna. Em consequência desses dois traços, o terror ininterrupto de uma aniquilação iminente (semelhante à ameaça de “catástrofe universal” de Schreber); em fim, uma relação de objeto tênue, mas tenaz, (remetemos particularmente à transferência de Schreber para com seu médico, Flechsig, e sua relação com seu Deus, representante de uma entida-

3. *Envie* – em seu sentido de *desejo* e de *cobiça* condensados em uma única palavra em língua francesa.





de superegóica de caráter destruidor). A prematuridade, fragilidade e tenacidade da transferência, patognomônicas da psicose, derivam também do terror de uma aniquilação pela pulsão de morte. Esse conjunto de disposições tem por efeito uma progressão particular da personalidade psicótica através das posições esquizoparanóide e depressiva. Isso pelo fato de que a combinação dessas características leva a uma utilização maciça da identificação projetiva.

Hanna Segal (1981) cita as observações de Bion (1957) a propósito do que ele chama de sonhos de evacuações. Segundo ela, “delírios, alucinação, eventos noturnos que poderiam responder pela denominação de sonhos têm, com frequência, o mesmo valor psíquico”. Esses sonhos, utilizados na análise de modo disruptivo, evacuam efetivamente, por vezes com sucesso, algo da percepção interna do paciente, permitindo-lhe economizar um trabalho de elaboração e de aquisição de um insight. Segal observa que sua atenção é cada vez mais atraída para a forma e a função do sonho do que para seu conteúdo. É antes nessa função de descarga que tendemos a compreender a produção *das Mémoires* de Schreber.

Pomos em evidência a relação entre a “*compulsão a pensar*” de Schreber (para escapar da destruição de seu pensamento por Deus) e sua “necessidade de evacuar” (necessidade miraculizada por Deus com o objetivo da destruição do pensamento), configuração delirante que nos aparece como modelo exemplar do uso maciço da identificação projetiva simultaneamente pelo processo que ela desdobra e pelo conteúdo que ela exhibe: *sua mente transformada em “esfíncter”*.

“Entretanto, como resultado da má compreensão que Deus tem dos homens vivos (Freud fazia referência à acusação amarga de Schreber contra Deus que, acostumado a ter relações apenas com defuntos, não compreende os vivos), foi-lhe possível tornar-se o instigador da conspiração contra Schreber, tomá-lo por idiota e submetê-lo a essas severas provações (p.264). Para evitar ser considerado um idiota, ele se submeteu a um sistema extremamente fatigante de ‘pensamento forçado’, pois ‘cada vez que minhas atividades intelectuais cessavam, Deus chegava à conclusão de que minhas faculdades mentais achavam-se extintas e que a destruição de meu entendimento (a idiotia), pela qual Ele esperava, havia-se realmente estabelecido, e que uma retirada se tornara agora possível’ (206).

O comportamento de Deus na questão da premência de evacuar (ou ‘c...r’) leva-o a um grau especialmente alto de indignação. A passagem é tão característica que a citarei na íntegra” (Freud, 1911, p.42).

Freud discute longamente a idéia que Schreber tem de Deus, “com uma mistu-





Clarice M. Averbuck

ra de adoração e revolta”, mas ele não retira daí conseqüências para certos fenômenos do pensamento delirante em si. Segundo Bion, no psicótico, “a tentativa de pensar que é uma parte central do processo total de reparação do ego implica em modos pré-verbais primitivos que sofreram uma mutilação e identificação projetiva. O que significa que as partículas expulsas do ego, e aquilo que se lhes agregue, devem ser trazidas sob controle e, por conseqüência, na personalidade. A identificação projetiva é, pois, invertida e seus objetos trazidos pela mesma via que tinham seguido no momento de sua expulsão. O que um paciente traduz dizendo que ele era obrigado a se servir de seu intestino e não de seu cérebro para pensar” (Bion, 1957, p.70-71).

Para melhor analisar esses aspectos do ego mutilados e identificados projetivamente no(s) objeto(s), retomamos as conclusões de M. Klein (1946, p.298) sobre mecanismos esquizóides a propósito de Schreber. Sua hipótese, já o dissemos, foi que a divisão da alma–Flehsig em numerosas almas não era somente uma cisão do objeto, mas também uma projeção do sentimento de Schreber de que seu ego estava cindido. Ela sublinhou a relação desse processo de cisão com o da introjeção: Deus e Flehsig representariam também partes do *self* de Schreber. A “expedição” de Deus contra as almas representaria o aniquilamento de todas as partes do *self* por uma delas, o que é, segundo sustenta M. Klein, um mecanismo esquizóide.

Bion sugere que, na psicose, fantasias infantis de ataques sádicos similares a essas dirigidas contra o seio no começo da vida são dirigidas ao aparelho da percepção. “Essa parte da personalidade é cortada, cindida em fragmentos ínfimos, depois expulsa por meio da identificação projetiva. Tendo-se assim livrado do aparelho de tomada de consciência da realidade externa e interna, o paciente chega a um estado em que ele tem o sentimento de não estar nem vivo nem morto” (Bion, p.246).

“(...) Schreber convenceu-se da iminência de uma grande catástrofe, do fim do mundo (...) Ele próprio era ‘o único homem real deixado vivo’ e as poucas formas humanas que ainda via – o médico, os assistentes, os outros pacientes – explicava-as como ‘miraculadas, homens apressadamente improvisados.’ Ocasionalmente, a corrente inversa de sentimento também aparecia: foi colocado em suas mãos um jornal no qual havia um comunicado de sua própria morte (81); ele próprio existia sob forma secundária, inferior, e sob esta forma secundária, certo dia tranqüilamente faleceu (73)” (Freud, op. cit. p.92).

A “catástrofe universal se faz iminente” em seguida à incursão sobre as almas (o aniquilamento de todas as partes da personalidade por uma entre elas descrito por Klein) que se multiplicam ao ponto de se tornarem uma calamidade. Esses fragmentos ínfimos, constituídos por frações de almas, correspondem, segundo pensamos, aos *objetos bizarros* descritos por Bion. Ele demonstra que, em sua clínica, o objeto bizarro é marcado pelas características do superego e é o que mais se aproxima da





coisa-em-si correspondente a seu conceito de elemento beta (Bion, 1962). “Na fantasia do paciente, as partículas expulsas do ego levam uma existência independente e não controlada fora da personalidade. (...) Em conseqüência, o paciente sente-se circundado por objetos bizarros” (Bion, p.56).

Para Schreber, após a fase paroxística de fragmentação do ego e de seus objetos pela “incurção sobre as almas”, “*a alma de Flechsig sobreviveu sob apenas uma ou duas formas e a de von W. (enfermeiro-chefe da casa de saúde) sob uma única, que em breve desapareceu completamente. As divisões da alma de Flechsig, que lentamente perderam tanto a inteligência quanto o poder, passaram então a ser descritas como o ‘Flechsig posterior’ e o ‘Partido “Oh, bem!”*” (Freud op. cit, p.59).

Vê-se que os ataques da parte psicótica de Schreber contra o conjunto de seu aparelho psíquico chega ao seu apogeu. A fragmentação crescente do objeto e do ego desvitaliza toda a personalidade: sombra de homem improvisado, pensamento agonizante nem vivo nem morto.

Se acompanhamos Bion nas suas formulações metapsicológicas, devemos considerar que o pensamento verbal em sua função de ligação desde suas formas mais primordiais constitui um alvo privilegiado dos ataques psicóticos, “pois se esse vínculo pudesse ser rompido, ou melhor, jamais ter sido forjado, então pelo menos a consciência da realidade seria destruída, mesmo se a realidade ela mesma não pode sê-lo. Mas em verdade a obra de destruição encontra-se já realizada pela metade, posto que o material a partir do qual o pensamento é forjado – no psicótico por um equilíbrio entre a introjeção e a projeção –, esse material não está mais disponível na parte psicótica da personalidade (...). A identificação projetiva não deixou ao paciente senão os objetos bizarros” (Bion, 1957, p.58).

Bion sugere que os processos de cisão se estendem aos vínculos no interior mesmo do processo de pensamento e são eles que são “daqui por diante atacados até que enfim não seja mais possível reunir dois objetos conservando intactas as qualidades intrínsecas de cada um, sempre produzindo, pelo fato de sua conjunção, um novo estado mental” (op. cit., p.59). Assim, a formação de símbolos torna-se difícil a partir disso.

Os ataques *àquilo-que-liga* e, em conseqüência, sua fragmentação em partículas ínfimas projetadas levam o psicótico a sentir-se “*cercado por vínculos ínfimos* que, estando no presente impregnados de crueldade, ligam os objetos uns aos outros de um modo cruel”.

Pode-se pois supor que em Schreber os vínculos fragmentados no interior do pensamento constituem os materiais para sua fantasia onipotente de “*calamidade de almas*”. Em seu delírio, a alma humana é contida nos nervos do corpo que são de uma extraordinária debilidade, comparáveis aos fios mais tênues: certas partes “Não ser-





Clarice M. Averbuck

vem senão à percepção sensorial, outros (os nervos do intelecto) realizam tudo o que é psíquico”. Os raios são infinitos ou eternos, dotados da capacidade de criar (metamorfoses em todo tipo de objetos de criação). Freud nota que o traço comum da condensação “nervos-raios” é sua forma linear e que são tão criadores quanto os “nervos espermatozoides”.

Em nossa opinião, esse amálgama seria o que restou do vínculo de conhecimento (vínculo -K) despojado de suas qualidades emocionais, esvaziado de seu sentido, na relação com um objeto semelhante àquele descrito por Bion cujas características seriam (em falta de expressão melhor) “as da ‘ausenciedade’ (absentéité): um objeto interno sem interior, um canal alimentar sem corpo”. Esse objeto constituiria um “superego” que não possui praticamente nenhuma das características do superego como o entendemos em psicanálise: é um “super-ego” (Bion, op. cit., p.119)

Para tratar da patologia do vínculo de conhecimento e antes de examinar a natureza do “superego” em Schreber, situemos a questão da *interiorização das experiências precoces*. Sobre esse tema Judith Shuttleworth (1985, p.45) observa que as lembranças/objetos concretos armazenados no psiquismo são dominados pelas experiências corporais intensas próprias do bebê, suas percepções do mundo físico exterior e sua apreensão rudimentar mais direta de um vínculo humano com sua mãe. Através do mecanismo de identificação projetiva realista – a primeira forma de comunicação entre o bebê e a mãe – aquilo com que a mãe entra em relação é a natureza dos estados psicossomáticos do bebê através de seu impacto sobre ela. Shuttleworth conclui que, à medida que o bebê se sente conhecido dessa forma pela mãe, ele se torna capaz de conhecer suas próprias capacidades psíquicas bem como as dos demais (op. cit. p.50).

O nascimento da aptidão para conhecer pelo aprendizado da experiência tem como modelo uma relação de tipo “comensal” no sentido que lhe dá Bion: “♀ e ♂ dependem um do outro para seu benefício recíproco, sem que um cause prejuízo ao outro (...). Essa experiência é fonte de benefício e crescimento mental para a mãe, assim como é fonte de benefício e crescimento para o bebê” (Bion, 1962, p.111).

O modelo do vínculo (emocional) de conhecimento é, pois, representado pelo desejo da mãe de compreender seu bebê e pela capacidade do bebê em despertar nela essa disponibilidade dispondo-se a ser conhecido. O vínculo K pode também representar a relação do indivíduo com ele mesmo na busca de sua verdade, ou a relação que se estabelece no par analista-paciente. É o que Bion nomeia a *função psicanalítica da personalidade*. O aprendizado pela experiência não pode ocorrer a não ser que o indivíduo aceite suportar a dor das experiências emocionais e da dúvida.

O vínculo -K (“menos” conhecimento) serve para evitar a dor das verdades





intoleráveis, o medo do desconhecido ou ainda para não se transgredirem os interditos. Ele “destrói o conhecimento em vez de promovê-lo” (...), quer dizer, “afirma a superioridade de poder da DES-aprendizagem (UN-learning)” (Bion, 1962, p.120).

A superioridade destrutiva do “supra-ego”⁴ de Daniel-Paul Schreber

Na sua conceituação do superego, Bion visava a uma parte do self do psicótico que vai além da noção do verdadeiro e do falso, do bem e do mal, noções inerentes ao superego como o conhecemos habitualmente. Tais dimensões estão ausentes nesse tipo de personalidade: seu superego opõe-se a todo desenvolvimento de base científica. Rege-se por uma moralidade pessoal, por normas e valores próprios colocados a partir de uma superioridade destrutiva. A *onipotência, a onisciência e a imitação* substituem o processo doloroso da aprendizagem pela experiência. “Na personalidade em que as pulsões de vida dominam, o orgulho se torna respeito por si mesma, naquela em que as pulsões de morte dominam, o orgulho se torna arrogância...” (Bion, 1972, p.97).

Tudo isso concede ao psicótico o direito de impor suas leis contra as da natureza e as da cultura. É assim que se comporta com ele o Deus de Schreber, em um registro tirânico que se afasta muito das implicações de um superego edípico, como Freud pôde conceber em sua época: “Estamos perfeitamente familiarizados com a atitude infantil dos meninos para com o pai; ela se compõe da mesma mistura de submissão reverente e insubordinação amotinada que encontramos na relação de Schreber com o seu Deus...” (S. Freud, op. cit. p.72).

A angústia que colore a relação de Schreber com seus objetos é de natureza persecutória. Meltzer considera que podemos descrever pelo menos seis formas diferentes. A instauração de uma angústia persecutória grave viria da formação de um objeto mau particularmente maléfico a partir da identificação projetiva e da fusão entre a parte má do self e o objeto mau: “Aqui temos o tirano, o verdadeiro tirano sádico a ser distinguido do progenitor ou superego puritano e rude. Talvez se trate do ‘supra-ego’ de Bion” (1987, p.58). Para Meltzer, essa forma de angústia persecutória deve distinguir-se da perseguição por objetos maus que parecem se excitar em exercer um controle tirânico, a frustração e a escravidão, o equivalente do superego freudiano. Nesse caso, não se trataria “do tipo de superego de papai Schreber que, pelo que consta, foi sádico com seus filhos, mas de bons “mamãe e papai” puritanos que pensam que quem ama bem castiga bem”.

4. Termo sugerido por D.E. Zimmermam.





Clarice M. Averbuck

Antes de Meltzer, Leon Grinberg estudou as qualidades da culpa persecutória (coexistente com a angústia do mesmo tipo) a ser diferenciada da culpa depressiva, em relação ambas com o sentimento e a experiência da depressão. Essa última comporta uma preocupação com o objeto e com o ego, sentimentos de pesar, de nostalgia e responsabilidade: parte do luto normal, sob ação do instinto de vida, as atividades sublimatórias e de reparação vêm à tona. (Grinberg, 1972, p.23). Na culpa persecutória, há uma sensação de perigo dirigida ao ego e um sentimento de dano (*real ou fantasiado*) já ocorrido. As emoções predominantes, além do medo de represália, são o desespero, o ressentimento, a dor. Mesmo se o pesar se faz presente, o medo o supera (op. cit. p.87 e 93). Willy Baranger (1976, p.176) comenta que Leon Grinberg desenvolve e aprofunda o conceito introduzido por Melanie Klein desde 1952 e desenvolvido por ela em 1957 (*Inveja e gratidão*): a culpa precoce seria consequência da inveja primária excessiva.

Em seu estudo (1991) sobre a obra de Bion, Leon Grinberg lembra que a personalidade psicótica descrita por ele se caracteriza pela presença de um “superego” que detém o poder de toda instância superegógica de despertar o sentimento de culpa, mas com a qualidade de uma culpa extrema (1991, p.43). As tentativas de suicídio do Presidente Schreber no-lo confirmam.

Segundo Bion, a característica mais importante de um tal superego é “o ódio que ele experimenta para com todo desenvolvimento novo na personalidade, como se esse desenvolvimento novo constituísse um rival a destruir” (1962, p.119).

Essa impossibilidade, ou ainda essa recusa e rejeição de todo aprendizado estão condensadas no estranho Deus de Schreber que não é capaz de extrair lições da experiência.

É o que Freud comenta (op. cit. p.44) a propósito de *Memórias*, dando a palavra a seu autor (p.186): “Devido a uma ou outra qualidade inerentes à sua natureza, parece impossível a Deus inferir quaisquer lições para o futuro da experiência assim obtida”. Freud acrescenta que a repetição do mesmo tipo de experiências atormentadoras, dos mesmos milagres e das mesmas manifestações através de vozes, sem nenhuma mudança, transforma o objeto tirânico em objeto de riso para o perseguido. Vê-se que, por uma reversão de posição, Deus, que foi o instigador de um complô urdido contra Schreber, – tratava-o como imbecil e lhe infligia as mais duras provocações –, torna-se um objeto de chacota e desprezo (“Deus me parece sobretudo ridículo e infantil”). Esse desprezo maníaco erige-se em defesa contra a angústia persecutória e a depressão e contribui para preservar o círculo vicioso destruidor.

Encontramos aqui referências que nos remetem à tríade de estados mentais presentes nas personalidades psicóticas segundo as observações de Bion (1957, p.97-104), *a arrogância, a estupidez e a curiosidade*; o orgulho dá lugar à arrogân-





cia, a ignorância promove a estupidez e a curiosidade transforma-se em intrusão. Sua presença, por referências dispersas e separadas umas das outras – prestando-se a que a relação entre elas corra o risco de passar despercebida – constitui um elemento patognomônico “de um desastre psicológico”.

Esse amálgama de arrogância, estupidez e intrusão produziu a natureza “bizarra” do Deus de Schreber, bizarria que se torna assim mais “inteligível” para a compreensão de seu delírio.

Transformações

“Um pintor vê uma senda serpenteando através de um campo salpicado de papoulas e decide pintá-la: numa extremidade desse encadeamento de fatos, há o campo de papoulas, na outra extremidade, uma tela cuja superfície foi recoberta de cores. Podemos reconhecer que a tela representa o campo; também poderia supor que, a despeito da transformação operada pelo artista a partir do que ele via para lhe dar a forma de um quadro, algo permaneceu intocado e que o reconhecimento depende desse algo. Eu chamaria de “invariantes” os elementos que tomam em consideração o aspecto intocado da transformação” (Bion, 1965).

É por essa unidade de pensamento que começa o capítulo 1 da obra de Bion, *Transformations – Change for learn to growth*. Utilizo a tradução francesa cujo subtítulo é *Passagem da aprendizagem ao crescimento*. Nessa tradução François Robert dá seu toque ao quadro: se a escolha da palavra “passagem” para exprimir a idéia de mudança (change) permanece fiel à noção de “invariante”⁵ descrita por Bion, a noção de ruptura com sua dimensão de violência e de subversão de um sistema ordenado (inerente às experiências de mudança) é ocultada. Essas noções serão tratadas por Bion em relação com a noção de *mudança catastrófica*: toda experiência de mudança e de crescimento desperta, em um nível profundo, uma vivência de catástrofe. Em diferentes contextos – a mente, os grupos, a sociedade, a sessão analítica – há sempre (segundo o modelo da relação continente-conteúdo) uma conjunção constante de acontecimentos específicos configurados por uma interação particular de vínculos em suas múltiplas possibilidades. Cada vez que essa conjunção estável se confronta com uma situação de mudança e crescimento, a situação altera-se e o clima de catástrofe instala-se.

Bion considera que a “resistência ao crescimento é endopsíquica e endogregá-

5. Como, por exemplo, a passagem da água do estado líquido ao gasoso – a invariante sendo H₂O, fenômeno que a física chama “sublimação”, ilustração proposta por D. Zimmerman.





Clarice M. Averbuck

ria; ela está ligada à turbulência no indivíduo e no grupo ao qual ele pertence ao longo de seu desenvolvimento” (Bion, 1970, p.73). Essa turbulência, Bion a compara a uma explosão. Considerando a psicanálise como parte do grupo de transformações, diz que “a experiência original (...) – no quadro do pintor, o objeto que ele pinta e, no caso do psicanalista, a experiência que consiste em analisar seu paciente – é transformada, pelo ato de pintar ou pela análise, em uma pintura ou em uma descrição psicanalítica (...). Uma interpretação é uma transformação” (Bion, 1965, p10). Por sua natureza, nós o lembramos, ela comporta uma violência.

Aqui reencontramos Piera Aulagnier (1975), que utiliza como Bion a metáfora do metabolismo celular para dar conta do trabalho operado pela mente em sua função de representação: o estado de encontro põe a mente na posição de ter que reconhecer a extraterritorialidade do objeto, informação não metabolizável pelo processo primário. Uma remodelação impõe-se pela própria mente para que ela possa apropriar-se de – ou incorporar – um material exógeno. A experiência de encontro confronta a atividade psíquica com um excesso de informação que ela “vai ignorar até o momento em que esse excesso vai obrigá-la a reconhecer que o que tomba fora da representação própria ao sistema retorna à mente sob forma de uma desmentida concernente à sua representação de sua relação com o mundo.” O que é verdadeiro para a fase inaugural (na qual se forja uma representação da junção boca-mamilo) “permanece verdadeiro para a totalidade de suas experiências” (op. cit., p.35-36) “(...) no momento em que a boca encontra o seio, ela encontra e traga um primeiro gole do mundo (...). Assiste-se, assombrado, à metamorfose que o fará sofrer a atividade do originário” (p.43).

Toda apreciação que se pretenda sobre a vivência e as possibilidades de organização da subversão psicológica, por ocasião das experiências de mudança, deve levar em conta, ao mesmo tempo, fatores quantitativos e qualitativos tanto internos quanto externos. Quando nos damos conta da importância da ação “*des-intoxicante*” da função continente parental pela elaboração intuitiva (rêverie) das emoções e das sensações de experiência original do bebê entregue a seus estados de necessidade e à emergência de suas pulsões, somos levados a incluir em nossas considerações sobre o indivíduo em crise, seja qual for sua idade, a importância das relações do meio ambiente e – no caso de uma cura – a importância também da pessoa do analista na evolução da crise. Nas relações, as identificações projetivas encontram terreno propício para se desdobrar. Seria arriscado antecipar a incidência dos aspectos catabólicos e dos aspectos anabólicos na “metabolização” da experiência psíquica.

Para Zimerman (op. cit., p.83-84), nesse espectro que vai de uma “parte psicótica” não manifesta da personalidade – absorvida pelos aspectos neuróticos e são do ego – até o extremo de uma franca esquizofrenia, o fator quantitativo tem um peso





importante, mas o fator qualitativo (a qualidade das identificações projetivas e o uso da forclusão são relevantes para se apreciar a gravidade de uma psicose). Sobre isso, André Green (1990, p. 80) assinala que o fator mais importante na determinação das condições psicóticas de um indivíduo não seria tanto a carga de suas pulsões agressivas quanto o grau de mecanismos de negação do conhecimento (-K), o grau máximo dessa defesa sendo o que os psicanalistas chamam forclusão (termo original de Lacan), caso em que a negação atinge um registro de ruptura com a realidade.

Segundo Bion (1965, p.13), “certos mecanismos psicóticos aparecem ao longo de um colapso mantido sob controle analítico, mas o analista pode ser levado a reencontrá-los após a ocorrência desse colapso ou porque algo se produziu, a despeito do trabalho do analista, que precipitou esse colapso no curso da análise”. Ele descreve a existência de um estado pré-catastrófico, em que “os sintomas hipocondríacos predominam, e um estado pós-catastrófico, em que “os elementos hipocondríacos são menos pregnantes”. Notando “a relação entre a violência e a mudança que resulta da passagem do pré ao pós-catastrófico”, sua opinião é que as invariantes próprias dos estágios pré e pós-catastróficos devem ser buscadas no “domínio representado pelas teorias da identificação projetiva, dos objetos externos e internos”.

Na clínica, constata-se que o que é, no estágio pré-catastrófico, designado pelo paciente como uma dor no joelho, no abdômen, etc., corresponde a fatos emocionais aparentemente externos e, do vértice do analista, designados como objetos internos. As dores hipocondríacas por ocasião da ruptura catastrófica disfarçam-se, em seu novo estágio, e assumem o papel de objetos externos, apresentando-se aos sentidos externos do analista e do paciente como pais angustiados, hospitais psiquiátricos, perseguições judiciais, etc. Essas *transformações* constituem as invariantes nas quais a dor passa de um estágio a outro nas experiências de mudanças catastróficas (Bion, 1965, p.15-16).

As mudanças catastróficas na história de Daniel-Paul Schreber

Toda idéia nova, seja qual for o contexto humano em que se inscreve, provoca uma reação de oposição em função de seu efeito subversivo na ordem do sistema em vigor e desperta sentimentos de desastre iminente.

Bion encontra nos mitos os modelos narrativos para estudar “as forças que se opõem às idéias novas”, nos diz Leon Grinberg (1983, p.129): nos mitos de Édipo, da Babel, do Éden, na história da morte de Palinurus (*Eneida*, canto V), encontra-se “o desejo do homem de conhecer e uma força que se lhe opõe, representada em geral por um Deus onipotente, que pune sua curiosidade com o exílio e a confusão das línguas.”





Fomos sensíveis às circunstâncias em que ocorreram as descompensações psicóticas do presidente Schreber, ambas nas situações de mudança que ele alcança evitar às custas do exílio de seu estado alienado e da confusão dos códigos em sua linguagem e comunicações. Segundo ele próprio, suas “doenças nervosas” começaram, cada vez, em seqüência de uma sobrecarga intelectual (quereria ele falar de um acréscimo de excitação e ruptura dos elementos de ligação com a ruptura do espaço psíquico de continência?): a primeira manifestação ocorreu por ocasião de sua candidatura ao Reichstag, a segunda, quando da posse de suas novas funções de Presidente da Corte de Apelações de Dresden (cf. *Mémoires*, p.34, in: Freud, op. cit., p.27).

Na leitura de *Três notas sobre o caso Schreber*, de W. Niederland (1951), encontramos essas mesmas observações sobre as circunstâncias do começo das duas doenças, nos momentos em que Schreber devia assumir um novo estatuto identitário e sobre a presença dos sintomas hipocondríacos severos – manifestações freqüentes nos estados pré-catastróficos descritos por Bion – denominador comum aos dois episódios. Niederland aprofunda, de modo muito oportuno, a relação psicodinâmica de Daniel-Paul Schreber com seu pai e faz uma análise do contexto sócio-político da Alemanha do fim do século último e das representações e dos sistemas de interação que impregnavam a relação de Daniel-Paul Schreber com o Reichstag.

O que queremos ressaltar no presente trabalho é o caráter disjuntivo dessas experiências de mudança na vida do Presidente Schreber. Nós todos podemos compreendê-lo...As experiências traumáticas que a reconstrução de sua história põe em evidência foram o leito de sua estrutura frágil.

A ruptura do espaço mental vivida como uma *explosão violenta* acompanha-se de um medo incomensurável, que tentamos denominar, como Winnicott (1970, p.121), de “*angústias inimagináveis*”: “*ir-se em pedaços, numa queda sem fim, morrer, morrer, morrer, perder toda a esperança de ver o contato se restabelecer*”. O estado que se segue, diz Bion, pode ser descrito pelo modelo do *choque cirúrgico*: “*O espaço mental é tão vasto comparado a não importa que realização do espaço em três dimensões, que a emoção do paciente se perde, porque se sente a emoção ela mesma escoar-se e perder-se na imensidade. O que pode aparecer, então, ao observador como pensamentos, imagens visuais e verbalizações deve ser considerado por ele como cacos, restos ou fragmentos de discurso imitado e de emoções sintéticas de histerião, que flutuam em um espaço tão vasto que seus confins, no tempo e no espaço, permanecem sem definição*” (1970, p.41-42).

Parece-me que não estamos longe do que Claude Janin chama *o colapso da tópica interna* – gerador de uma perda do sentido de realidade – no qual “o espaço psíquico e o espaço externo se comunicam de tal modo, que o aparelho psíquico não pode mais cumprir seu papel de continente do mundo interno”. (...) “Em tais circuns-





tâncias, o sujeito não sabe mais qual é a fonte de sua excitação, se é de origem interna ou externa. Evidentemente, isso é próprio de toda experiência traumática”.

Na interpretação de D. Liberman e E. Labos (1982, p.249-292), a *natureza traumática da interação dos vínculos precoces pais-criança* estaria na origem da estruturação infantil de Daniel-Paul Schreber, dando sentido aos episódios e ao funcionamento psicótico de sua personalidade. A relação complementar do par de pais – rígida e concordante – teria tido como efeito um despojamento da função afetiva materna, na medida em que os dois pais agiam a partir de um papel materno sádico. Com o pai ocupando o papel materno impregnado de sadismo, o corpo da criança e não somente seu espírito foram objeto dos impulsos destrutivos paternos. O vínculo construído pelo pai-mãe sádico teria fechado a criança em um sistema dual, bloqueando-lhe o acesso à triangulação edipiana. A construção delirante de Schreber, com a crença em sua transformação em mulher e mãe fecunda, pode ser compreendida como a recuperação “ilusória” das características de um vínculo parento-filial perdido (em nossa opinião, melhor dito, abortado).

O vértice posto em evidência por Liberman esclarece-nos para podermos dizer que o despojamento da função continente parece ter agido nos numerosos abortos da mulher de Schreber. Cada episódio reavivava os traumatismos originais: identificado projetivamente com o feto, ele próprio era abortado, ao mesmo tempo que se intensificava a inclusão do pai em sua posição psicótica, objeto interno aterrador e perseguidor com o qual também se identificaria.

Nas curas dos pacientes de funcionamento predominantemente psicótico (e, em diferentes graus, em todo tratamento, logo que se põem em ação os aspectos psicóticos da personalidade), as ameaças constantes de ruptura, de fragmentação, de abortamento aos quais está exposto o setting analítico nos levam a nos associarmos ao pensamento de Françoise Brette (1988) que observa que “*teorizar o traumatismo é um meio para o analista de se proteger da violência traumática, do sentimento por vezes de não existência ou ainda da perda dos sentidos que o faz experimentar seu paciente*”.

Comentários à guisa de conclusão

Bion (1963, p.64) considera que “o crescimento depende da capacidade de colocar em jogo os componentes sociais e narcísicos da situação edipiana”. Nos movimentos de crescimento mental, a aprendizagem repousa sobre a capacidade do indivíduo de permanecer íntegro, aceitando perder alguma coisa, “alguma coisa” essa que não tem nada de banal e que, por vezes, condensou para ele o que julgava assegu-





Clarice M. Averbuck

rar-lhe a integridade. A experiência da dor revela-se incontornável, e o problema que se coloca ao indivíduo é o da tolerância ao sofrimento inerente às transformações. Bion comenta sobre isso (1970, p.30) que o paciente que não quer sofrer dor (conseqüentemente não podendo descobri-la) não alcança tão pouco “sofrer” o prazer. Remetemos à etimologia da palavra sofrer, em latim vulgar, *sufferire*, em latim clássico, *suffere*, de *ferre*, *suportar*.

Com Leon e Rebeca Grinberg (1993, p.79), pensamos que “face às mudanças, o indivíduo reage não somente com angústia diante da nova situação, mas também com sentimentos depressivos, visto que as mudanças significam a perda dos vínculos do passado (luto do objeto) e ainda a perda dos aspectos do próprio self (luto do self). (...) Os sentimentos depressivos para as perdas do self fazem parte dos fenômenos da ‘psicopatologia da vida cotidiana’ sob a forma de *microdepressões e microlutos* que devem ser gerados para que as elaborações concernentes às perdas objetais possam ser enfrentadas” (op. cit., p.87).

Mas se os desregramento ao longo das situações de mudança constituem-se na *condição* para o crescimento mental, eles no entanto não o garantem. Em Schreber, o mínimo que podemos dizer é que sua história não lhe deixou muita escolha. Nutrido pelas mentiras de um “vínculo de forclusão”, sua energia desdobrou-se de modo compulsivo a serviço da repetição. Com sua mente confundida com um esfíncter, ele se consagra a uma atividade de des-aprendizagem (*unlearning*), a uma vontade de desprezo. Devido a sua construção delirante, seu modo de aproximar-se do mundo privou-o mais e mais de um sentimento de identidade, a verdade não podendo representar o papel que lhe é próprio de alimento psíquico. Uma privação de verdade, diz Bion, arrasta consigo uma deterioração da personalidade; em pessoas esquizóides nas quais o superego parece ter-se desenvolvido antes do ego e negado a esse seu desenvolvimento, isto é, sua existência, opera-se um desenvolvimento defeituoso do princípio de realidade, a exaltação de uma concepção “moral” e uma ausência de respeito para com a verdade (1965, p.48).

Para Schreber, os *traumatismos* pesaram como “rocha”. Se tentados a nos perguntar como teria sido se as coisas tivessem ocorrido diversamente, jamais o saberíamos. Seria preciso inventar uma outra infância, uma outra história, um outro mundo, uma outra vida. Lote de todos nós, ele não tinha senão a sua para viver. E encontrou a solução psicótica pela encenação *do assassinato de alma*. Em seu cenário, os atores tinham diversas vidas e mesmo diversas mortes. Suas dores tomaram a forma de estilhaços, mas também tomaram formas – ou vozes – grandiosas. Ele borra as fronteiras do dentro e do fora e quase alcança abolir o tempo. Dizemos “quase” porque não podemos saber o *quanto* e o *que* ele guardou intacto na sua relação com a realidade e com ele mesmo, tão pouco avaliar o montante dos seus esforços e de suas





expectativas de uma relação de comunicação...

Pensamos aqui nas palavras de J. Gammill (1972, p.62). que considera que, mesmo nos sonhos de “evacuação” – para nós protótipo da relação de Schreber com seu texto – “há uma parte, por mínima que seja, que espera comunicar alguma coisa a um objeto receptivo”. É, de algum modo, a questão levantada por Hélène Jungian-Perez neste seminário, centrada na escritura de *Memórias*. De toda a maneira, a onipotência do Presidente do Tribunal da Corte de Apelações não nos escondeu o desamparo da criancinha, não aquele da criança de antigamente – questão que não se coloca, visto ser desvendada pelos documentos que permitiram a reconstituição de sua história – mas o *desamparo do bebê no adulto*. É esse desamparo que nos cabe acolher e sobre ele refletir em nosso ofício de analistas. Logo que tal escuta se afina, pode-se reconhecer e asilar as partes psicóticas e as vivências primitivas de nosso paciente, buscando ajudá-lo a utilizar seus próprios e mais íntegros aspectos para observá-los e compreendê-los – *função psicanalítica da personalidade*.

Trabalho de paciência e de incertezas a ser renovado a cada instante, na espera desses momentos privilegiados de comunicação nos quais um bom objeto e uma boa relação poderão ser introjetados. Momentos criadores podem, por vezes, mudar o curso de uma situação de impasse ou ser armazenados sob a forma embrionária de uma relação de confiança. Como diz Annik Comby, deve-se conservar no espírito que “todas as tentativas que os bebês podem fazer para comunicar-se estão, seguidamente, bem além das possibilidades do adulto de encontrá-las como formas de expressão e de, eventualmente, a elas responder. *Isso leva tempo...*” (1990, p.57-58).

Conservamos também no espírito, como Melanie Klein o sublinhou em 1934, as diferenças entre as angústias psicóticas do desenvolvimento na criança e a psicose no adulto. Na criança, por exemplo, pode se produzir uma mudança rápida de uma angústia persecutória ou de um sentimento de desespero depressivo para uma atitude dita normal, mudança que é característica da criança. Com efeito, a oscilação constante na primeira infância entre as posições esquizoparanóide e depressiva, isto é, entre as tendências à dispersão e as tendências à integração, obedecem a uma coerência interna na lógica do desenvolvimento, uma dando sentido à outra. Pensamos, por exemplo, na função organizadora da cisão nas etapas precoces, que prepara a capacidade de discriminação e permite a preservação da relação com o objeto bom, cuja solidez vai contribuir em seguida à instalação dos processos de integração. Na criança, desde que as condições propícias se instalem, as forças de integração operantes paralelamente aos estados caóticos reinstalam um equilíbrio rompido e favorecem o aprendizado da experiência.

Nos psicóticos, além das regressões e das fixações nos mecanismos da fase esquizoparanóide, nos confrontamos – como observa J. Gammill na sua apresentação





Clarice M. Averbuck

de *Estados psicóticos*, de Rosenfeld – com variedades anormais da cisão, com alterações patológicas do funcionamento precoce do ego e com estados confusionais extremos (1976, p.10). Rosenfeld, na mesma obra, sublinha as pressões constantes do paciente psicótico sobre o analista para que ele renuncie à abordagem analítica. Sobre isso, ele adota por princípio que, se não alcança contato com o paciente por suas interpretações, não é a técnica que se encontra em causa, mas sua *compreensão do* que se passa na situação de transferência (op. cit., p.17).

É preciso considerar a complexidade das relações que se estabelecem entre as partes sãs e psicóticas da personalidade. Para a organização psicótica, como observa J. Steiner (1993, p.110), “uma das principais ameaças contra sua hegemonia é constituída pela parte sã do paciente, e essa, com frequência projetada, é representada pelo analista e seu trabalho”.

Isso nos parece muito importante também do ponto de vista da técnica. Pensamos que as interpretações concernentes aos ataques do paciente dirigidos ao setting, a seus objetos (internos e externos), a ele mesmo, não podem ser eficazes a não ser que possamos ao mesmo tempo constatar e pôr em evidência seus próprios aspectos sãos, seus movimentos (bem-sucedidos ou fracassados) de ligação com a vida.

Freqüentemente somos os portadores desses aspectos: a projeção sobre o analista empobrece o paciente, reforçando sua culpabilidade e destrutividade e nos transforma em figuras ao mesmo tempo ideais e persecutórias. O narcisismo do analista pode aqui, em particular, cegá-lo por ocasião dos tratamentos de certos pacientes difíceis.

A Bion a penúltima palavra

“Desde que eu ouço repetir ‘Sim, eu sei’, ou ‘Você sabe bem’, isso me entristece, pois eu adivinho o trabalho que terei para obter ou para comunicar o que eu queria saber ou comunicar. Parece haver nisso tão pouco lugar para o que não se sabe, visto que todo mundo o sabe, eu inclusive. A escavação desse saber toma quase a forma de uma operação arqueológica, com a esperança de se descobrir um pensamento desaparecido, talvez mesmo uma pérola de sabedoria” (Bion, 1977, p.45).

Esse fragmento faz parte dos textos que deviam provavelmente constituir os primeiros capítulos de um livro que Bion não acabará. Foram publicados no ano passado, vinte e um anos após terem sido escritos, sob a direção de Francesca Bion, em um livro intitulado *Taming wild thoughts*, traduzido por M. C. Réguis como *Pensamento selvagem, pensamento domesticado*. Nesse mesmo texto, ele vai dizer que “lhe parece valer a pena preservar a experiência analítica, a verdadeira coisa, a coisa





fundamental, e comunicá-la a outro na semana próxima, no ano próximo, no século próximo e mesmo por vários séculos – não para informar, mas para fazer ver que tipo de direção tomavam nossos pensamentos e seres e que outros tomarão ainda por um longo tempo, na medida em que estarão ainda lá para vê-la” (p.56).

Na mestiçagem das filiações da cultura psicanalítica, não podemos precisar com exatidão o nome e o endereço dos mestres dos *pensamentos selvagens* que guardamos em nós e que estão na origem dessas reflexões sobre a capacidade de pensar, nem seu número ou o lugar que ocuparam nas nossas aprendizagens da experiência. Supomos que os pensamentos flutuantes, vagabundos, se fecundam uns aos outros, mas que alguns permanecem adormecidos, apenas silenciosos, como alguém que aguarda os primeiros sinais da aurora. Pode ser que, logo que amanheça, um dentre eles nascerá, mas isso não é o mais importante...“*basta que eles estejam presentes*”.⁶

A última palavra

“Não precisamos nos perturbar pelo fato de não se utilizar, no Bloco Mágico, dos traços permanentes das notas recebidas; basta que elas estejam presentes” (Sigmund Freud, 1924, *Uma Nota sobre o Bloco Mágico*)

Summary

From the analysis of the 1911 Freud’s article regarding the *Schreber’s case*, the author discusses about the metapsychological concepts of psychotic structures by trying to give a meaning to the “*murder of soul*” fantasy - a core element of Daniel-Paul Schreber’s mystical delirium, author of “*Memoirs of a nevroth*”, by using as a reference psychoanalytical concepts of Wilfred Bion. Considering the generative quality of emotions – fuel for psychic life – it is underscored the importance of the nature of the early interactions at the origins of both the formation of thought and the phenomena which are consubstantial to the deterioration of Schreber’s thinking capacity. Therefore, from the vertex of W. Bion’s theories of thought and knowledge, the phenomena that seem to imply the deterioration of Schreber’s thinking capacity

6. Ver S. Freud, *O Bloco Mágico*.





Clarice M. Averbuck

are being studied: the attacks on the links, the anti-emotion elements which hinder the experiences of growth, poison his spirit, *mortifying his soul* by imprisoning him in a noxious circle of compulsive obedience to a destructive *supra* ego. Through the analysis of the concept of “transformations”, there is an examination of both the subversive action of news ideas and the catastrophic effects of change, which constitute a triggering factor of psychotic decompensation in its fragile structure, marked by the traumatic nature of the early links with the two parents. Studying the psychotic parts of the personality leads openly towards questions of clinical and technical interest for the analyst and solicits him in his negativity to receive the primitive aspects of his patient, which also contain his desire to live and to communicate.

Referências

- ANZIEU, D. (1985). *Le Moi-peau*. Paris: Dunod.
- AULAGNIER, P. (1975). *La violence de l'interprétation. Du pictogramme à l'énoncé*. Paris: P.U.F., 1991.
- BARANGER, W. (1976). *Position y objeto en la obra de Melanie Klein*. Buenos Aires: Kargieman.
- BICK, E. (1967). “L'expérience de la peau dans les relations d'objet précoces”. In: *Les écrits de Martha Harris et d'Esther Bick*, dir. de M.H. Williams, Paris: Hublot, 1998.
- BION, W. (1956). “Le développement de la pensée schizophrénique”. In: *Réflexion faite*. Paris: P.U.F., 1953.
- . (1957). “Différentiation des personnalités psychotique et non psychotique”. In: *Réflexion faite*. Paris: P.U.F., 1983.
- . (1957). “L'arrogance”. In: *Réflexion faite*. Paris: P.U.F., 1983.
- . (1959). “Attaques contre la liaison”. In: *Réflexion faite*. Paris: P.U.F., 1983.
- . (1962). *Aux sources de l'expérience*. Paris: P.U.F., 1979.
- . (1963). *Eléments de psychanalyse*. Paris: P.U.F.
- . (1965). *Transformations. Passage de l'apprentissage à la croissance*. Paris: P.U.F., 1982.
- . (1970). *L'attention et l'interprétation*. Paris: Payot, 1974.
- . (1977). “Sans titre”. In: *Pensée sauvage, pensée apprivoisée*, sous la direction de F. Bion. Paris: Hublot, 1998.
- BOTELLA, C. et S. (1982). “Sur la carence auto-érotique du paranoïaque”. *Revue Française de Psychanalyse*, 1, p.63-79.
- BRETTE, F. (1988). “Le traumatisme et ses théories”. *Rev. franç. psychanal.*, n°6/1982, p.1259-1284.
- CHASSEGUET-SMIRGEL, J. (1966). “Notes de lecture en marge de la révision du cas Schreber”. *Rev. franç. psychanal.*, n°1 /1966, p.41-61.
- COMBY, A. (1990). “L'approche psychanalytique de l'observation du nourrisson dans la famille”. In: *Le nourrisson et sa famille*. CAREL, A., HOCMANN, J. et VERMOREL, H. Lyon: Césura.
- FREUD, S. (1911). Notas psicanalíticas sobre um relato autobiográfico de um caso de paranoia (Demência paranoïdes). In: *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. V. XII. Rio de Janeiro: Imago, 1972, 15-108.





Um ensaio de interpretação do “Assassinato de alma” a partir do quadro teórico de Wilfred Bion

- . (1912). Recomendações aos médicos que exercem a psicanálise. In: *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. V. XII. Rio de Janeiro, Imago, 1972, 147-159.
- . (1924 [1925]). Uma nota sobre o bloco mágico. In: *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. V. XIX. Rio de Janeiro: Imago, 1972, p.283-290.
- GAMMILL, J. (1972). “Réflexions sur l’écoute psychanalytique et l’écran du rêve”. In: *A partir de Melanie Klein*. Lyon: Césura, 1998.
- GREEN, A. (1983). *Narcissisme de vie – Narcissisme de mort*. Paris: Les Editions de Minuit.
- . (1990). *Conferências brasileiras de André Green*. Rio de Janeiro: Imago.
- GRINBERG, L. (1972). *Culpa y depresión. Estudio psicoanalítico*. Buenos Aires: Paidós, 1978.
- . (1983). “Enfoque de las psicosis desde el vértice de Bion”. In: *El psicoanálisis es cosa de dos*. Valencia: Promolibro, 1996.
- . (1984). “Dimensiones metapsicológicas y clínicas del pensamiento de Wilfred Bion”. In: *El psicoanálisis es cosa de dos*. Valencia: Promolibro, 1996.
- . (1991). *Nueva introducción a las ideas de Bion*. Madrid: Colección Continente / Contenido.
- GRINBERG, L. et GRINBERG, R. (1993). *Identidad y cambio*. Barcelona, Buenos Aires: Paidós.
- JANIN, C. (1996). *Figures et destins du traumatisme*. Paris: P.U.F.
- KLEIN, M. (1934). “Contribution à la psychogenèse des états maniaco-dépressifs”. In: *Essais de psychanalyse*. Paris: Payot, 1968.
- . (1946). “Notes sur quelques mécanismes schizoïdes”. In: *Développement de la psychanalyse*. Paris: P.U.F. 1996.
- . (1952). “Quelques conclusions théoriques au sujet de la vie émotionnelle des bébés”. In: *Développement de la psychanalyse*. Paris: P.U.F., 1966.
- LIBERMAN, D. et LABOS, E. (1982). “Acerca del caso Schreber. Consideraciones sobre su programación desde la perspectiva vincular”. In: *Fantasia inconsciente y estados psicóticos*. Buenos Aires: Kargieman.
- MAZET, Ph., HOUZEL, D. (1996). *Psychiatrie de l’enfant et de l’adolescent*. Paris: Maloine.
- MELTZER, D. (1978). “Signification clinique de l’œuvre de Bion”. In: *Le développement kleinien de la psychanalyse: Freud – Klein – Bion*. Paris: Bayard, 1994.
- MELTZER, D. (1978). *Le développement kleinien de la psychanalyse – L’évolution clinique de Klein*. Paris: Bayard, 1994.
- NIEDERLAND, W. (1951). Trois notes sur le cas Schreber. In: *Le cas Schreber, Contributions psychanalytiques de langue anglaise.*, direction de J. LAPLANCHE. Paris: P.U.F., 1979.
- PEREZ SANCHEZ, M. (1994). “L’observation des bébés – Réflexions sur la naissance de la pensée, son importance pour le développement émotionnel et la clinique”. In: *L’observation du nourrisson selon Esther Bick*. Lyon: Césura.
- RASCOVSKI, A. (1970). “La matanza de los hijos”. In: *La matanza de los hijos y otros ensayos*. Buenos Aires: Kargieman, 1975.
- ROSENFELD, H. (1976). *Etats psychotiques*. Paris: P.U.F.
- SANDRI, R. (1991). *La maman et son bébé: un regard*. Lyon: Césura.
- SEGAL, H. (1981). “La fonction des rêves”. In: *Délire et créativité*. Paris: Ed. des femmes, 1981.
- . (1993). “Espace mental et éléments du symbolisme”. In: *Rêve, art, fantasme*. Paris: Bayard.
- SHUTTLEWORTH, J. (1989). “Théorie psychanalytique et développement de l’enfant”. In: *L’observation attentive des bébés*. Larmor Plage: Hublot, 1997.
- STEINER, J. (1993). *Retraits psychiques – Organisations pathologiques chez les patients psychotiques, névrosés et borderline*. Paris: P.U.F., 1996.
- WHITE, R. (1961). Le conflit avec la mère dans la psychose de Schreber. In: *Le cas Schreber – Contributions psychanalytiques de langue anglaise.*, direction de J. LAPLANCHE. Paris: P.U.F., 1979.





Clarice M. Averbuck

WINNICOTT, D. W. (1970). “Dépendance et soins maternels”. In: *Le bébé et sa mère*. Paris: Payot, 1992.

ZIMERMAN, D.E. (1995). *Bion da teoria à prática – Uma leitura didática*. Porto Alegre: Artes Médicas.

Tradução de **Clotilde Favalli**

Revisão técnica de **Paulo Henrique Favalli**

Clarice M. Averbuck
54, Rue Duquesne
69006 – Lyon – França
E-mail: c.averbuck@wanadoo.fr

© Revista de Psicanálise – SPPA





Seção Especial: Matte-Blanco





Atenção montador
a página **88** é branca





Aproximando Matte-Blanco

Viviane Sprinz Mondrzak, Porto Alegre*

O trabalho se propõe a fazer uma introdução ao pensamento de Matte-Blanco, trazendo alguns dados sobre a pessoa do autor, alguns dos aspectos centrais de sua obra (entre eles, a bi-lógica e o trabalho de tradução), bem como possíveis desdobramentos teóricos e técnicos de suas idéias.



* Membro Efetivo da Sociedade Psicanalítica de Porto Alegre.





Viviane Sprinz Mondrzak

Para começar

Ler Matte-Blanco demanda um esforço especial, já que, em seus trabalhos, os conteúdos psicanalíticos se mesclam com a lógica matemática, um raciocínio ao qual não estamos habituados e que temos tendência a considerar como não tendo nada a ver com psicanálise. A pergunta se o esforço vale a pena não é descabida, principalmente se levarmos em conta a quantidade de textos e informações que temos à disposição e a total impossibilidade de darmos conta de tudo. É clara a intenção deste pequeno artigo de convencer o leitor da utilidade da empreitada. Mais do que utilidade, da abertura de perspectivas que a abordagem de Matte-Blanco proporciona e sua aplicação na prática psicanalítica. A objeção levantada por nossa pouca disposição em nos tornarmos matemáticos pode ser deixada de lado: é possível compreender o essencial do pensamento de Matte-Blanco sem que para isto precisemos nos debruçar sobre os meandros da lógica. Algumas noções básicas já preparam o terreno, e tomamos contato com uma visão mais ampla sobre a matemática, não uma ciência apenas voltada a quantificar fenômenos, mas que busca indicar movimentos e direções mentais, delimitando conceitos, um processo que está na base de todo pensamento humano (Talamo, 1999). Para Matte-Blanco, psicanalistas são, sem o saberem, matemáticos. Além disso, há uma concordância temporal: enquanto Freud estudava o inconsciente, os matemáticos estudavam os conceitos de infinito e conjuntos. Matte-Blanco, como veremos, aproxima as duas perspectivas e faz com que apresentem uma correspondência surpreendente.

Matte-Blanco

Antes das idéias, um pouco sobre o autor. Matte-Blanco nasceu no Chile, em 1908, de uma família aristocrática. Após formar-se em medicina, foi professor de fisiologia e, nos anos 30, mudou-se para a Inglaterra, onde fez sua formação analítica, ao mesmo tempo em que estudava intensivamente lógica matemática. Seu analista foi Walter Schmideberg (genro de Melanie Klein), e teve como professores, entre outros, Rickman, Strachey, Riviere, Isaacs e a própria Melanie Klein. Considerava-se do grupo Independente na Sociedade Britânica, apesar de manifestar clara admiração por Klein. Em seus escritos é evidente a base teórica que utiliza: Freud e Klein. Em 1940 mudou-se para os Estados Unidos, onde ficou 4 anos trabalhando no Hospital John Hopkins e na Duke University. Ao mesmo tempo, aprofundou seus estudos de lógica matemática na Universidade de Columbia. Após este período, retorna ao

90 □ Revista de Psicanálise, Vol. IX, Nº 1, abril 2002





Chile. Seguiu trabalhando em psiquiatria e em psicanálise, tendo sido um dos principais fundadores da Sociedade Chilena de Psicanálise. Em 1966 mudou-se para Roma, já casado com sua segunda esposa, Luciana Bon de Matte, também psicanalista, e com seus 6 filhos, tornando-se analista didata da Sociedade Italiana de Psicanálise. Seguiu trabalhando e escrevendo até 1990, quando um acidente o deixou com severo dano cerebral, vindo a falecer em 1995. Era descrito com um homem magro e pequeno, de aparência aristocrática, extremamente emocional e sentimental, nem sempre fácil de lidar quando contrariado. Ele próprio considerava-se uma mescla de características latinas passionais com uma paixão britânica pela lógica e pela organização (Rayner, 1995).

Matte-Blanco escreveu 2 livros: *The Unconscious as Infinite Sets*, publicado em 1975, e *Thinking Feeling and Being*, em 1988. Pretendia escrever um terceiro, sobre epistemologia, com o título *Si Dios Quisiera*, projeto que, infelizmente, não pôde realizar. Apesar de ter escrito em inglês, é um autor pouco conhecido fora da Itália e de algumas regiões da América Latina (Chile e Argentina). Existe na Inglaterra o London Bi-logic Group, que reúne em torno de 20 membros (psicanalistas e de outras áreas) para discutir as idéias de Matte-Blanco.

Algumas idéias

O que pretendo neste artigo é destacar algumas das principais idéias de Matte-Blanco e linhas de pensamento que podem se desenvolver a partir delas. É uma pequena síntese que não dá conta da complexidade de seu pensamento, mas que, espero, possa despertar o interesse do leitor.

Profundo conhecedor de Freud, Matte-Blanco coloca ênfase no Freud da primeira tópica e toma como ponto de partida a noção de inconsciente, para ele, uma das mais importantes contribuições de Freud, relegada a um plano secundário a partir dos desenvolvimentos da psicologia do ego. Ao lado da visão freudiana da mente dinâmica, com impulsos, instintos e desejos que podem ou não estar em conflito, Matte-Blanco propõe uma visão da mente como classificadora, que está permanentemente ordenando dados. Podemos imaginar nossas mentes sendo confrontadas com uma diversidade de estímulos, internos e externos que precisam ser organizados para que possamos ter conhecimento deles, já que não podemos conhecer nada em si mesmo de forma absoluta. O conhecimento se conseguiria através da possibilidade de discriminar relações entre eventos, verificar semelhanças e contrastes, estabelecendo o que é chamado de função proposicional, que determina a formação de conjuntos. Em outros termos, nossas mentes estariam sempre fazendo proposições sobre uma coisa,



Viviane Sprinz Mondrzak

outra coisa e a relação entre elas. Um conjunto potencialmente infinito destas tríades seria o ponto de partida para a construção de todo pensamento. A partir daí, chegamos a conceitos cruciais nas idéias de Matte-Blanco: as características das relações simétricas e assimétricas, as formas de relações que estariam à disposição da mente.

Assim, para Matte-Blanco, usando basicamente as contribuições de Russell (cujos estudos sobre lógica matemática influenciaram toda uma geração de pensadores), há um modo simétrico e um modo assimétrico de organizar dados e conhecer algo (conhecimento é aqui entendido de modo amplo, não apenas conhecimento intelectual, mas a percepção de qualquer fenômeno). O primeiro, regido pelo princípio da simetria, registra a identidade, a homogeneidade, o que há de comum entre os fenômenos; o segundo, correspondendo à lógica aristotélica, discrimina diferenças. Ambos são essenciais em todas as experiências humanas e Matte-Blanco nos alerta que esta classificação, por ser uma forma assimétrica de tratar o problema, é incapaz de corresponder à experiência simétrica em si (Matte-Blanco, 1975).

Vejam os princípios da lógica simétrica e da assimétrica conforme descritas por Russell (Matte Blanco, 1975). Uma relação logicamente assimétrica é aquela em que o contrário de uma proposição não é idêntico a ela. Por ex: se A está dentro de B, B não está dentro de A; se A está à esquerda de B, B não está à esquerda de A; se A está antes de B, B não está antes de A. Estes exemplos já antecipam que a lógica assimétrica é essencial para o estabelecimento da noção de todo e parte, tempo e espaço. Já a lógica simétrica trata toda relação como idêntica ao seu contrário, de onde se conclui que se A está dentro de B, B está dentro de A e, portanto, a parte e o todo são a mesma coisa; se A está à esquerda de B, B vai estar à esquerda de A, portanto não há discriminação espacial. Se A está antes de B, B está antes de A, e não temos discriminação de tempo. Assim, encontramos as principais características do inconsciente, descritas por Freud, explicadas em termos de um modo logicamente simétrico de perceber os dados: se antes é igual a depois, não há noção de tempo; se dentro é igual a fora, não há distinção entre realidade interna e externa; onde só é percebido o comum entre dois desejos, não há contradição nem negativa; onde a parte pode ser tomada pelo todo, a condensação e o deslocamento são a regra. Propõe assim, para entendermos o funcionamento da mente, o modelo de um sistema lógico duplo – uma bi-lógica – composto pela interação entre um modo simétrico e um assimétrico de ser, que corresponderiam, em linhas gerais, à distinção entre processo primário e secundário de Freud.

Vamos seguir um pouco mais com a lógica simétrica antes de estudarmos as relações existentes entre ambas. Matte-Blanco baseia seu conceito de lógica simétrica do inconsciente numa parte da teoria de Russell que trata de uma exceção à regra pela qual uma classe não pode ser representada por um de seus membros. Esta exce-





ção diz respeito aos conjuntos infinitos, nos quais um subconjunto é igual ao conjunto inteiro. É uma forma matemática de expressar o que conhecemos sobre o inconsciente e sua lógica. Vejamos como isto funciona. Tomemos o conjunto infinito dos números inteiros (1, 2, 3, ...). Deste conjunto, podemos formar o subconjunto dos números pares (2, 4, 6, ...) que também é infinito. Para cada número no conjunto inteiro, há um correspondente no subconjunto dos pares, o primeiro elemento de um corresponde ao primeiro elemento do outro e, portanto, 1 equivale a 2, 2 equivale a 4 e assim por diante, trazendo como consequência que a parte, o subconjunto, é igual ao todo, o conjunto inteiro. Conclui-se que os conjuntos matemáticos infinitos se comportam de forma similar para as partes e para o todo na lógica simétrica. Matte-Blanco propõe nossas mentes como contendo um número infinito de conjuntos infinitos, regidos pelos princípios da generalização e da simetria. Pelo primeiro, os indivíduos (pessoas, objetos, conceitos) são tratados como se fossem elementos de um conjunto; este conjunto como se fosse subconjunto de outro mais geral e assim por diante, tendendo a uma generalização cada vez maior, mas conservando algum aspecto das características originais do objeto inicial. Assim, o inconsciente só conhece classes, não indivíduos. Sempre que o inconsciente está diante de um objeto, parcial ou total, trata-o não como um indivíduo, mas como toda a classe, porque não lida com objetos, mas com classes proposicionais.¹

Várias questões vão se delineando. Na proposta de Matte-Blanco, consciente e inconsciente não são locais da mente, mas modos de funcionamento. A mente poderia ser vista como uma seqüência de estratos, desde o predomínio de pensamento consciente lógico, até uma camada onde haveria o predomínio da simetria (teoricamente se poderia pensar numa camada apenas simétrica, de total homogeneidade e indivisibilidade). Cada estrato conteria uma determinada proporção de modo simétrico e assimétrico e comporia sempre uma estrutura bi-lógica. Para ele, seria inconcebível no ser humano qualquer experiência ou atividade mental que não fosse ao mesmo tempo simétrica e assimétrica, variando as proporções de um e de outro. No raciocínio intelectual abstrato, por exemplo, teríamos um predomínio de modo assimétrico, enquanto que nas experiências de emoções intensas teríamos um grau maior de simetria. Nos esquizofrênicos, com os quais Matte-Blanco iniciou seus estudos, haveria uma presença de modo simétrico, em que deveria haver assimetria. Assim, é um erro imaginar os dois modos em oposição ou o modo simétrico como patológico. Ambos estão presentes sempre. Quando uma criança, ao brincar, diz que é o super-

1. Proposições são chamadas sentenças abertas nas quais uma incógnita deve preencher algum requisito proposto, por ex, "ser amado" é uma proposição e todos que preencherem este requisito que é ser amado fazem parte da classe determinada por ela. Neste sentido, ter pensamentos envolve fazer proposições, desde um instantâneo ato de percepção, como nos bebês, até deduções altamente abstratas.





Viviane Sprinz Mondrzak

homem, sabe que não é. No entanto, o ponto básico da brincadeira é que ela é o super-homem. Sem simetria, que estabelece a homogeneidade, não há brinquedo, mas sem a lógica assimétrica, que discrimina a diferença entre a criança e o super-homem, o brincar se transforma em delírio, e a criança acredita que pode voar.

Além de um corte vertical na mente, que pressupõe a concomitância de todas as camadas na mente adulta, idealmente sob a supremacia do modo assimétrico, mas precisando manter contato com a simetria para se apaixonar, se emocionar, apreciar arte, compreender conceitos mais abstratos, etc., Matte-Blanco oferece uma visão da evolução desta mesma mente desde o nascimento. O bebê nasceria com um predomínio de simetria, e sua primeira forma de perceber qualquer estímulo seria simétrica, através de uma emoção. A emoção é sentida como um evento psicofísico, e esta experiência emotiva vai sendo submetida a um processo de atividade proposicional, que vai crescendo em assimetria com o desenvolvimento. É a partir da emoção que a função proposicional desenvolve o pensamento, o estabelecimento de relações. Indo além nesta visão, o inconsciente é potencialmente uma consciência com um número maior de dimensões do que nossa consciência habitual pode perceber. O que é inconsciente é porque a consciência não está habilitada para sua percepção.

Ao processo de transformação do que é inconsciente simétrico em consciente assimétrico, Matte-Blanco dá o nome de tradução ou “unfolding” (desdobramento, esclarecimento, expansão, revelação). O termo “tradução”, apesar de não refletir a idéia básica do processo que procura descrever, é o mais utilizado por ele.

Seguindo seu raciocínio, o que é inconsciente nunca se torna consciente, e o que podemos é tomar consciência de porções dele. A consciência, neste modelo proposto, seria como uma luz que ilumina algo que já estava ali, não havendo, portanto, uma mudança na estrutura, apenas na qualidade de ser inconsciente ou consciente. Aqui vale lembrar Freud (1924) quando diz que o que é mental é em si próprio inconsciente e que ser consciente é uma qualidade que pode ou não advir, pelo funcionamento da consciência, órgão capaz de perceber as qualidades psíquicas. Para ele, a consciência “... permanece a única luz que ilumina nosso caminho e nos conduz através das trevas da vida mental” (Freud, 1940b, p.321). Mas, por sua natureza, a consciência humana só pode dar conta de, no máximo, quatro dimensões (incluindo o tempo) e, portanto, não pode conter o modo simétrico, de infinitas dimensões. O que pode fazer é deixar penetrar aos poucos estas dimensões, como se conseguisse “ler na massa amorfa do ser simétrico” (Matte-Blanco, 1975, p.107), pegando pedaços aqui e ali e ordenando-os na dimensão espaço-temporal. Isto significa que se comporta como se estivesse transformando o modo simétrico de ser em assimétrico, mas está apenas lhe dando uma aparência de assimétrico para que possa ser captado pela consciência. Assim, o modo simétrico de ser é colocado como a realidade





de básica do homem, de onde se desprenderia um grupo ilimitado de funções assimétricas.

A maneira como Matte-Blanco coloca o pensamento também segue nesta linha. Considera-o como um processo de distinção, como “*um lençol fino de assimetria entre dois volumes de simetria*” (Matte-Blanco, 1975, p.289). No esforço contínuo de compreender o que não pode, por estar além do alcance da compreensão humana consciente, o pensamento tenta, inicialmente, procurar expressões em termos de conjuntos infinitos, gerando um afeto, um “entendimento emocional” (como já vimos, o afeto é considerado uma estrutura cognitiva, matéria-prima para o pensamento). Dessa forma, o inconsciente, para ele, somente conhece classes, e os pensamentos são vistos como atividade proposicional da mente. Esta, quando confrontada com um grupo de sinais, os classificará, inconscientemente, num conjunto infinito, que corresponde a uma emoção. Portanto, a emoção pode ser definida como uma forma elementar de classificação, como uma atividade cognitiva básica, produto da lógica simétrica: “...as emoções oferecem ao intelecto infinitas possibilidades de desenvolvimento...visto de dentro, emoção não é pensamento, porque não é uma atividade proposicional, mas é a mãe do pensamento” (Matte-Blanco, 1975, p.303). Assim, a contínua exploração do simétrico nutre o assimétrico de uma fonte infinita de conhecimento. Seria como se o pensamento pudesse ver infinitos cenários à sua frente, mas nunca pudesse chegar ao infinito em sua exploração. O modo simétrico entra em cena e o vive inteiramente. O pensamento revela o modo simétrico estabelecendo relações assimétricas expressas em termos de conjuntos infinitos: em outros termos, o modo simétrico pode ser revelado sob a forma de um número infinito de relações.

O conhecimento da lógica simétrica ajuda a compreender a natureza de vários fenômenos que apresentam características de conjuntos infinitos: a onisciência (“Não existe limite para o meu saber”); a onipotência (“Não há limite para meu poder”); a impotência, que segue a mesma linha, só que em termos de números negativos infinitos (“Não posso fazer nada”) (Rayner, 1981). O sistema inconsciente, regido pela simetria, não registra o zero, já que não estaria dotado para perceber uma simples ausência sem carregar o objeto ausente com características infinitamente negativas, o mesmo acontecendo com um bom objeto. Assim, o inconsciente segue a lei dos conjuntos infinitos, atribuindo ao objeto a máxima potencialidade que está implícita na função proposicional da classe: ou tem um objeto e, neste caso, o tem em suas infinitas potencialidades positivas, ou não o tem, sendo sua ausência sentida no máximo poder negativo (Matte-Blanco, 1975, 1988).

No seu segundo livro, Matte-Blanco (1988) aprofunda o estudo das várias combinações entre simetria e assimetria, reforçando sua percepção de que todos os



Viviane Sprinz Mondrzak

fenômenos mentais são estruturas bi-lógicas. A sensação de apaixonamento, sentida como infinita, mostra um predomínio de simetria, sem limite de tempo e espaço. Não se imagina alguém sentindo ou expressando seu amor dizendo: “Estou apaixonado por um prazo de dois meses e somente quando nos encontramos no parque.” No entanto, mesmo aqui, há um nível de pensamento assimétrico capaz de perceber defeitos ou limitações na pessoa amada.

A transferência também pode ser vista como uma estrutura bi-lógica. Por um lado, simetria, já que a parte é tratada como tendo as potencialidades do todo, com a projeção de conjuntos que se sucedem infinitamente, chegando até o analista e mantendo sempre algum ponto de contato com o objeto original. No entanto, o paciente sabe que o analista não é o objeto primário, havendo uma assimetria capaz de perceber as diferenças. O caráter paradoxal da transferência, na qual o analista é/não é o objeto primário, pode ser compreendido pela particular concomitância de simetria e assimetria.

O que temos até aqui? Da leitura de Matte-Blanco emerge um modelo de mente, a mente-classificadora, permanentemente ocupada com a tarefa de tornar os estímulos capazes de serem entendidos. A emoção é a estrutura cognitiva básica, sobre a qual podem ser construídos níveis de pensamento de complexidade crescente. As lógicas simétricas e assimétricas são essenciais na composição dos fenômenos mentais, sem hierarquia entre elas. Há uma visão da mente operando concomitantemente em vários níveis, fazendo com que cada estrato “sinta” um mesmo evento, interno ou externo, de maneira diversa. Na visão de Matte-Blanco de saúde mental, imagina-se que a invasão das camadas mais inconscientes seja mais controlada para que a percepção da realidade fique menos perturbada. Ao mesmo tempo, é essencial uma via de contato com as camadas mais simétricas. Ao contrário de uma visão na qual o processo secundário triunfa sobre o processo primário que fica praticamente relegado aos sonhos, destaca-se a permanência da simetria na vida adulta. Mais do que a permanência, o essencial desta presença.

E sobre o trabalho psicanalítico?

O que pensa Matte-Blanco sobre o efeito terapêutico da psicanálise? Já vimos como pensa o “tornar consciente o inconsciente”. Vejamos como coloca o “onde estava o id, estará o ego”. Em linhas gerais, Matte-Blanco demonstra clara preferência pela primeira tópica, ponto de partida para seu trabalho (Matte-Blanco, 1975). Para ele, como o ego não é uma região de cérebro, mas uma função e o modo simétrico não pode nunca se tornar assimétrico, o id nunca pode diminuir de tamanho, é

96 □ Revista de Psicanálise, Vol. IX, Nº 1, abril 2002





sempre infinito e não pode ser substituído por nada. O trabalho de assimetriação, no entanto, garante uma fonte inesgotável de enriquecimento para o ego, proveniente das relações assimétricas extraídas do id, se quisermos manter esta nomenclatura. Mas este processo não diminui o tamanho da fonte, porque não retira nada dela, apenas aumenta a possibilidade de relações assimétricas a partir desta origem. A função de tradução é como a imagem num espelho daquilo que não tem forma ou estrutura, mas que potencialmente sugere infinitas formas e estruturas: “*O fato de um objeto ser refletido num espelho ou num milhão dele não diminui seu tamanho*” (Matte-Blanco, 1975, p.301). É a colocação no espaço-tempo do que por definição não cabe nestas dimensões.

Assim, o trabalho analítico pode ser colocado em duas perspectivas: o levantamento das repressões e o trabalho de “tradução” e, para destacar as diferenças entre ambos, parte da idéia de “barreiras”, consideradas fundamentais por Freud na constituição das estruturas mentais (Matte-Blanco, 1975). A barreira da repressão mantém o conteúdo mental fora da consciência (aqui seria um conteúdo já assimétrico, mas mantido fora por um trabalho defensivo, que consiste em tentar recolocar simetria, através de mecanismos como projeção, condensação, deslocamento, etc., que favoreçam o tornar simétrico, inconsciente). A barreira colocada pela assimetria teria uma função totalmente diferente. Propõe o seguinte modelo: várias classes no inconsciente, dentro das quais rege a simetria, distinguidas umas das outras por relações assimétricas, que seriam como uma espécie de bolsa que mantém a classe junta. As barreiras de relações assimétricas poderiam ser consideradas como várias bolsas que carregam o modo simétrico de seu inconsciente profundo para algum tipo de representação na consciência. Puxariam o inconsciente para a consciência num processo sem fim, agindo no sentido contrário ao da repressão. Assim, o trabalho de “tradução” facilita o acesso à consciência, torna-o acessível ao pensamento, enquanto que a repressão impede este acesso. Boa parte do trabalho analítico se daria não em buscar o reprimido, mas possibilitar novas compreensões, provenientes de novas possibilidades de estabelecer relações assimétricas, com um potencial infinito de criatividade, como nas artes (Matte-Blanco, 1975). Como vemos, é uma abordagem muito próxima de Bion que enriquece a visão do processo psicanalítico e explica muito dos efeitos verificados e que não tem a ver com levantamento de material reprimido

Seria correto dizer que a psicanálise silencia os processos inconscientes? A resposta de Matte-Blanco é negativa. Ela poderia anular ou diminuir a invasão destes processos na superfície, tornando menor sua influência na apreensão da realidade. O que é carregado de emoção é mais difícil de ser logicamente pensado. Ao nomear uma emoção antes difusa, o analista introduz assimetria, geralmente acompanhada de alívio: o que antes se irradiava pode ir se tornando mais específico, permitindo



Viviane Sprinz Mondrzak

uma melhor avaliação de cada evento individualizado.

Para tentarmos visualizar o modelo de Matte-Blanco, vejamos uma situação simples, de uma análise de poucos meses. Há um padrão na forma como a paciente se apresenta após o fim de semana: um relato angustiado de várias situações nas quais não se sente bem recebida, ajudada. A empregada queimou a comida, a sogra disse que nora não é parente, a mãe disse não poder ficar com seus filhos para que fosse ao cinema. A forma como sente estas situações é intensa, cheia de angústia, todas são a mesma, carregada de simetria: há uma classe de mães que não cuidam se irradiando em todas direções. Um assinalamento inicial, mostrando que um mesmo sentimento unia todas as situações descritas e dificultava sua capacidade de verificá-las individualmente, provoca um pequeno alívio, introduz-se assimetria, o que organiza o que estava disperso, tornando evidente mecanismos simétricos de generalização, deslocamento. Pensar que não estava braba com todos a sua volta, que esta era a expressão de uma emoção única, que se manifestava em todas estas situações, a reconcilia, mesmo que momentaneamente, com os que a rodeiam.

Mostrar-lhe que estava se sentindo especialmente sem ajuda nos fins de semana foi o passo seguinte, introduzindo uma dimensão temporo-espacial, aproximando-a da percepção de que a queixa principal, neste momento em que depositava todas suas expectativas na análise, era quanto ao se sentir sem este atendimento justamente nos fins de semana. A queixa não era relativa apenas aos fins de semana, correspondia a uma decepção generalizada com a análise, já que chegara idealizando-a intensamente. Apesar disto ser muito claro, não pôde ser assimilado em seguida. Cada situação, envolvendo as mais variadas circunstâncias e pessoas, teve que ser “assimetrizada” com detalhes, discutida, procurando estabelecer contradições e diferenças, até que se pôde retornar à expressão transferencial. A intensidade com que experimentava habitualmente suas emoções pôde ser melhor discriminada: a idealização era extrema, bem como a decepção. A tendência do afeto sentido tendia para o infinito, positivo ou negativo.

O trabalho analítico não é feito sem resistências e estas não são exclusividade do paciente. A dor psíquica que ameaça a busca da verdade aflige também os analistas. Algumas palavras de Matte-Blanco sobre o assunto: “... a lógica foi criada ao longo da história do homem e tem se mostrado útil para ter algum poder sobre a natureza. Do ponto de vista emocional é uma reação contra a ansiedade provocada por sentimentos de fragilidade e insegurança, inicialmente do seio e, depois, de todos os elementos que deixam exposta a impotência diante do mundo... O pensamento lógico-científico é a mais extrema forma de defesa contra sentimentos de impotência e é útil para conquistar a natureza, mas representa um empobrecimento, pois é apenas uma parte da mente humana. Apesar das possibilidades que o estudo do incons-





ciente traz, não podemos descuidar da angústia que provocam, no paciente e no analista, porque devem se despojar, nem que seja por momentos, das cadeias da lógica aristotélica, que oferece proteção contra a confusão” (Matte-Blanco, 1975, p.58).

Do ponto de vista de técnica, a recomendação de que o analista afrouxe as cadeias lógicas de seu pensamento para que, através de uma percepção simétrica, possa ter acesso ao simétrico no paciente, oferece subsídios para que se aprofundem temas como “intuição” e o “sem memória e sem desejo” de Bion. Se é impossível um abandono completo destas cadeias, podemos “enfraquecê-las”, utilizando a percepção emocional do que ocorre na relação e aceitando esta dimensão menos lógica, menos assimétrica, como um modo legítimo de conhecer. O mecanismo de “tradução” do que é inconsciente ao modo assimétrico se baseia na possibilidade de transposição de um tipo de lógica a outro, usando o conhecimento emocional como ferramenta, o que coloca o efeito da análise como afetivo-cognitivo.

Para terminar

Ao reler o escrito até aqui, percebo que há um acúmulo de dados, muito condensados, com o risco de fazer o leitor desistir definitivamente de prosseguir no estudo de Matte-Blanco. Como todo autor criativo, Matte-Blanco é controverso. Alguns dizem que não há nada de novo, ou que ele apresenta uma sistematização forçada da psicanálise, ou que seus escritos trazem pouca clínica, ou que a lógica matemática afasta da psicanálise. Certamente muitas de suas idéias podem e devem ser discutidas e/ou contestadas. Nada disso diminui o mérito de suas contribuições essenciais, nas quais se vislumbra uma proposta epistemológica que precisa ser melhor explicitada. Não é a toa que o terceiro livro que pretendia escrever era sobre este tema. Pena que não o tenha feito. Toda sua visão da mente como classificadora de dados, utilizando uma lógica simétrica e assimétrica, a emoção como estrutura cognitiva básica, as infinitas formas de organizar tríades que estabelecem relações, apontam para uma proposta epistemológica específica, oferecendo material para inúmeras reflexões. O próprio título que daria ao livro (*Si Dios quisiera*) sinaliza a importância que assumem em sua obra a noção de Deus, de Infinito, de Onipotência, como elementos essenciais da natureza humana em sua simetria. Matte-Blanco nos remete à experiência simétrica (num extremo do espectro), que não conhece relações de objeto, onde o sujeito é o objeto, onde “é” todas as potencialidades infinitas implícitas no objeto. O temor à megalomania é sempre associado a esta experiência, já que a pessoa passa a ser a própria verdade. Todo processo de crescimento e de busca da verdade é vivido



Viviane Sprinz Mondrzak

como um desejo narcísico de ser Deus, o que explica o potencial “catastrófico” do pensar. Para Matte-Blanco, o ser humano, diante da frustração pela ausência do seio, sentido como Deus, desenvolve, nas origens do pensar, a tendência a ser o Seio, a ser Deus, procurando negar a ausência e a dependência (Bria, 1992). No entanto, é a tolerância a esta frustração que pode permitir um pensar simbólico, organizador, assimetrizante, que protege do medo de se perder no infinito da experiência simétrica, narcísica. Esta linha de pensamento permite que a psicanálise se aproxime, entre outros, dos fenômenos religiosos a partir de uma outra perspectiva, o que já encontramos em alguns trabalhos (Bomford, 1990; Franco Filho, 1995).

Da aproximação de Matte-Blanco com Bion surge um panorama também mais amplo do método psicanalítico e conceitos como o de “intuição”. Matte-Blanco, como vimos, distingue níveis diferentes de trabalho analítico, enfatizando aquele que trata de um trabalho de assimetria, de expansão nas relações possíveis dentro do infinito do simétrico, o que claramente se relaciona com a expansão da capacidade de pensar sobre a experiência emocional. Seria o trabalho de conduzir da simetria à assimetria através da simetria (a percepção emocional do analista, não usando a lógica). A neutralidade seria uma opção consciente do analista, uma determinada atitude mental que se aproxima da recomendação de sem memória e sem desejo, que o compromete a valer-se de suas emoções para entender a relação com seu paciente.

O número de questões vão se multiplicando à medida que prosseguimos a leitura de Matte-Blanco: como pensar o conflito psíquico, se nas camadas mais inconscientes, com o predomínio de simetria, a possibilidade de conflito fica abolida? Como pode haver um espaço mental, se a mente não tem comprimento ou largura? Como fica a noção de objeto, se, à medida que avançamos em direção a níveis mais profundos de inconsciente, as diferenças com o objeto vão sendo abolidas? Matte-Blanco propõe suas respostas possíveis para estas perguntas, mas fica claro que há espaço para muitos desdobramentos.

Se, após ler este artigo, o leitor ficar curioso ou um pouco intrigado, o objetivo terá sido atingido: remetê-lo a Matte-Blanco. □

Referências

- BOMFORD, R. (1990). The attributes of God and the characteristics of the unconscious. *IRP*. V. 17, p. 485-489.
- BRIA, P. (1992). Catástrofe e Transformações. *Revista Brasileira de Psicanálise*. V. 26, p.389-396.
- FRANCO FILHO, O. (1995) Experiência religiosa e Psicanálise. *Revista Brasileira de Psicanálise*. V.29, p.859-872.
- FREUD, S. (1924). Uma Breve Descrição da Psicanálise. *E.S.B.* V. 19, Rio de Janeiro: Imago, 1976.





- _____. (1940). Algumas Lições Elementares de Psicanálise. *E.S.B.* V. 23, Rio de Janeiro: Imago, 1975.
- MATTE BLANCO, I. (1975). *The Unconscious as Infinite Sets*. Londres: Duckworth, 1975.
- _____. (1988). *Thinking, Feeling, and Being*. Londres: Routledge, 1999.
- RAYNER, E. (1981). Infinite experiences, affects and the characteristics of the unconscious. *IJP*. 62:403-412.
- _____. (1995). *Unconscious Logic*. Londres: Routledge.
- TALAMO, P.B. (1999). *Metapsicología y Metamatematica*. B.Aires: Polemos.

Viviane Sprinz Mondrzak

Av. Taquara, 198/201
90460-210 – Porto Alegre – RS – Brasil
E-mail: mondrazak@terra.com.br

© Revista de Psicanálise – SPPA





Atenção montador

a página **102** é branca





Uma aplicação da teoria bi-lógica ao estudo da mudança psíquica e do luto*

Romualdo Romanowski**, Porto Alegre
Jair Rodrigues Escobar***, Porto Alegre
Rudyard Emerson Sordi***, Porto Alegre

Os autores consideram que o processo de mudança psíquica envolve a elaboração do luto pela perda de “teorias de vida” embasadas na crença narcísica onipotente e sua substituição por outras mais realísticas a respeito de como solucionar os inerentes e naturais problemas da existência. O questionamento da “verdade” destas teorias de vida, bem como a aquisição da percepção da existência do tempo, fazem parte do referido processo e isto diz respeito tanto ao paciente como, em certa medida, também ao analista. Tais problemas são vividos, reeditados e revisados na relação transferencial/contratransferência. Apresentam um exemplo clínico para ilustrar. Ponderam que os conceitos de simetria, assimetria, homogeneização e diferenciação, que fazem parte da teoria bi-lógica de Matte-Blanco, são elementos importantes para o estudo e para a compreensão da dinâmica das mudanças psíquicas que ocorrem num processo analítico não estático.

* Este trabalho teve sua origem nas discussões em grupo de estudos do qual participaram também Eneida Iankilevich, Jussara Schestatsky Dal Zot, Irineu Francisco Leonardi e Margareth Silveira Campos, cujas contribuições os autores agradecem.

** Membro Efetivo e Analista Didata da SPPA.

*** Membro Associado da SPPA.





1. Introdução

Desde a criação da psicanálise, a mudança psíquica tem sido buscada como seu objetivo primordial. A formulação inicial objetivava trazer à consciência conflitos inconscientes, a seguir buscava aliviar a dor causada pela angústia através da integração pelo ego dos impulsos, amor e ódio, superego e id. Nesta época, a psicanálise se atinha à observação pelo analista do inconsciente do outro, o paciente. Hoje, por mais distintas que sejam as escolas, todas, de certa maneira, admitem ser impossível conceber o processo analítico como atingindo apenas um dos dois pólos. Em qualquer ciência, não mais se admite que exista um observador totalmente alheio ao fenômeno observado.

Na concepção aristotélica, o conhecimento seria adquirido pelo cognoscente, passivo, matéria que se informava através do objeto, ativo, forma. Já a partir de Kant, alteraram-se os pólos. As coisas não seriam conhecidas predominantemente pelo que é seu. O cognoscente, ativo, seria o determinante do conhecimento: a matéria (objeto a ser conhecido) determina-se pelas formas do cognoscente, a realidade a ser vista é a realidade que foi conhecida desta maneira. Além disso, a experiência só é adquirida se existe percepção através de duas determinantes universais: espaço e tempo (Jiménez Moreno, 1995).

O estudo do tema “mudança psíquica” demonstra que o conceito varia de acordo com as teorias de diversos autores (Etchegoyen, B. Joseph, Bion, Steiner, Meltzer), não existindo uma compreensão idêntica e, muitas vezes, nem semelhante. Contudo, alguns elementos parecem ser mais ou menos constantes, pelo menos nos autores revisados. Pode-se mencionar o movimento que ocorre de uma posição esquizo-paranóide, de objetos cindidos, para outra de relação com objetos mais reais e totais, mais próxima da posição depressiva. Fatores importantes, vividos na relação transferência/contratransferência, seriam, por exemplo, mobilização da ambivalência, inveja, luta em direção ao e contra o conhecimento, manejo das partes psicóticas, etc. Os autores referidos salientam, e com eles concordamos, que em todo este quadro há uma perda da crença na onipotência narcísica e uma necessidade de que o paciente encare e realize o luto conseqüente. Entretanto, não especificam de forma mais detalhada as origens deste luto.

É objetivo deste trabalho assinalar alguns elementos que possam ampliar o pensamento e a compreensão a respeito de mudança psíquica e o concomitante luto durante o processo psicanalítico em seus diversos momentos. Este estudo visa a chamar a atenção para a necessidade de que seja percebido e elaborado o luto pelo abandono de certas convicções, ou teorias, que, embora úteis em algum grau no passado,





tornaram-se insuficientes ou mesmo prejudiciais e que foram, através do trabalho analítico, modificadas ou abandonadas. Acompanha tal processo uma ferida narcísica inevitável, junto a um questionamento à crença na própria onipotência e onisciência. A mudança de tais convicções e/ou teorias implica em mudança psíquica, com a aquisição de um maior conhecimento, pelo paciente, de sua realidade psíquica, uma discriminação mais efetiva e clara entre realidade interna e realidade externa.

O pensamento de Matte-Blanco objetiva, entre outras metas, exatamente o estudo da relação existente entre consciente e inconsciente para que possa ser obtido este maior conhecimento da realidade psíquica. Portanto, neste trabalho, os autores reputam importante que sejam utilizadas algumas contribuições de Matte-Blanco, mais particularmente quando fala de simetria e assimetria na teoria bi-lógica e é postulada a existência de dois modos concomitantes e contrastantes na relação consciente-inconsciente.

2. Mudança psíquica: um aspecto particular

Como dito acima, o processo analítico implica em um ataque à crença na onipotência narcísica, deflagrando-se um luto particular: o luto pela perda da convicção nas teorias até então vigentes em ambos os integrantes do par analítico. O analista, embora não imune, mercê de sua anterior análise pessoal, terá menos dificuldades para enfrentar este desafio e, conseqüentemente, poderá ajudar com mais eficiência na tarefa de ambos. Por “teorias de vida” entendemos a maneira, sistema de sentimentos, idéias e condutas que o analisando e o analista têm usado, cada qual a seu modo, como tentativas de resolver seus problemas, isto é, para manter seu equilíbrio psíquico. Não podemos esquecer que tais teorias se mostraram de relativa utilidade em circunstâncias passadas, tornando-se insatisfatórias em certo momento de sua vida. Isto vale tanto para as motivações da busca de tratamento quanto para o desenvolvimento da análise. Popper afirma que todos os seres vivos, para tentar resolver seus problemas de sobrevivência, utilizam determinados esquemas, ensaios de adaptação, por ele comparados às nossas teorias científicas. Mais ainda, alerta que tais ensaios nunca podem ser definitivos, visto as condições ambientais também sofrerem modificações no transcorrer do tempo. Pensamos que uma das motivações da procura de tratamento por um futuro paciente reside em um questionamento destas teorias por um aspecto sadio de sua personalidade, ao perceber certo grau de sofrimento ou inadaptação. Supomos que isto deriva de um *insight* prévio ao tratamento e motiva o indivíduo a procurar um auxílio (análise). Este *insight* e sua conseqüente busca de auxílio não impedem, entretanto, que, ao começar o processo analítico,





volte a predominar no paciente uma necessidade de defender e utilizar as antigas teorias. Desta forma, passa a atribuir ao analista o interesse de modificá-las, isto é, o desejo pela mudança psíquica. Bion (1963), com referência a pacientes muito regressivos, já alertara para a “Reversão da Perspectiva”, na qual o fenômeno atinge dimensões de difícil abordagem.

Para se construir algo com outro alguém é condição admitir a existência desse outro. Tanto a teoria quanto a prática clínica possibilitam-nos pensar que o caminho é penoso. Podemos formular a hipótese que o indivíduo inicialmente se crê onipotente: não existe o outro, “*eu sou o mundo*”. Com o crescimento o sujeito passa a não querer admitir a existência do outro, embora esta se imponha, pois admiti-la fere dolorosamente a crença na própria onipotência e a homogeneidade é posta em questão: o outro existe, tem sua liberdade e não necessariamente pensa como o sujeito. Não é simétrico. Prosseguindo em seu caminho rumo ao amadurecimento, o indivíduo já admite a existência do outro, quer conhecê-lo, porém este conhecimento é limitado, o que acaba redundando também em um prejuízo ao autoconhecimento, pois o conhecimento do mundo circundante contribui para o próprio conhecimento. Instala-se, por esta limitação a conhecer o outro, nova ferida à auto-estima e nova derrota da crença na própria onipotência e onisciência. Julgamos que nesta etapa a grande frustração consiste – pelo juízo de realidade – em ter que reconhecer os próprios limites, constatar que não pode conhecer inteiramente o outro, que o mundo funciona de maneira independente e há que reformular muita coisa quanto à maneira pessoal de funcionar, juntamente com a dor da constatação do tempo já desperdiçado com modelos antigos. O analista, de modo especial, é desafiado quotidianamente a tolerar esta frustração, pois suas teorias não conseguem satisfazer a ambição de alcançar o conhecimento amplo de seus pacientes. Faz parte da função analítica admitir esta limitação. Por outro lado, a percepção da existência de limites é inseparável da noção de espaço, introduzindo a possibilidade de separações, mas também a potencialidade de estabelecer relações e de adquirir confiança na manutenção de determinadas relações ou na expectativa de reencontros.

Para o indivíduo, questionar a sua teoria de vida implica uma ameaça de luto, não apenas por uma condição interna, mas também porque este questionamento propõe uma reavaliação da forma como viveu até então, o que inclui uma apreciação e reconhecimento de suas limitações, capacidades, alcances e a inevitável dor pelo que “não pode ser”, a conscientização do que “não poderá ser”, imposta pela realidade física de espaço e tempo, que não pode mais ser negada. Os possíveis ganhos que advirão não têm ainda a força e o poder de convencimento e então o que predominará poderá ser um sentimento de perda, antes que de um ganho. Esta situação é vivida na transferência, sendo o analista sentido como o responsável por esta dor. A luta contra





isto transforma-se numa luta contra o analista. Em outras palavras, abandonar uma fantasia onipotente por uma constatação de uma realidade obviamente limitada não é algo que se viva sem um sentimento de perda e luto pela convicção defraudada.

Salientamos antes que processo similar tende a acontecer no analista. Confia-se que a análise pessoal do analista já o tenha capacitado a ser mais permeável às modificações de crenças e expectativas; que já tenha um insight mais utilizável para esta tarefa e que, portanto, já tenha evoluído o suficiente não só para suportar as decepções pela fantasia onipotente abalada como também para poder elaborar os lutos com os quais se defronta a cada nova etapa vencida.

Mas alguns riscos sempre estão presentes. B. Joseph reafirmou, em 1990, o que Freud escreveu no distante 1912, alertando para a possibilidade de, inconscientemente, exercermos pressão sobre os pacientes para que reajam de forma a confirmar nossas teorias e expectativas:

“...embora tentemos focar no que nossos pacientes trazem e em seu modo individual e próprio de funcionar, nós de fato mantemos como pano de fundo, em nossas mentes, nossa própria perspectiva teórica, alguma idéia do tipo de mudança psíquica que almejamos a longo prazo” (p.346).

Muito já foi descrito sobre os diversos fenômenos que poderiam ser considerados como constituintes da mudança psíquica: onde havia id, que haja ego; onde predominava a estagnação, que se amplie a criatividade; ou que o princípio de realidade predomine sobre o princípio de prazer; ou ainda que as relações de objeto parciais evoluam para relações de objeto totais; ou também que se amplie a tolerância à frustração e que a busca do conhecimento não seja freada por angústias intoleráveis, ou mesmo que a pessoa passe a se responsabilizar pela sua vida, enfim, todas as idéias convergem para a busca da verdade psíquica. Neste rol, certamente incompleto, julgamos necessário acrescentar que, segundo a teoria de Matte-Blanco, a mudança implicaria no predomínio da assimetria onde antes predominava a simetria, onde existia generalização que exista discriminação, afirmativas que procuraremos fundamentar mais adiante.

A respeito do que considera mudança psíquica, B. Joseph, em seu artigo “Mudança psíquica e processo psicanalítico” (1989 [1986]), relaciona tanto as mudanças do estado mental passo a passo durante o processo analítico, como as mudanças mais abrangentes e duradouras. Chama a ambas “mudança psíquica”. Em alguns momentos, porém, considera mudanças psíquicas reais apenas aquelas mais consistentes e estabelecidas.

Para os propósitos do presente trabalho, consideramos as diminutas mudanças





do estado mental que ocorrem momento a momento, na transferência, como oscilações e vicissitudes do processo, reservando a designação “Mudança Psíquica” para algo que inclua, no mínimo, os seguintes elementos:

Direção. A mudança psíquica, em decorrência da análise, deve expressar um aumento na organização das funções mentais no rumo do desenvolvimento da capacidade de pensar. Isto pressupõe crescimento das capacidades de representação mental das percepções internas e externas e ampliação das relações entre estas representações. Como decorrência o pensamento antecipar-se-á à ação, observando-se uma liberação da capacidade criativa.

Tempo. A aquisição interna da noção de tempo possibilita que a repetição compulsiva seja superada; que novas atitudes e posicionamentos surjam. A consideração de mudança psíquica deve levar em conta a obtenção, a persistência das modificações conseguidas e a sinalização da possibilidade de novas modificações evolutivas ou simplesmente adaptativas. Mudança psíquica, por conseguinte, deverá ter um tempo de duração para que possa ser considerada como consolidada, embora não estática, o que implica supor que houve mudança estrutural.

Conduta. Como decorrência da aquisição da noção do tempo e desenvolvimento da capacidade de pensar, a conduta passa a obedecer predominantemente ao princípio de realidade. É verificado um maior grau de adaptação à realidade externa.

A avaliação dos elementos mencionados é feita a partir de três pontos de referência: o paciente, o analista e o meio. O paciente aumenta o intercâmbio entre realidade interna e externa, percebe, progressivamente, a figura real do analista, ademais da figura transferencial, e relata maior capacidade de usufruir a vida. O analista registra modificações mais maduras e estáveis na relação transferência/contratransferência. Finalmente, não são destituídas de valor as manifestações do meio que apontam modificações de conduta e melhores relações interpessoais. A convergência destes três indicadores registraria a presença efetiva de uma mudança psíquica.

3. O pensamento de Matte-Blanco

Torna-se agora oportuna uma síntese de algumas contribuições de Ignacio Matte-Blanco que utilizaremos para fundamentar a proposição do presente trabalho.

Matte-Blanco, pensando e trabalhando a partir dos conceitos e das características do sistema inconsciente – tal como foi concebido por Freud –, afirma que eles obedecem a uma lógica amplamente distinta daquela que rege o nosso pensamento





científico. Assinala que Freud considerava a existência de diferentes atividades psíquicas: uma, expressando a reflexão voluntária, acompanhada de consciência (processo secundário); outra, que desta difere representando os fenômenos inconscientes (processo primário). A lógica habitual do pensamento científico, lógica aristotélica ou bivalente, é contrastante com a dos fenômenos inconscientes. Afirma Matte-Blanco (1956):

“...não se pode dizer que os processos no sistema inconsciente ocorrem sem conformar-se a nenhuma regra lógica, porque neste caso só seríamos testemunha de um caos; e se houvesse um caos não poderia haver nada predizível, portanto Freud não poderia haver descrito as características mencionadas” (p.142-143).

Complementa ainda que:

“As leis do sistema inconsciente existem, e se não se conformam aos princípios da lógica científica devem conformar-se a algum sistema lógico que pelo menos, em algum respeito, é diferente da lógica científica” (p.143).

A este respeito, dois tópicos básicos devem ser salientados:

a) O inconsciente trata a parte como o todo e, portanto, desaparece a diferença entre a parte e o todo; a parte pode ser, então, colocada em relação biunívoca com o todo. Este é o “princípio de generalização” pelo qual cada coisa é tratada como elemento de uma classe que, por sua vez, seria subclasse de outra classe e assim por diante. Um ente, colocado diante de uma mente, será classificado de acordo com o grupo de sinais que possa emitir. Assim, por exemplo, ao ver-se frente a um sinal como uma voz acolhedora, a mente registra um estímulo. Após surge uma emoção cujo significado pode ser *“estou diante da mãe”*. A qualidade da emoção, em resposta ao sinal, pode ser do tipo amor, raiva, medo, vergonha, etc., ou suas combinações, bem como ser suscetível de variações de momento a momento. Na dinâmica da relação transferência/contratransferência, em um instante, o analista pode ser vivenciado e enfrentado como um rival inimigo e, no próximo, visto e amado como um pai compreensivo. Da mesma forma o paciente, em um momento, pode ser olhado pelo analista como um objeto muito prejudicado, irreparável, e, em outro, passível de mudanças no sentido do crescimento psíquico.

b) O inconsciente trata o inverso, a recíproca de uma relação, como idêntica à própria relação. Aqui temos o “princípio da simetria”, pelo qual relações assimétri-





cas são tidas como simétricas. Por exemplo: *eu sou teu irmão, portanto, tu és meu irmão* é uma relação simétrica. *Eu sou teu pai, portanto tu és meu filho* é um exemplo de uma relação assimétrica. Já: *Eu sou teu pai, portanto tu és meu pai* é uma relação assimétrica tratada como simétrica, que é admitida no inconsciente, porém intolerável e sentida como absurda no sistema consciente, no qual predomina a lógica clássica.

Estes dois tópicos básicos estão relacionados com as características postuladas por Freud acerca do inconsciente e que são fundamentalmente a substituição da realidade externa pela realidade psíquica (sentidas como sendo a mesma, uma só), a atemporalidade, o deslocamento e a condensação (base da projeção, transferência, sublimação, cisão, retorno do reprimido) e ausência da contradição mútua (coexistência dos contraditórios e ausência da negação).

Entre tantas outras conseqüências dessas características, pode-se dizer que o reprimido não é alterado pelo tempo; em decorrência da atemporalidade, no inconsciente não existe sucessão. A transferência pode fazer com que o analista seja o pai, a mãe, o filho, ou qualquer outra figura ou figuras combinadas. O pensamento onipotente, onisciente, cria a convicção de que o sujeito e o objeto vivem e pensam a mesma coisa, pois fazem parte de um infinito indivisível. No caso dos conjuntos infinitos, tendo em vista sua indivisibilidade (pois, se fossem divisíveis, seriam, por definição, finitos), qualquer membro é idêntico ao todo. Não existe a parte, somente o todo, infinito. Um exemplo disto é a figura matemática do ponto. Quando os conjuntos são infinitos, um subconjunto é equivalente ao conjunto. Não há limites separando os indivíduos. O sujeito e o objeto são como uma unidade homogênea. Neste sentido teríamos um processo de homogeneização no qual tudo o que existe se equivale e se torna igual. Um trajeto de crescente homogeneização dar-se-ia na razão inversa do desenvolvimento do aparelho psíquico. Níveis mais primitivos corresponderiam, portanto, a um grau maior de homogeneização. Em termos clínicos, a indiferenciação do bebê com a realidade externa serve como exemplo para a formulação acima.

Simetria exige inexistência de espaço e de tempo no sentido físico-matemático: o espaço exige a diferenciação entre as partes e o todo, e o tempo estabelece seqüência de eventos. Quando os conjuntos são infinitos, um subconjunto é equivalente ao conjunto. Isto é aplicação da teoria de Russel que afirma ser esta uma exceção à regra de que uma classe não pode ser representada por um de seus membros, a não ser no caso de conjuntos infinitos, como aqui sucede.

A esta lógica predominante, mas não única no inconsciente, Matte-Blanco denomina de “lógica simétrica”, reservando o nome de “lógica assimétrica” à que conhecemos como lógica habitual e que prepondera no consciente. A lógica assimétrica é aquela à qual estamos habituados e que opera com os espaços e o tempo em





um sentido físico-matemático, é a lógica utilizada no pensamento científico. É a lógica que discrimina as categorias e as diferenças entre a parte e o todo; entre o presente, passado e futuro; entre gerações, entre gêneros, etc. Na lógica assimétrica há uma tendência à diferenciação entre os objetos, à sua individualização e separação em unidades cada vez mais discretas, isto é, que se revelam por sinais separados.

Em todo o funcionamento mental, tanto consciente como inconsciente, estão sempre presentes a lógica simétrica e a lógica assimétrica; Matte-Blanco chamou de “bi-lógica” esta característica. Convém salientar mais uma vez que, embora ambas as lógicas coexistam, no consciente o predomínio é da lógica assimétrica, enquanto que no inconsciente a lógica simétrica é dominante, podendo-se afirmar que o inconsciente tende sempre a simetrizar relações que são assimétricas. O sentido de realidade deveria ser considerado não apenas sob os aspectos da lógica assimétrica, mas também da lógica simétrica. Como já assinalado, nesta última há uma tendência à formação de classes inclusivas e de a realidade ser experimentada como uma unidade homogênea e indivisível, infinita. Desta maneira não há um reconhecimento do individual, mas sim de classes e funções. Ahumada e Etchegoyen (1990), lembrando o estudo de Karl Lorenz de 1963 sobre agressão, apontam que, na escala biológica, isto parece suceder, sendo o reconhecimento das individualidades posterior ao reconhecimento de “classes”. Nos vertebrados inferiores (peixes dos recifes de corais) há um comportamento baseado apenas no contexto geográfico e em classes tipo “rival”, “fêmea”, “predador”, “presa”. A distinção entre indivíduos é possível somente no patamar atingido mais tardiamente entre os mamíferos. Cabe ainda salientar que o reconhecimento de si mesmo só surge no topo da evolução. O chimpanzé possui a capacidade tanto de reconhecer os indivíduos do seu bando, como até de prever seus comportamentos. Para reconhecer-se em um espelho, diferenciar entre “si” e o “outro”, necessita-se de treino. Como em uma análise, o mais primitivo predomínio do inconsciente só lentamente vai se mesclando com o consciente até se aproximar da meta de conhecer, tanto quanto possível, o mundo externo e poder distinguir-se do outro.

A não ser em uma teorização absoluta, não se pode conceber tanto a lógica assimétrica quanto a lógica simétrica em estado puro. Não podem ser pensadas como tais, já que o pensamento requer o uso de ambas, tanto de relações simétricas como de relações assimétricas. Para pensar temos que dividir, categorizar e relacionar. Não é possível apreender a noção de infinito, o infinito é impensável, pois o pensamento impõe limites, o infinito é ilimitado.

Em *The Unconscious as Infinite Sets. An Essay in Bi-Logic*, Matte-Blanco postula:





“ A mente está estruturada de tal maneira que, se prestarmos atenção, em cada uma de suas manifestações diretas podemos detectar a atividade dos distintos níveis, desde a assimetria observada no pensamento consciente até a maior proporção de simetria dos níveis mais profundos... em cada caso, alguns níveis são mais claros que outros. O tipo de nível que se destaca mais varia, dependendo do caso ” (p.161).

Matte-Blanco considera cinco estratos possíveis, de acordo com o continuum das possíveis combinações simetria/assimetria, bem como subníveis dependentes de maior ou menor grau de generalização. Sinteticamente falando, há um primeiro estrato onde os objetos são mais diferenciados, concretos, onde são estabelecidas suas relações através de semelhanças e diferenças isto é, predomina o pensamento assimétrico. Segue-se um segundo estrato, onde já há uma simetrização em quantidade apreciável, existe a emoção. A emoção está bem delimitada, em um nível ainda consciente, mas o princípio da simetria ajuda a entendê-la. No terceiro estrato o indivíduo já é identificado com a classe, o que introduz certa atemporalidade, pois os momentos não são diferenciados. Por exemplo: é o caso do indivíduo que se emociona frente a um benfeitor dizendo *tu és um pai para mim*. O objeto é reconhecido conscientemente pelas suas características, mas a emoção remete a e estabelece conexões (simétricas) com figuras do passado. A seguir, o quarto estrato apresenta a ausência de contradição e a substituição da realidade externa pela psíquica. Certa assimetria é preservada, porém, pela maior simetrização, a agressão perde um pouco de sua força pela homogeneização que ocorre “pari-passu” com esta maior simetrização. Sujeito e objeto constituem quase que uma única unidade. Não havendo contradição, a assimetria atenua-se. O quinto e último estrato apresenta o modo indivisível, ausência de relações assimétricas. Aqui um número infinito é um só número. Qualquer coisa é qualquer outra, ao mesmo tempo em que tudo está contido em uma coisa única (Parada, L. M., 1993). Neste estrato o pensamento carece de significado como decorrência da ausência de relações assimétricas. Embora os diversos estratos se diferenciem dos demais, cabe alertar que é possível a coexistência de características de um estrato com as de estratos diversos.

Isto posto, tentaremos expor como essa teoria, de nosso ponto de vista, pode ser útil na compreensão da mudança psíquica ou das dificuldades para atingi-la, através de uma ilustração clínica. Tentaremos compreender certas nuances do material através da óptica da bi-lógica, bem como as mudanças que se observaram gradativamente ao longo do processo analítico.





4. Exemplo clínico

O Sr. X é um paciente de meia idade, divorciado, industrial, bem situado profissionalmente, mas com uma sensação de limitação em relação aos colegas e com poucos relacionamentos sociais. Apresenta queixas somáticas variadas, mas principalmente sofre por sua dificuldade em manter a ereção logo após ou mesmo no momento da penetração. Sua ex-mulher o tratava com certo descaso. Embora declarasse ela preferir uma situação de companheirismo, nas esporádicas ocasiões em que aceitava uma aproximação sexual, manifestava abertamente seu desejo de não ser penetrada.

Quanto à sua história familiar, recorda que a mãe sabia que o marido tinha várias amantes. Nas constantes ausências do pai, ele, filho único, dormia com ela, situação que se prolongou até completar doze anos de idade. Lembra que ficava excitado, tinha ereções chegando mesmo a masturbar-se debaixo dos lençóis, ao lado da mãe, que parecia nada notar. Durante a análise são constantes as afirmativas de que sua vida não poderia ter tomado um rumo diferente e duvida que isto possa vir a acontecer. Lamenta-se repetitivamente e disto parece retirar certa satisfação. Quase que invariavelmente traz à sessão uma agenda mental preparada e reclama quando acredita que o analista quer alterá-la. A análise seguia também um caminho sem maiores alterações em sua sintomatologia, queixas ou conduta. Nos últimos meses o analista foi pouco a pouco modificando a linha interpretativa, introduzindo assinalamentos e interpretações mesclados com compreensões do material a partir da bi-lógica.

A sessão que se segue ilustra alguns dos pontos assinalados.

O paciente inicia mencionando que tivera um sonho, no qual estava polemizando com o analista afirmando a este, categoricamente, que nunca iria ficar potente. O analista no sonho teimava que ele tinha cura.

Isto foi interpretado como um jogo de forças entre ambos para ver quem conservava sua teoria.

O Sr. X fica pensativo e, quando volta a falar, diz que tivera uma fantasia a respeito de parar o tempo. Lamenta quanto tempo de sua vida já passou e diz estar recordando a melodia “*El Reloj*”, na qual existe um verso no qual é pedido ao relógio que se detenha, que não assinale a passagem das horas.

Foi-lhe dito: “*Tu pensas em parar o tempo e não em passar a aproveitá-lo*”.

Responde: “*Me dói muito ver o tempo de vida que eu poderia ter aproveitado.*”

Interpretação: “*Parando o relógio não precisas ver o tempo passar, não há tristeza, não houve perda.*”





O paciente silencia por alguns instantes e diz: “*Não sei por que sempre escolho mulheres que me maltratam. A minha mulher também me maltratava. As que não me maltratam não me despertam atração.*”

O analista diz: “*Parece que buscas sempre provar que as mulheres são seres que maltratam.*”

O paciente, admirado, revela que, sem saber o motivo, veio-lhe à mente a mulher do analista e uma convicção de que na cama dela só há lugar para um e corrige: “*...eu deveria ter dito que só há lugar para dois, ela e tu... é gozado, estou falando sem querer sentir o que estou dizendo*”.

O analista observa-lhe: “*Se estivesses sentindo, como irias poder falar isto?*”

Ele, então, retoma o tema anterior sobre as mulheres que, até onde sua memória alcança, sempre o maltrataram.

Isto é interpretado: “*Estás lembrando da tua mãe que foi a primeira delas e pela qual te sentias maltratado quando ela te colocava na cama no lugar do pai*”.

Lembra então: “*Naquelas ocasiões eu ficava muito excitado, mas sofria, pois não podia admitir uma ereção e muito menos pensar em trepar...*”

O analista lhe mostra que, paralisando o tempo, permanece criança, pode ficar na cama, mas não pode ficar potente. Tem que manter sua teoria toda a vida, como apareceu no sonho quando discutia com o analista.

Responde que acha mesmo que foi maltratado pela mãe quando ela o punha na cama e se queixava para ele dos maus tratos e descaso do marido para com ela. Exclama, de súbito, que tem que admitir que o seu pai também o maltratava quando saía de casa e permitia esta aproximação física com a mãe. Surpreende-se, neste momento, por novamente recordar que não consegue ter atração por mulheres que não o maltratam. Afirma que com estas ele assume o papel do que maltrata.

É-lhe dito que também tem outra convicção: “*Num par sempre alguém maltrata alguém*”.

Faz um breve silêncio e refere ter pensado que naquele momento o analista não estaria interessado nele, paciente, e sim que estaria com ereção, olhando para seu próprio pênis com orgulho.

O analista encerra com a seguinte formulação: “*Tu achas que eu estou orgulhoso de mim mesmo: o que eu te mostrei não era para teu proveito e sim para o meu próprio. Neste nosso par eu te maltrato, exploro o teu tempo e o teu dinheiro para a minha satisfação. Sou um pai que só pensa na própria potência e que te deixa abandonado, sozinho como no passado*”.

O material clínico apresentado permitiria variados tipos de compreensão e de formulação de interpretações. Estão presentes e detectáveis, na transferência, a identificação projetiva, as defesas contra a inveja, referências à cena primária, com esbo-





ço de triangulação, relação sadomasoquista, etc.

Vamo-nos ater, entretanto, a compreender sucintamente o material a partir dos conceitos anteriormente descritos. O tempo parece não ter transcorrido para o Sr. X. Viveu com a ex-mulher o mesmo drama que vivera com a mãe. Seu objetivo é o de abolir onipotentemente o tempo; paralisar o relógio e não atualizá-lo. Com isto, defende sua teoria de que as coisas são imutáveis, atemporais, propondo igualmente um desafio onipotente para o analista, revelado através do sonho. Pode-se pensar aí numa manifestação de simetrização, atribuindo ao analista a mesma posição que a sua, posição de confronto, o que tornaria a relação algo homogêneo. No sonho, a defesa de uma teoria é o que os iguala, simetriza; a polêmica entre ambos, paciente e analista, indica presença concomitante de certa assimetria, conforme os níveis descritos anteriormente. A tentativa de generalização aparece quando considera as mulheres como pertencentes todas à classe de objetos que maltratam. Logo após amplia esta generalização, acreditando na existência de uma classe mais abrangente, agora incluindo os homens, tornando-se todos seres-que-maltratam e também seres-que-são-maltratados.

Quando o Sr. X refere que lhe dói perceber a passagem do tempo e o que deixou de aproveitar, podemos dizer que sua teoria da atemporalidade está ameaçada. Isto implica em suspeitar que os pares podem ser diferentes. Há um luto próximo. No final da sessão, outra vez passado e presente se confundem e a “classe pai” é representada pelo analista.

Nas semanas subseqüentes apresentou-se inusitadamente deprimido, sem planos de vida e com muitos momentos de raiva manifesta do analista. Entre outras coisas, esta raiva centrava-se na queixa de haver perdido os filhos por ocasião da separação. Viu-se, entretanto, que a perda da qual se lamentava era principalmente da figura da mulher-mãe e que responsabilizava o analista por isto. Pouco a pouco, com o seguimento da análise, também manifestou iniciativas de reaproximação com os filhos, oferecendo-lhes programas conjuntos, ao contrário de antes, quando apenas os encontrava em refeições oferecidas pela ex-mulher. Está planejando mudar seu domicílio, pois desde a separação residia no apartamento dos pais já falecidos. Suas queixas repetitivas estão sendo mescladas com notícias de melhores oportunidades profissionais. A perspectiva de ganhos, neste momento, todavia, ainda não tem poder de convicção suficiente para atenuar a ameaça do luto que adviria pelo questionamento e possível perda da sua teoria, até então vigente.





5. Considerações adicionais e conclusão

Nos escritos sobre o tratamento da sua paciente Ana O, Freud ensina a importância de admitir a perda de uma teoria. Breuer, por permanecer arraigado a uma posição teórica anterior, a despeito da realidade da paciente, e por não admitir a morte de tal teoria, “morreu” como cientista. Popper (1994) afirma que o autor ou seguidor de uma teoria deve suportar que ela morra, isto é, deve alterar seus postulados para que o próprio autor não “morra”. A posição de Breuer contrasta com a de Freud que, face à mesma paciente e nas mesmas circunstâncias, admitiu a falência, a morte da teoria e a necessidade da criação de uma outra. Prosseguiu então construindo nova teoria, também provisória, porém mais adequada aos fenômenos observados.

Na sua auto-análise, Freud-paciente foi fornecendo a Freud-cientista os dados necessários para a construção e as modificações da teoria psicanalítica. Para isto, cremos, Freud-cientista várias vezes teve que suportar o luto por convicções anteriores. Este processo de elaboração de lutos não é isento de resistências, o que se pode constatar também no próprio Freud, pois tantas e tantas vezes, embora advogando teorias novas, lutava para reerguer ou manter posições pretéritas.

A dificuldade de o analista enfrentar – e portanto elaborar – o luto por suas teorias é mais facilmente detectada através do trabalho de supervisão. Vê-se, muitas vezes, situações em que o paciente já está mais evoluído e necessita, portanto, interpretações que também atinjam níveis mais evoluídos. O analista pode persistir interpretando sempre da mesma forma, entre outras razões para, inconscientemente, sustentar a abrangência universal da sua teoria inicial. Há identificação com uma teoria idealizada. A perda da crença na onipotência da teoria significa a ameaça de luto no analista pela perda da crença em sua própria onipotência. Em certos casos, ditos de “impasse”, talvez esteja sendo mantido um acordo entre ambos – paciente e analista – para aceitar uma imobilidade. Conjeturamos que, a despeito de seu efeito nocivo, este conluio tem a finalidade de preservar a teoria prévia de ambos, sendo neste momento, por exemplo, a teoria de que tal patologia é imutável. Espera-se, mais uma vez, que a análise prévia do analista e o auxílio da supervisão forneçam condições para ultrapassar o obstáculo.

Parte-se do pressuposto que, no início de uma análise, o analista funcione mais em termos de processo secundário e que a noção do *tempo* esteja nele presente. O paciente, no estado regressivo, funcionaria predominantemente através de repetições, estereotípias, o que permite supor uma participação intensa da atemporalidade, característica do processo primário. Com o processo psicanalítico deseja-se que as mudanças no paciente incluam a aquisição da noção, ou até, poder-se-ia dizer, da





percepção do tempo, ou seja, menor predomínio do funcionamento sob a égide do inconsciente. É esperado que as mudanças, igualmente, tendam a permanecer estáveis no decorrer do tempo. Por uma situação comparável a um “acidente de percurso”, talvez conseqüente à força das identificações projetivas constantes do paciente, às vezes sucede que as posições se invertem neste particular e o analista então passa a assumir o papel “atemporal”, enquanto que o paciente vai adquirindo a noção da temporalidade e das mudanças. O paciente, já menos regressivo, aponta ao analista que este segue interpretando em níveis mais primitivos como se não houvesse transcorrido tempo algum e como se o processo fosse imutável. Há um risco de iatrogenia: o “impasse” em situações ainda mais severas representaria uma homogeneização, a instalação de uma simetria entre ambos e a abolição mágica do tempo e das mudanças. As teorias iniciais seriam preservadas, e o luto por elas não se estabeleceria, permanecendo o mundo sempre o mesmo.

A inclusão das concepções de Matte-Blanco na apreciação e compreensão do material clínico surgido na relação transferência/contratransferência amplia de modo considerável as possibilidades e alternativas de formulação das interpretações, já que estas passam a incluir mais amiúde referências a elementos como espaço, tempo, generalização, homogeneização, etc. Amplia, igualmente, o leque de critérios de validação da interpretação, pois seu efeito, passível de ser observado de acordo com a resposta do paciente (Etchegoyen, 1999), também pode ser visto sob a óptica de tais concepções.

Do mesmo modo, a avaliação longitudinal do processo psicanalítico fica enriquecida, pois o caminho percorrido em direção a uma maior individualidade e criatividade nas relações interpessoais serve de indicativo. Isto será notado pela aquisição de uma noção mais confiável do registro do tempo e da maior discriminação sujeito-objeto pelo paciente.

Assim sendo, os autores ressaltam que a teoria bi-lógica pode ter utilidade técnica ao lado ou conjuntamente com outros enfoques que se harmonizem. Oferece ferramentas úteis para a elaboração dos lutos, tanto os do analista quanto e principalmente os do paciente, lutos estes decorrentes das necessárias perdas nas crenças e convicções. Pensamos que isto é pré-condição para que ocorra a mudança psíquica.

As idéias kleinianas a respeito da dinâmica do luto e suas possíveis relações com mudança psíquica no processo analítico encontram uma compreensão ampliada se acrescentada à óptica bi-lógica. Diz Melanie Klein (1940):

“...qualquer dor causada por experiências dolorosas, qualquer que seja sua natureza, tem algo de comum com o luto e reativa a posição depressiva infan-





til. O encontro e a superação da adversidade de qualquer espécie ocasiona um trabalho mental similar ao luto” (p.293).

Pensam os autores que este trabalho similar ao luto pode ser relacionado com as perdas inevitáveis que ocorrem no processo analítico durante qualquer mudança psíquica. Na medida em que ocorre o crescimento mental, há necessidade de desvinculação de uma ligação de tipo narcísico para uma vinculação objetal. Isto implica uma diferenciação, com o enfraquecimento do aspecto narcísico e da crença do indivíduo na sua onipotência e onisciência. □

Summary

The authors consider that the process of psychic change holds the working through of mourning for the loss of “theories of life”. These theories would be based upon a omnipotent narcissistic belief and need to be changed for other more realistic ones regarding how to solve the inherent and natural problems of existence.

The questioning of the “truth” of these theories of life as well as the acquisition of the perception of existence of time are constituent of this work and this regards both the patient and, in a certain measure, the analyst. These problems are experienced, re-editted and revised in the transference/countertransference relationship. The authors illustrate with a clinical case. They reflect that the concepts of symmetry, assymetry, homogenization and differentiation which are part of Matte Blanco’s bi-logical are important elements for the study and understanding of the dynamics of psychic changes which occur in a non-static analytical process.

Referências

- AHUMADA, J.L. Crise da Cultura e Crise da Psicanálise. In: *Descobertas e Refutações: A Lógica do Método Psicanalítico*. Rio de Janeiro: Imago, 1999.
- AHUMADA, J.L., ETCHEGOYEN, R. H. (1990). Bateson and Matte-Blanco: bio-logic and bi-logic. *Int. Review of Psychoanal.* V. 17, p. 493-502.
- BION, W.R. *Elements of Psychoanalysis*. N. York: Basic Books, 1963.
- BRIA, P. (1999). Los Silogismos Afectivos y la Lógica del Delirio. Un Enfoque Bi-Lógico a la Psicopatología. Trabalho apresentado no 41º IPAC. Santiago-Chile, 1999.
- CUCURELLA, M. B.(1997). *Popper (1902-1994)*. Madrid: Del Orto, 1997.
- ETCHEGOYEN, R.H. Algunas Reflexiones sobre la Historia de la Técnica Psicoanalítica. Trabalho avulso a ser publicado.
- . *Un Ensayo Sobre la Interpretación Psicoanalítica*. Buenos Aires: Polemos, 1999.





- FINELL, J. S. Narcissistic problems in the analyst. *Int. J. Psycho-Anal.*, V. 66, p.177-189, 1985.
- FINK, K. The Bi-Logic Perception of Time. *Int. J. Psycho-Anal.*, V. 74, p.303-312., 1993.
- FREUD, S. (1911). Formulações Sobre os Dois Princípios do Funcionamento Mental. *E.E.B.*, V. XII. Rio de Janeiro: Imago, 1974.
- . (1912). Recomendações aos Médicos que Exercem a Psicanálise. *E.S.B.*, V. XII. Rio de Janeiro: Imago, 1974.
- . (1915). O Inconsciente. *E.S.B.*, V. XIV. Rio de Janeiro: Imago, 1974.
- . (1917[1915]). Luto e Melancolia. *E.S.B.*, V. XIV. Rio de Janeiro: Imago, 1974.
- JIMÉNEZ MORENO, L. *Kant (1724-1804)*. Madrid: Del Orto, 1995.
- JOSEPH, B. (1986[1989]). Mudança Psíquica e Processo Psicanalítico. In: *Equilíbrio Psíquico e Mudança Psíquica*. Rio de Janeiro: Imago, 1992.
- . Mudança Psíquica: Algumas Perspectivas. *Rev. Bras. Psicanálise*, V. XXIV, n.1, p. 345-353, 1990.
- KLEIN, M.(1940). El Duelo y su Relación com los Estados Maníaco-Depresivos. In: *Melanie Klein Obras Completas*, V. II. Buenos Aires: Paidós, 1976.
- . (1946). Nota Sobre Algunos Mecanismos Esquizoides. In: *Melanie Klein Obras Completas*, V. III. Buenos Aires: Paidós-Hormé, 1976.
- MATTE-BLANCO, I. (1956). Expresión en Lógica Simbólica de las Características del Sistema ICC o la Lógica del Sistema ICC. In: *Cuarenta Años de Psicoanálisis en Chile*. Santiago-Chile: Ananké, 1991.
- . *The Unconscious as Infinite Sets. An Essay in Bi-Logic*. London: Duckworth, 1975.
- . Reflexionando com Bion. *Revista Chilena de Psicoanálisis*, 1981, p.7-41.
- . *Thinking, Feeling and Being*. London: Routledge, 1988.
- PARADA, L.M. Introducción al Pensamiento de Ignacio Matte Blanco. In: *Mente y conjuntos infinitos – Aproximaciones a la Bi-lógica de I. Matte Blanco*. Eleonora Casaula T., Jaime Coloma A., Juan Francisco Jordán M. Santiago-Chile: Ananké, 1993.
- POPPER, K. *En busca de un mundo mejor*. Barcelona: Paidós, 1994.
- RAYNER, E., TUCKETT, D. An introduction to Matte-Blanco's reformulation of the Freudian unconscious and his conceptualization of the internal world. In: M. BLANCO, I. *Thinking, Feeling e Being*. London: Routhledge, 1988.

Romualdo Romanowski

Av. Ijuí, 86/403

90460-200 – Porto Alegre – RS – Brasil

© Revista de Psicanálise – SPPA





Atenção montador
a página **120** é branca





Cinema e Psicanálise





Atenção montador
a página **122** é branca





A construção do paradoxo em *Muito barulho por nada* de W. Shakespeare*

*Paulo Henrique Favalli***, Porto Alegre



* Comentário apresentado em 23/11/2001 no Ciclo de Debates sobre Freud e Shakespeare no Cinema promovido pela Sociedade Psicanalítica de Porto Alegre.
** Membro Efetivo da Sociedade Psicanalítica de Porto Alegre.

Revista de Psicanálise, Vol. IX, Nº 1, abril 2002 □ 123





A abordagem psicanalítica de um texto literário pressupõe, via de regra, algum tipo de interpretação sobre as motivações inconscientes possivelmente contidas na história narrada ou nas ações dos personagens que dele fazem parte. Esse no entanto não será o propósito de meu comentário, pois pretendo discorrer sobre as impressões mais imediatas que despertaram minha atenção enquanto leitor ou espectador da peça a que assistimos transportada para o cinema. Apenas num segundo momento tentarei vincular essas idéias à contribuição que o conhecimento psicanalítico pode aportar ao seu esclarecimento.

Devo confessar, inicialmente, que, ao me ser sugerida *Muito barulho por nada* como a peça a comentar, não fui tomado por grande entusiasmo, pois, conforme era minha escassa lembrança a seu respeito, tratava-se apenas de uma boa história bem-humorada, quase que uma brincadeira, sem que contivesse muito de sério a refletir, como seria o caso das consistentes tragédias que se oferecem ricas de significados ao afã do psicanalista. Ficaria eu, portanto, tentando fazer barulho, extrair sentidos ocultos do pouco ou quase nada que me fora oferecido. Lastimável engano, fruto da desatenção a uma das principais lições do gênio de Shakespeare: nunca limitar-se à aparência superficial do que nos é apresentado. A habilidade com que ele recorre à ironia no uso da linguagem não permite qualquer simplificação de seu conteúdo, mesmo que esse esteja sempre voltado àquilo que é essencialmente humano. Com o espírito, bem mais atento, comecei a observar e usufruir a riqueza literária contida nessa comédia. Detive-me sobretudo no instigante título, como se ele guardasse a chave de todo o resto, já que se apresenta como um paradoxo: o muito sobre o nada.

O paradoxo é, então, o aspecto que pretendo abordar e que, parece-me, atravessa o corpo todo da peça em questão. Antecipo que entendo como paradoxo a coexistência paralela de duas posições antagônicas. Esse parece ser o jogo retratado por Shakespeare nessa comédia, revelando-se, no caso, de forma mais evidente, ainda que seja uma constante em qualquer de seus textos. A própria condição de comédia contém a contradição, pois se assim se mostra em sua forma, na maneira alegre como nos é apresentada, nos diálogos picantes e jocosos entre Benedito e Beatriz, ou mesmo na figura hilária de Dogberry, ela também traz em seu conteúdo os elementos próprios da tragédia. A trama desencadeada pela maldade intrínseca de um vilão (Dom João) que lembra Iago, o ataque ao amor puro dos jovens, como em *Romeu e Julieta*, e a intriga hipócrita provocando o ciúmes violento e a injustiça fragorosa, como em *Otelo*, são ações que não se coadunam com a comédia, conferindo à peça essa constante tensão interna que pretendo destacar.

Voltemos ao título, pois penso que ele encerra uma aporia que é, talvez, a essência da proposta de Shakespeare, qual seja, a ocorrência de conflitos para os





quais as duas proposições opostas possam ser igualmente concludentes. Após conhecermos o conteúdo da peça, verificamos que o *nada* contido no título é o evento que reside no cerne da trama e que permite o seu desencadeamento; o *nada*, na verdade, é um não-evento, a traição de Hero, que efetivamente nunca ocorreu, mas que no contexto narrado passa a ser *tudo*, pois sem isso, sem esse nada, ou não-evento, não haveria a peça.

Nesse sentido é interessante salientar que o filme infelizmente modifica um aspecto importante do texto escrito, ao dar um caráter visual concreto à cena da suposta traição, quando Borachio e Margarida surgem aos beijos e abraços na janela, sendo observados às escondidas por Cláudio, Dom Pedro e Dom João. É significativo o fato de, no texto de Shakespeare, o espectador nunca ser testemunha dessa cena crucial. Sabe-se sobre o episódio somente em segunda mão pelo relato de Borachio, quando se gaba ao amigo Conrado de ter ganhado mil ducados de Dom João para simular aquela cena.

“BORACHIO – Fica, pois, sabendo que esta noite eu fiz a corte a Margarida, criada de quarto da senhora Hero, dando-lhe o nome de Hero. Debruçada na janela do quarto de sua senhora, ela me desejou mil vezes uma boa-noite... Oh! Sou um péssimo narrador! Devera ter contado primeiro como o príncipe, Cláudio e meu mestre, postados, colocados e dominados pelo meu mestre Dom João, viram de longe, do jardim, esse encontro carinhoso.

CONRADO – E ficaram certos de que Margarida fosse Hero?

BORACHIO – Dois deles, o príncipe e Cláudio. Mas o demônio do meu mestre sabia perfeitamente que se tratava de Margarida. E, em parte, por seus juramentos, por estarem transtornados os outros dois, em parte, pela escuridão da noite, que contribuiu para iludi-los, mas principalmente por minha vilania, que serviu para reforçar as calúnias de Dom João, o certo é que Cláudio se retirou fora de si, jurando encontrar-se com a noiva na igreja, conforme estava determinado, para ali, diante dos convidados, cobri-la de vergonha com o relato do que ele havia presenciado nesta noite e mandá-la sem marido para casa” (p.66).

Certamente não é por acaso que o momento mais central da peça é estrategicamente retirado da audiência e conhecido somente à distância através de uma narrativa, ou, como diriam os psicanalistas, produto da elaboração secundária. Cabe aqui intercalar uma consideração sobre a importância da palavra no teatro e sobretudo sobre seu papel tanto revelador como encobridor no teatro shakespeariano (em contraste com o cinema no qual a ação visual se sobrepõe à narrativa oral). Isso não deveria constituir-se em novidade para os que exercem a psicanálise, pois aprende-





Paulo Henrique Favalli

mos, desde muito cedo, a reconhecer no relato oral, seja de um sonho, de associações livres ou de eventos do passado, seu caráter de revelação, mas também de disfarce do fato psíquico inconsciente. Assim como o espectador de Shakespeare, nós também não temos acesso à realidade psíquica de forma direta a não ser pela narrativa constante do paciente. E pretendemos influir sobre essa realidade psíquica igualmente pelo “poder da palavra”. Mesmo que nos voltemos para o fato transferencial, esse também é, em última instância, fruto da versão que cada um (paciente e analista) tem do que está se passando, constituindo-se, portando, numa narrativa intersubjetiva.

Não há, então, como referir-se a Shakespeare sem manter um ouvido muito atento à sua linguagem ou à forma como vai construindo, nos sutis detalhes, a sua narrativa. Lembro a freqüente referência da professora Bárbara Heliadora quando diz que os ingleses elizabetanos iam ao teatro “to hear a play”. Poderíamos seguir o texto, ou escutá-lo, observando, em sua microestrutura, como o autor vai organizando suas orações valendo-se do jogo dos opostos, no qual uma aparente proposição inicial é logo revertida no contrário, deixando, continuamente, esse caráter insólito ou instável no discurso. Pinço, como exemplo, uma das falas de Benedito, quando polemiza com os amigos sobre seus pontos de vista a respeito das mulheres:

“O ter sido eu concebido por uma mulher lhe assegura os meus agradecimentos; o fato de me ter ela criado, me deixa, igualmente, reconhecido; mas vir eu a ter na frente uma buzina de chamar cães ou a pendurar meu corno em um boldrié invisível, é o que todas as mulheres me perdoarão. Por não querer fazer-lhes a injustiça de desconfiar de alguma delas, reservo-me o direito de não confiar em nenhuma. A conclusão – que só redundará em proveito para mim – é que desejo continuar solteiro” (p.22).

Construções como essa multiplicam-se ao longo do texto, não cabendo, aqui, persistir em sua análise microscópica, ainda que ela pudesse mostrar a riqueza de nuances próprias da linguagem de Shakespeare. Abordo, isto sim, um aspecto de sua macroestrutura, ou seja, aquilo que já referi como a construção do paradoxo, sobretudo quando ele se apresenta como uma alternância desconcertante entre o que se oferece ao espectador como verdade e mentira.

Início pelo cáustico confronto entre Benedito e Beatriz no qual a insistência na mútua desqualificação faz, apenas, confirmar a paixão que se dedicam. Shakespeare não lera o ensaio sobre a “Negativa” que Freud¹ viria a escrever em 1925, mas,

1. “A Negativa”. Trata-se de um pequeno ensaio em que Freud aborda inicialmente a freqüente tendência dos analisandos de negar a ocorrência de certos pensamentos ou sentimentos e que serve como indicador do surgimento de material reprimido. O artigo aporta profundas reflexões metapsicológicas ligando a negativa à questão da luta entre impulsos amorosos e destrutivos, ou entre os que promovem o vínculo com o objeto e os que recusam esse vínculo.





sem dúvida, já havia captado sua essência, mostrando como a recusa ao objeto é expressão de uma luta desesperada contra as ameaças que os impulsos de Eros possam representar. A ferida narcísica ou o temor à dependência extravasa nas alocações desse personagens. Como psicanalistas podemos tentar traduzir o conteúdo oposto oculto em tão mordazes afirmações. Assim, por exemplo, quando Benedito diz:

“... Mas uma coisa é certa: com exceção de vós, todas as mulheres se apaixonam por mim. Só desejara que o coração me dissesse que eu não sou duro de coração, porque, para ser franco, não dedico amor a nenhuma” (p.19).

Poderíamos traduzir como:

“Entre todas as mulheres sois a única a quem dedico tanto amor. Desejara ter o coração duro que não me permitisse reconhecer tal sentimento”

E quanto a resposta de Beatriz:

“O que constitui verdadeira felicidade para as mulheres, que, desse modo, ficam livres de um galanteador importuno. Dou graças a Deus por ter o sangue frio; nesse ponto nos parecemos. Prefiro ouvir meu cachorro latir para uma gralha a ouvir um homem dizer que me dedica amor” (p.19).

Poderíamos supor que esconde uma afirmação como:

“Constitui verdadeira infelicidade para uma mulher não conquistar o galanteio do homem que ama. Como eu gostaria de ter sangue frio e não sofrer tanto ao ouvi-lo dizer que não me dedica amor”.

Triste sina desses amantes presos a uma suposta verdade que mente ao coração, recusando-lhe o verdadeiro sentimento. Mas a mentira e a verdade andam de mãos dadas no texto de Shakespeare, cada uma negando e revelando a outra. É a prevalência da mentira bem articulada pelos amigos que conduzirá Benedito e Beatriz ao encontro do amor que se auto-recusavam. Mais uma vez a ironia de Shakespeare, pois é na montagem de uma fraude que os amigos expressam sua amizade e dedicação.

Mas se por um lado a lealdade e a afeição dominam as relações entre alguns personagens, por outro surge a traição, mesmo que sustentada por sentimentos igualmente genuínos, pois Dom João é o bastardo preterido pelo príncipe seu irmão. O vilão da história é quem profere a afirmação mais sincera:





Paulo Henrique Favalli

“...Não sei fingir: é forçoso ficar eu triste, quando tiver causa para tanto, sem que nenhum gracejo consiga fazer-me sorrir.... A esse respeito, se não se pode dizer que eu sou um adulator honesto, não se me negará o título de vilão sincero...” (p.26-27).

Segue-se a já referida traição simulada e a desonra da recatada Hero. Shakespeare é pródigo quanto aos recursos que utiliza para manter a oscilação constante entre a aparência e a realidade. O amor explícito e impulsivo de Cláudio por Hero é o que se mostra mais frágil, pois vacila facilmente face às desconfianças de uma relação entre sua amada e o príncipe Dom Pedro e logo sucumbe diante de uma armação montada por quem já havia demonstrado não ser confiável (Dom João). Além disso há, em pelo menos dois momentos, insinuações quanto ao interesse de Cláudio pela gorda fortuna a ser herdada por Hero (p.23 e 38). Já o amor de Benedito, repudiado de forma eloqüente, revela-se tão sólido que, para atender ao apelo de Beatriz, leva-o ao extremo de desafiar o amigo Cláudio.

A partir daí o enredamento entre a verdade e a mentira toma, definitivamente, conta do texto, deixando até mesmo o espectador apreensivo quanto ao desenrolar dos acontecimentos. A notícia da morte fictícia de Hero espalha-se como a mais dolorosa verdade, sendo esse fato o único capaz de salvar uma honra que nunca fora perdida. *“Morra para viver”* propõe o Monge, buscando reverter o comportamento de Cláudio, que, de ofendido, passaria a ofensor, já que em sua denúncia causou um dano tão irreparável a ponto de provocar-lhe profundo arrependimento. Só a morte de Hero anula o ato inexistente, mas que deu existência a ela enquanto personagem central cuja atuação é predominantemente silenciosa (as falas mais longas de Hero dão-se apenas na cena I do terceiro ato, quando ela e Úrsula mentem sobre a paixão confessa de Benedito para que Beatriz possa escutá-las às escondidas). A recuperação de Hero é fruto de uma nova mentira, já que, de filha de Leonato, ela passa a ser sua sobrinha, pois transforma-se na filha que Antônio nunca teve. Cláudio casa-se com essa segunda ou falsa Hero, mas que é a verdadeira, a qual consta como morta e sepultada. A ambigüidade desse desfecho evidencia-se num dos últimos diálogos, quando a nova esposa é apresentada para Cláudio:

“A qual das damas devo dirigir-me?”

ANTÔNIO – A esta, que vos entrego.

CLÁUDIO – Será minha. Mostra-me o rosto, bela.

LEONATO – Não, enquanto não lhe houverdes tomado a mão em frente deste monge e jurado desposá-la.

CLÁUDIO – Dai-me a mão; diante deste santo monge torno-me vosso espo-





so, se o quiserdes.

HERO – Quando eu vivia, fui vossa outra mulher.

(Tirando a máscara.)

Quando me amáveis, fostes meu outro marido.

CLÁUDIO – Outra Hero!

HERO – Sim, nada mais certo. Uma Hero difamada morreu; mas eu respiro, e, pela minha vida, ainda estou pura.

DOM PEDRO – A Hero primeira! Aquela que está morta!

LEONATO – Sim, milorde, morrera enquanto vida teve a calúnia que contra ela armaram.

MONGE – Depois farei cessar todo esse espanto, quando, concluídos os sagrados ritos, vos contar com minúcias a morte da formosa Hero. Mas, neste entrementes, habituai-vos com todas estas coisas e entremos sem demora na capela” (p.107-108).

Para completar, estabelecendo definitivamente a função do paradoxo, como estou abordando nesse comentário, Shakespeare apresenta-nos sua versão caricatural na figura de Dogberry. O ridículo condestável, no exercício pleno de sua estupidez, é quem se apercebe da intriga e a denuncia montada por Borachio e Dom João. Não bastando esse fato para caracterizar o insólito da situação, Shakespeare deleita-se nas falas de Dogberry nas quais a circunspeção pretendida surge pelo avesso nos verdadeiros impropérios que pronuncia, gerando nesse choque o aspecto mais cômico da peça como no trecho a seguir, quando, na intenção de pronunciar um sentença de máxima punição a Borachio, ele diz: “*Ó Vilão! Por causa disso vais ser condenado à redenção eterna*”. É como se Shakespeare, dessa forma, zombasse de toda tentativa de estabelecer limites unívocos entre o bem e o mal, o certo e o errado, herói e vilão, verdade e mentira, ou qualquer uma dessas oposições que se apresentam como excludentes e definitivas.

Isso tudo não constitui novidade na obra de Shakespeare, sobretudo se tomarmos em conta o contexto histórico em que ela é escrita.

As drásticas transformações que acompanham o advento da Era Moderna tiveram sua correspondência, no campo das artes e das letras, no movimento que conhecemos sob o termo de Renascimento. As descobertas científicas e a prevalência dos princípios humanistas fazem com que a arte deixe de ser o veículo de valores espirituais e postulados transcendentais. A tendência é de representar um mundo estável, racional, equilibrado que tem a natureza como soberana absoluta e o homem como sua manifestação primordial. No entanto esse equilíbrio mostra-se fugaz na medida em que os próprios limites que se impõem ao conhecimento impossibilitam o





Paulo Henrique Favalli

estabelecimento de verdades definitivas. A imposição de uma ordem na qual o homem passa a ser a medida de todas as coisas implica no reconhecimento de sua subjetividade. O indivíduo passa a ocupar o primeiro plano, seu caráter, sua psicologia vão, paulatinamente, assumindo prevalência sobre os princípios racionais com que se buscava ordenar o universo. Essa tendência conhecida na história da arte como *Maneirismo* opõe-se às propostas renascentistas de equilíbrio, ordem, racionalidade e busca da perfeição, dando margem a representações de um mundo marcado pela ocorrência de conflitos não resolvidos. No âmbito da produção literária observa-se a relativização tanto do idealismo romântico como do racionalismo realista. O herói pode ter traços de vilão ou de louco, de ridículo ou de sublime. O trágico transparece através do cômico, assim como o cômico insere-se na cena trágica. A novela de cavalaria mistura-se com a novela picaresca vulgar. Essas características, relacionadas por Arnold Hauser em sua *História Social da Literatura e da Arte*, são próprias não apenas da peça que está sendo comentada, mas compõem boa parte da obra de Shakespeare como um todo, bem como a de seus contemporâneos, sobretudo Cervantes. Portanto nada de novo em dizer que Shakespeare era essencialmente um homem de sua época a qual sintetiza em sua genial questão: ser ou não ser.

Mas afinal o que isso tudo tem a ver com a psicanálise?

Poderia limitar essa resposta a uma citação do recém referido Arnold Hauser: “A mais próxima analogia com esse mundo de realidade mesclada é o sonho, que elimina as conexões reais e põe as coisas entre si em uma relação abstrata...” (op.cit., p.17). E não foi, portanto, o estudo dos sonhos o ponto de partida de todo o conhecimento psicanalítico?

Se Shakespeare nos revela paradoxos ao representar comportamentos humanos, outro não é o feito de Freud ao procurar esclarecer esses mesmos comportamentos. Desfere o terceiro golpe² na ilusão narcísica do homem ao mostrar-lhe que não pode mais confiar nas convicções que lhe outorga seu Ego consciente. Freud abala os conceitos de verdade ao revelar um universo até então desconhecido, o das motivações inconscientes como determinante da conduta, dos pensamentos e das emoções aparentes. Um novo ser, essencialmente paradoxal, surge nas sessões de análise. Assim como Shakespeare nos ensina a descrever na aparência mais imediata dos acontecimentos, Freud assevera que a “psicanálise deve ser justificadamente desconfiada” (Freud, 1900). Desse modo a paralisia ou a anestesia históricas disfarçam, mas também indicam a excitação sexual reprimida; a gentileza excessiva tenta conter a ameaça de uma agressividade desmedida; a arrogância encobre sentimentos de impotência

2. Os dois primeiros foram desferidos por Copérnico ao questionar o geocentrismo e por Darwin com a teoria da evolução.





e fragilidade; ou, ainda, como já foi mencionado, os conteúdos oníricos, tidos antes de Freud como atividade desconexa de células cerebrais, destituída, portanto, de qualquer significado no funcionamento da mente, revelam-se como a via régia para o conhecimento da vida mental.

Freud nos apresenta um homem movido continuamente por conflitos que, mesmo buscando soluções melhor adaptadas, não cessam jamais. A luta entre os opostos impulsos/defesas, Eros/Tânatos, projeção/introjeção, realidade/fantasia, unicidade/separação, etc., constitui a força propulsora que conduz a experiência do paradoxal sujeito freudiano. Nesse aspecto valho-me das idéias de um autor americano, Thomas Ogden (1992), que apontam para a *“luta de Freud contra as limitações da linearidade de pensamento exigida pelas noções positivistas de causalidade”* (p.13). Diz ele que essa linearidade obscurece a natureza radical do projeto psicanalítico, pois nesse o sujeito é concebido como resultado de um processo contínuo no qual é simultaneamente constituído e descentrado de si mesmo por meio da negação e da preservação na inter-relação dialética entre consciência e inconsciente: *“Consciência e inconsciente são concebidos como mutuamente dependentes, cada um definindo, negando e preservando o outro... Cada um constitui uma presença afirmada pela ausência no outro”* (op.cit., p.15-16).

Ora, penso que essa noção de um sujeito constituído e descentrado de si mesmo, que nos parece tão evidente em psicanálise, é a mesma com que poderíamos definir Hamlet, Lear, Macbeth, Shylock, Otelo, Catarina, Benedito, Beatriz e outros tantos fabulosos personagens gerados pela criatividade de Shakespeare.

Para finalizar utilizo-me ainda de Ogden, que se refere à cena de abertura de *Hamlet* na qual uma pergunta ressoa na escuridão do palácio: *“Quem está aí?”* É como se essa pergunta continuasse ecoando na mente desses dois gênios, Shakespeare e Freud, sem que nenhuma resposta definitiva pudesse ser alcançada: *“Quem está aí? Quem é esse ser complexo e inconstante que desafia nossa razão e provoca em nós um desejo irrefreável de conhecê-lo?”* O conjunto da obra de cada um é a busca dessa resposta, mas podemos também recorrer aos poetas que conseguem desenhar com palavras o que nossa mente racional sofre para apreender.

Quem está aí? É o homem.

É o *nada* que é *tudo*, responderia Fernando Pessoa.

Ou, se perguntássemos a Pascal, ele poderia dizer:

“Mas afinal, que é o homem dentro da natureza? Nada em relação ao infinito, tudo em relação ao nada, um meio entre nada e tudo...” □





Paulo Henrique Favalli

Referências

- FREUD, S. (1900). A Interpretação dos Sonhos. In: *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. V. V. Rio de Janeiro: Imago, 1972, 551.
- . (1925). A Negativa. In: *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. V. XIX. Rio de Janeiro: Imago, 1976, 293-300.
- HAUSER, A. (1951). *Historia Social de la literatura y el arte*. Vol. II. Madrid: Guadarrama, 1969.
- PASCAL, B. (1669). *Pensées*. Paris: Renouard, 1812.
- PESSOA, F. (1934). Mensagem. In: *Obra Poética*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1986.
- OGDEN, T. (1992). El sujeto dialécticamente constituido/ descentrado del psicoanálisis. I. El sujeto freudiano. *Libro Anual de Psicoanálisis*, VIII, 99-108.
- SHAKESPEARE, W. (1598). *Muito barulho para nada*. São Paulo: Melhoramentos.

Paulo Henrique Favalli

Rua Cel. Aurélio Bitencourt, 172/501
90430-080 – Porto Alegre – RS – Brasil
phfavalli@uol.com.br

© Revista de Psicanálise – SPPA





Muito barulho por nada* ou Shakespeare e a corda do arco de Cupido

*Léa Masina***, Porto Alegre



* Este texto foi apresentado a 23 de novembro de 2001 no ciclo de debates promovido pela Sociedade Psicanalítica de Porto Alegre, intitulado "Freud e Shakespeare no Cinema".

** Doutora em Literatura Comparada e professora dos cursos de Graduação e Pós-graduação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Revista de Psicanálise, Vol. IX, Nº 1, abril 2002 □ 133





A história se passa em Messina, na Sicília, em casa de Leonato, nobre siciliano, pai de Hero e tio de Beatriz. Através de um mensageiro, Leonato recebe a notícia de que Dom Pedro de Aragão virá à cidade, trazendo consigo o Conde Cláudio, jovem florentino que se destacara durante a guerra e que, assim, granjeara a estima do príncipe. Acompanha-o também Benedito, nobre siciliano conhecido por seu caráter extrovertido e folgazão, e Dom João, irmão bastardo de Dom Pedro com quem há pouco se reconciliara.

A intriga da peça nada tem de original: Hero e Cláudio se apaixonam, Beatriz e Benedito se digladiam verbalmente, fazendo muito barulho por nada. Cumprindo com as formalidades de praxe, Hero e Cláudio marcam seu casamento, tratado como um negócio no qual cabe à mulher conseguir um marido, contribuindo para tanto sua fortuna e posição social consubstanciadas no dote e o empenho do pai ou parente que deverá conduzir as negociações. Não obstante os arranjos feitos, Dom João, irmão de Dom Pedro, invejoso da alegria de Cláudio, que lhe usurpara os favores do príncipe, decide organizar uma manobra de engano. Para isso, conta com o apoio de seus asseclas, um dos quais, Boracchio, goza das graças de Margarida, dama de companhia de Hero. Aproveitando-se dessa oportunidade, Dom João urde uma cena em que Boracchio conversa intimamente com Margarida, esta vestida com as roupas de Hero, deixando-se ver na janela do quarto de sua senhora. Em seguida comunica a infidelidade da dama a Dom Pedro e Cláudio, fazendo com que assistam à entrevista noturna dos amantes. Ao deparar-se com a cena, Cláudio, desesperado, decide vingar-se, renegando Hero de público, na justa hora da bênção nupcial. Surpresa e confusa, Hero desmaia e é dada por morta. O frade presente intercede por ela junto ao pai, Leonato, que a repudia, envergonhado. Beatriz, conhecedora dos sentimentos da prima e leal a ela, busca apoio em Benedito para desvendar a intriga, posto que ele também acredita na pureza e na fidelidade da jovem. A partir desse momento, Beatriz e Benedito suspendem suas agressões verbais e passam a entender-se, a ponto de Benedito dispor-se a um duelo com Cláudio para defender a honra da donzela. Entrementes, um malfeitor é preso, confessando ter participado da trama que desencadeou a tragédia de lady Hero. E logo Leonato e os demais tomam conhecimento de terem sido vítimas da vilania de Dom João. O jovem Cláudio humilha-se diante do pai da amada e pede que o perdoe. Este impõe duas condições: que Cláudio entoe os cantos fúnebres na sepultura de sua filha e que despose, em seguida, sua sobrinha, filha de seu irmão Antônio, única herdeira da fortuna familiar. Tudo resolvido, Cláudio descobre, no momento das núpcias, ser a noiva a própria Hero, que não havia morrido e ficara sob a proteção do frade. Simultaneamente, Benedito e Beatriz casam-se também - eis que descobriram esconder-se o verdadeiro amor por detrás das aparências de seus espíri-





tos vivazes e belicosos.

Para melhor compreender *Muito barulho por nada*, convém, inicialmente, situar a comédia de William Shakespeare (1564-1616) no contexto do teatro elizabetano¹. Harold Bloom, cujos ensaios críticos louvam Shakespeare como *inventor do humano*, situa a peça em meio às *Altas Comédias* shakesperianas. E, ao fazê-lo, revaloriza o texto, cuja apreciação, recente entre nós, ocorreu praticamente após sua transposição para o cinema por Keneth Branagah nos anos noventa. Antes disso, as comédias mais lidas eram, sem dúvida, *A megera domada*, *As alegres comadres de Windsor* e *A comédia dos erros*.

Do ponto de vista da criação literária do autor, pode-se supor que a opção pela comédia, cronologicamente anterior às tragédias, foi ditada pela necessidade de apresentar ao público textos menos sisudos, com maior leveza, visto que o teatro, na Era Elizabetana, era encenado ao ar livre ou em salas de espetáculos públicos, como foi o Globe Theatre, a que Shakespeare se vinculou como autor e dramaturgo. A consciência de que havia um público distinto da nobreza, a quem o teatro também deveria divertir e agradar, com certeza influiu na concepção das primeiras comédias shakesperianas, período de produção que corresponde à juventude do escritor. Seus predecessores mais próximos foram Christopher Marlowe (1564-1593) e Ben Johnson (1572-1637), existindo a hipótese de que Shakespeare tenha assimilado e transformado textos desses escritores, bem como de outros menos conhecidos, absorvendo-os em sua própria obra. É com ele, no entanto, que o teatro se populariza, sendo representado em espaços laicos e fora dos salões das cortes.

É possível também supor que, à época de Shakespeare, a comédia tivesse por objetivo divertir e ao mesmo tempo contemplar criticamente a sociedade. Estas intenções, de herança clássica, estão presentes na visão das personagens que, com atos e falas, questionam as convenções sociais. A linguagem da comédia é, pois, diferente da tragédia, mais leve e mais amena, visto buscar comunicar-se imediata e espontaneamente com o público. No entanto, encontram-se nas comédias de Shakespere muitos dos elementos que irão se desenvolver depois nas peças trágicas. Esses dizem respeito aos sentimentos do homem e àquelas particularidades que individualizam cada um, conforme a ênfase e a dosagem com que contribuem na constituição das personagens. Com esses elementos, Shakespeare constitui a essência do homem, pois seus textos acolhem a dúvida, a astúcia, a vingança, o remorso, a ambição, a inveja, e, sobretudo, a ambigüidade humana. Assim, embora as comédias shakesperianas não

1. Embora o autor tenha celebrizado heróis seculares em suas obras teatrais (os Ricardos e os Henriques), ele inovou o teatro, misturando em suas peças elementos cômicos e trágicos. A obra de Shakespeare foi produzida no período em que a Inglaterra, governada pela rainha Elizabeth I (1558-1603), consolidou sua posição de potência política e econômica.





Léa Masina

ênfatizem a crítica social, elas agudizam essa vertente, descobrindo ou desvelando, na palavra e na ação dramática, os impulsos, as motivações, os desejos bons e maus de homens e de mulheres com que Shakespeare povoou o seu mundo.

Embora a crítica não se detenha muito em sua abordagem, é fácil perceber que *Muito barulho por nada* antecipa algumas questões que farão a glória do autor nas tragédias. Uma delas é a capacidade de criar personagens que ultrapassam os tipos sociais herdados do classicismo e do teatro medieval: de suas falas e atos decorre a ação da peça. Na ampla galeria de personagens shakesperianas, sobressai Beatriz, que pertence à linhagem das mulheres rebeldes, à Catarina, de *A Megera Domada* e, por sua força e inconformidade reiterada, à Cordélia, de *Lear*, e à própria Lady Macbeth. Esta última, no entanto, age movida pela ambição e pela crueldade inata, ao passo que Beatriz sente-se oprimida e tem sede de justiça.

Sendo mulher, Beatriz precisa afirmar-se num mundo predominantemente masculino. Os homens têm amigos, seus iguais; as mulheres limitam-se às relações domésticas, convivendo com parentes e criados. Beatriz repudia esses limites e prefere ficar só, ser *solteirona* e, portanto, assumir o ato de *levar os sete macacos para o inferno*, de acordo com os ditames do provérbio inglês. Preferível isso a dobrar-se ao domínio de um marido, objetivo das mulheres do seu tempo e meio social. Neste ponto, Beatriz se identifica com Catarina, de *A Megera Domada*; porém, enquanto esta se mostra agressiva e rabugenta, colérica e destemperada, Beatriz é risonha e alegre, embora Shakespeare permita ao leitor, em alguns momentos, apreender as nuances de amargura que se insinuam em suas falas.

A destemperança verbal de Beatriz, que colide com o princípio medieval do bom senso, caracteriza-a desde o primeiro instante. Assim, já no início da peça, é ela a primeira a indagar pelo *Signior Montano* (Benedito), conhecido por ser espirituoso e com o qual ela mantém, de há muito, *uma espécie de guerra chistosa, escaramuças de espírito*, como reconhece seu tio Leonato. O palavreado inicial antecipa, ou melhor, indicia o que Shakespeare dará a conhecer ao leitor e que diz respeito à própria natureza da comédia. Esta consistirá em reinventar ou subverter as cinco faculdades da psicologia medieval: além do bom senso, a imaginação, a fantasia, o juízo e a memória. Confirmando ou subvertendo esses elementos, Shakespeare constrói comédias que, até hoje, permanecem, consagradas pelo teatro contemporâneo e pelo cinema.

Benedito acompanha com leveza e menor intensidade as escaramuças verbais, produzidas pela língua ágil de Beatriz e por sua rapidez mental. Os encontros entre eles, pontuados por seus diálogos, revelam a inquietude do espírito dela, que irá dominar muitas páginas do texto. Desde as falas iniciais, Beatriz opõe-se às heroínas trágicas, como Desdêmona e Julieta e, nesse sentido, como a própria Cordélia. O





ambiente em que circula traduz uma certa frivolidade, um ar de coqueteria que ela exercita com os homens e, em especial, com Benedito, seu principal parceiro para chistes e outras provocações. De fato, Beatriz precisa respirar, sufocada pela dominância masculina. Ao contrário de Hero, que é virtuosa e passiva, Beatriz se impõe por seus arroubos, por sua galhardia, apresentando-se como uma mulher indomável. Essa postura prevalece até o final da peça, pois aceitar o casamento com Benedito não significa transformar-se em outra mulher. Ao encerrar o texto, o leitor, ou espectador, fica com a certeza de que presenciou um encontro entre iguais. No entanto, do ponto de vista da intriga, o desenvolvimento da relação amorosa entre eles é absolutamente previsível e adequado aos propósitos da comédia. Não é, portanto, pela intriga que Shakespeare capta o interesse do leitor.²

Um escritor, sabe-se hoje, é feito dos livros que lê e do modo como os lê. Assim, em qualquer momento do texto, Shakespeare ensina a compor personagens: elas aparecem através dos seus atos, de suas falas, do que dizem a seu respeito outras personagens. Vejamos, aqui, um exemplo disso:

Beatriz: Falai, conde! É vossa a réplica.

Cláudio: O silêncio é o perfeito arauto da alegria. Minha felicidade seria bem pequena, se pudesse dizer quanto ela é grande, Senhorita, como sois minha, eu sou vosso. Entrego-me em troca de vós e estou apaixonado pela troca.

Beatriz: Fala, prima; ou se não puderes, fecha-lhe a boca com um beijo, para que ele não diga mais nada.

Dom Pedro: Por minha fé, senhorita, tendes um coração alegre.

Beatriz: Sim, meu senhor, e agradeço ao pobre coitado, que se mantém a barlavento das preocupações. Minha prima lhe disse ao ouvido que ele está em seu coração.

Cláudio: Foi assim mesmo, prima.

Beatriz: Meu Deus! Viva o casamento! Assim, todo o mundo se casa menos eu. Somente eu fico vendo navios. Só me falta assentar numa esquina e gritar: Ah! Um marido, por favor.

Dom Pedro: Senhorita, posso arranjar-vos um.

Beatriz: Preferiria um que fosse arranjado por vosso pai. Vossa Graça não tem um irmão que se pareça convosco? Vosso pai gerou excelentes maridos, se uma Donzela pudesse conquistá-los.

2. Se compararmos a linguagem literária com a do cinema, veremos que a visão cinematográfica compensa com cores, paisagens e movimentos a agilidade e a leveza dos diálogos. Essa tradução intersemiótica enfatiza a riqueza da obra de Shakespeare pelo aproveitamento das personagens, independente da singeleza e previsibilidade da intriga.





Dom Pedro: Será que me aceitaríeis, senhorita?

Beatriz: Não, meu senhor, a não ser que me seja permitido ter outro para os dias de trabalho. Vossa Graça é muito suntuoso para ser usado diariamente... Mas suplico que Vossa Graça me perdoe. Nasci para estar sempre risonha e só falar de coisas alegres.

Dentre tantos, o diálogo inicial entre Beatriz e Benedito, na presença de Leonato e Dom Pedro, merece ser examinado:

Beatriz: Admiro-me como ainda podeis continuar falando, Signior Benedito. Ninguém está-vos prestando atenção.

Benedito: Como, cara senhoria Desdém, ainda estais viva?

Beatriz: Será possível que o desdém morra, tendo para alimentar-se um alimento tão inesgotável quanto o Signior Benedito? A própria cortesia se converteria em Desdém, se aparecesseis na presença dela.

Benedito: A Cortesia seria, então, uma renegada. A verdade é que todas as damas gostam de mim, exceto somente vós e queria para elas encontrar em meu coração um coração mais brando, porque, dizendo a verdade, não amo nenhuma delas.

Beatriz: Que felicidade para as mulheres! Se não fosse assim, seriam impotunadas por um insípido pretendente. Graças a Deus e à frieza de meu sangue, neste particular sou do mesmo parecer que vós. Preferiria ouvir meu cachorro latindo para uma gralha a um homem jurando que me ama.

Benedito: Deus mantenha sempre Vossa Senhoria com essa disposição de espírito. A cara de um ou outro cavalheiro escapará assim de arranhões fatais!

Beatriz: Se fosse uma cara como a vossa, os arranhões não poderiam enfeia-la.

Benedito: Bem, sois uma extraordinária amestradora de papagaios.

Beatriz: Mais vale uma ave com minha língua do que um animal com a vossa.

Benedito: Bem gostaria que meu cavalo tivesse a rapidez de vossa língua e tão bom fôlego. Mas, continuei a corrida, em nome de Deus! Eu fico por aqui.

Beatriz: Sempre acabais com uma gracinha de burro. Já vos conheço há muito tempo (p.257-8).

Os chistes entre Benedito e Beatriz deixam claro que a relação do casal antecipa, mesmo em outra pauta e sem qualquer vestígio de sangue, o que irá ocorrer na tragédia de *Macbeth*: Beatriz domina Benedito porque é mais ativa e mais esperta. Já à doce submissão de Hero irão filiar-se outras heroínas trágicas, como Desdêmona e





Julieta. No entanto, a frágil donzela Hero tem nome masculino e em torno do seu sofrimento gravita a intriga da peça. Ela divide com Beatriz o paradigma feminino que alterna submissão e subversão, presença viva e recalcada. Se na tragédia de Julieta a morte simulada torna-se verdadeira, na de Hero a simulação é um artifício calculado pelos homens para reorganizar seu universo, cuja superfície fora rompida. Num mundo de convenções e aparências, em que a reputação de uma donzela se desfaz pela visão aparente de uma imagem velada e fugidia, a morte de Hero é o modo concreto de preservar sua vida. Já Beatriz dissimula os seus sentimentos, mascarando-se com uma aparência belicosa e extravagante.

Disse, anteriormente, que *Muito barulho por nada* antecipa algumas obsessões que se irão desenvolver nas tragédias de Shakespeare. Além da submissão da mulher e de suas tentativas de resistir ao domínio social e físico do homem, encontram-se ainda, dentre essas obsessões, a do mal pelo mal e a vilania, eis que Dom João é da estirpe de Iago, o invejoso de *Otelo*, ou, ainda, de Edmundo, de *Rei Lear*, também como ele bastardo e invejoso e que articula a destruição do rei, de seu pai, Gloucester, e do irmão Edgar. Além disso, a fragilidade do espírito humano faz-se presente consubstanciada na figura do velho Leonato, que lembra, em alguns momentos de exacerbação do poder e de insanidade, a figura de Lear. Na cena do casamento, quando acolhe as acusações contra a filha, sua ira lembra a de Lear, ao ouvir as palavras sensatas e prudentes de Cordélia, quando esta diz que seu amor filial não pode ser absoluto e que irá amar o marido tanto e mais e de outro modo. Por negar-se a bajulá-lo, com a falsa retórica das irmãs, Cordélia cai em desgraça e é renegada pelo Rei. A exclusão de Cordélia será o móvel da tragédia, pois o ato de Lear rompe com a estabilidade do mundo medieval, em que o poder real emanava da terra como expressão do poder da natureza. Espécie de *hibris* grega, a cólera de Lear evolui para a insanidade, enquanto o Bobo funciona como uma espécie de *alter-ego*, consciência que o atormenta e cuja função é mostrar aos espectadores que o homem – e não os deuses – é agente do destino. Ao escrever *Muito barulho por nada*, Shakespeare isenta-a do *pathos* decorrente do erro trágico. Assim, além de conter os germes das tragédias, revela-se, nesta comédia, o cerne de seu modelo de composição, segundo o qual a personagem sempre conduzirá os acontecimentos. A vontade dos deuses foi substituída pela vontade humana que, quando induz a erro, tem como consequência uma desgraça a ser reparada.

Há muitas coisas a destacar em *Muito barulho por nada*. Uma delas é a representação alegórica do baile de máscaras. Será este um artifício para que as personagens troquem seus papéis, para que os homens, galhofeiradamente, sirvam-se de máscaras e que possam, assim, trapacear com o destino. Trapacear com destino significa subvertê-lo no texto e isso parece ter sido um dos maiores propósitos de Shakespeare





ao *inventar o humano*. O que passa a valer, desde então, é a voz e a palavra, sendo nesta que reside toda a verdade proveniente do corpo das personagens. Em uma passagem durante o baile de máscaras, Hero diz a Dom Pedro: *Deus me livre de que o alaúde se pareça com a caixa*. E ele responde: *Minha máscara é o teto de Filémon; dentro da choça está Júpiter*³. Eis, nessa fala, a insurgência do humano e a exclusão do divino, leitura dominante que pode ser feita em todos os textos do dramaturgo inglês.

O baile de máscaras é uma composição metafórica que propõe um jogo de adivinhar, de esconder e descobrir, espécie de síntese da comédia shakesperiana. Na intriga entre os amantes, o jogo consiste na manobra de engano que leva o Conde Cláudio a confundir-se com relação ao caráter e à fidelidade de Hero, quando vê um vulto feminino conversando com Boracchio, no balcão do quarto da amada. A realidade aparente é tomada por verdade. E todos apenas cumprem papéis, pois fingir será essencial para sustentar a história narrada. As mulheres dissimulam sua natureza. Os homens, como Cláudio e Benedito, também dissimulam as suas, aparentando dignidade, segurança, caráter e fortaleza moral. Os amigos fingem conversar, para iludir Beatriz e Benedito. Estes, por sua vez, agem como se não tivessem ouvido as palavras alheias. E a própria relação entre os dois será mascarada pelo desafio, pelo chiste, pela escaramuça, pelas agressões verbais, pelo sarcasmo, pelo tom de chacota grosseira ou cortesã. Na verdade, o *muito barulho* que fazem dissimula a possibilidade do amor. Caberia perguntar se, para Shakespeare, o amor significa um jogo. Ou, se significa *nada*.

No baile de máscaras, ocorrem cruzamentos discursivos: Hero e Dom Pedro conversam e, simultaneamente, Margarida e Baltasar, Antônio e Úrsula conversam também. No entanto, a agudez e a agressividade de Beatriz mostram-se claramente, quando classifica Benedito como “o bufão do príncipe”. Vale a pena reler a passagem:

Beatriz: Então sou desdenhosa e tiro todo meu espírito dos “Cem contos alegres”? Muito bem, quem disse isto foi o Signior Benedito.

Benedito: Quem é ele?

Beatriz: Estou certa de que o conheceis bastante bem.

Benedito: Acreditai-me que absolutamente não sei quem seja.

Beatriz: Ele nunca vos fez rir?

Benedito: Por favor, quem é ele?

Beatriz: Ora, é o bufão do príncipe; um bobo muito sem graça; inventar calú-

3. p.266.





nias inconcebíveis é o único dom que possui; só os libertinos se deleitam com ele e o que o recomenda não é o espírito, mas à maldade deve o sucesso, pois diverte e ao mesmo tempo desagrada aos homens, os quais acabam por rir-se dele e terminam batendo-lhe. Estou certa de que se encontra nesta frota. Querria que ele me abordasse!

Benedito: Quando conhecer o gentil-homem, terei ocasião de dizer-lhe o que disseste.

Este fragmento oferece as pistas para uma leitura crítica da comédia: a questão representada pelo uso da máscara inclui o jogo, a dissimulação, o fingimento, a representação de papéis, a interação de uma multiplicidade de vozes simultâneas. Em síntese, a máscara possibilita a polifonia e o encobrimento da verdade individual, substituindo-se a palavra pelo ruído inexpressivo que abafa o sentimento. Assim, se *no plano do conhecer, a primeira característica do objeto é a de aparecer (...)*, eis que o homem não cria o real, mas sua percepção depende do ponto de vista humano, será pela linguagem que *falamos das fisionomias ocultas e não percebidas das coisas. Falamos delas em sua ausência. Neste sentido, a palavra transcende todos os pontos de vista.*⁴

A palavra é, pois, a questão: com ela, Shakespeare *inventa o mundo*⁵, eis que as personagens se revelam sutilezas humanas através das falas. O texto escrito para teatro tem essa vantagem: nele não há interferência de narrador, e o próprio cenário, quase ausente nas rubricas, deve ser composto pela imaginação do leitor. Os camaranchões, as salas, os quartos, as escadas, as pesadas portas dos castelos, os becos escuros por onde se esgueiram os malfeitores e os amantes são nomeados por Shakespeare nos textos. É com a palavra, sobretudo nos diálogos, que o autor constrói a intriga. Lido o texto com vagar, percebe-se a força de cada elocução, de cada voz, uma vez que o dramaturgo, que fora também ator, bem conhecia os meandros da representação e da performance, pois as nuances verbais causam a graça ou a danação de uma personagem. Seres de papel, as personagens de Shakespeare passam a ler seus leitores, como afirma o entusiástico Harold Bloom; eis que nos identificamos com as ambivalências delas e, principalmente, com os sentimentos, desejos e emoções que formam o corpo do texto. Este é o caso da personagem Beatriz, que se expande e ocupa o centro da peça, com sua premência de ser ouvida e acolhida. A força verbal de Shakespeare intui e transforma, em falas e silêncios, pequenas situações, gestos, percepções de instantes, tornando possível ao leitor de hoje reconhecer-

4. JAPIASSU, H. In: RICOUER, 1990, 3.

5. Alusão ao título do livro de ensaios de Harold Bloom, *Shakespeare, a invenção do humano*.





Léa Masina

se nessa espécie de síntese humana que, sem abstrair a natureza cultural da arte, preserva alguns elementos performáticos fortes o suficiente para sedimentar um pacto fiel entre o autor e seus leitores.

A palavra, no entanto, não serve apenas para caracterizar personagens. Apaixonado por ela, Shakespeare usa-a para desencadear conflitos. No diálogo, dando origem a atos e fatos, ela veicula as intenções e os desejos, as suposições e os enganos, manifestos sempre em longas conversações. Cláudio acredita no que lhe dizem sobre Hero, mas irá contrapor essas falas à imagem visual da amada, à noite, trocando palavras com outro homem, na janela de seu quarto. Essa imagem visual enganosa levá-lo-á a repudiar a noiva, pronunciando, ele também, palavras de injúria e menosprezo. Benedito e Beatriz são vítimas das palavras enganosas dos seus amigos, que ambos escutaram, protegidos pelo mesmo caramanchão, nos jardins de Leonato. A guerra que antecede à pacificação amorosa entre eles é uma guerra verbal. A palavra é a arma do espírito. E, se ela tem o poder de transformar a realidade, atuando sobre o outro e transformando a percepção em sentimento, Beatriz serve-se da palavra para resistir à fragilidade de ser mulher

A palavra, para Shakespeare, tem a força mágica de despertar sentimentos e dar visibilidade aos desejos. Por isso, ele a usa também em proveito próprio, tornando a peça teatral um espaço para a reflexão metalingüística e metaliterária, consagrando a natureza verbal do texto. A leitura da primeira cena do *Ato Terceiro* é rica em exemplos: a palavra é *a falsa e doce isca* que prepara para o amor. Sua ausência silencia o afeto. Por outro lado, é preciso contar tudo, ouvir o que o outro tem a dizer. A palavra pode, também, urdir uma calúnia honesta, que possa defender a reputação de uma dama. Isso porque *Ninguém sabe quanto uma palavra maldosa pode empenhar um amor*.

Palavra dizendo palavras, discurso que se auto-referencia, tudo isso nos leva a pensar que *Muito barulho por nada* seja uma comédia nominalista, feita de sujeitos que se nomeiam, de vozes que lutam por expandir o seu espaço de ressonância. A voz da mulher dissimula-se no texto porque não pode nomear o amor. Isso só será possível quando Beatriz puder declarar suas emoções, tornando-se agente e responsável por suas palavras e sentimentos. Para ela, é impossível, no início do texto, nomear o amor porque, se o fizer, ele passará a existir, tornando-a ainda mais vulnerável. Mas que discursos darão conta de uma linguagem que se mascara feito personagens num baile de máscaras?

Shakespeare acreditava no poder ilimitado da palavra, que desvenda e inventa sentimentos e cria universos antes inexistentes. Somos feitos da substância do sonho, ele dirá, pela voz de Próspero, em *A tempestade*. Mas o sonho só se revela na forma da palavra, pois é ela que se materializa na linguagem. Também exemplar é a fala de





Hero na cena em que combina, com Margarida e Úrsula, uma estratégia para aproximar Beatriz e Benedito. Depois de pedir a Margarida que atraia Beatriz para o recanto de madressilvas, com a finalidade de escutar a conversa entre elas, Hero diz:

Hero: Agora, Úrsula, quando Beatriz chegar, devemos passear de cima para baixo desta aléia e nossa conversa será unicamente sobre Benedito. Quando falar no nome dele, teu papel consistirá em elogiá-lo de tal maneira que jamais homem algum haja merecido tanto. Minha conversa contigo se limitará a comentar como Benedito está doente de amor por Beatriz. Desta substância está feita a perigosa flecha do pequeno Cupido que fere, simplesmente, pelo boato.

Há duas falas, no meio da peça, que sintetizam metaforicamente a importância da palavra neste tratado nominalista do humor e do riso. A primeira é quando Benedito repete e relê as palavras de Beatriz, que lhe dissera: *Contra a minha vontade mandaram que vos chamasse para jantar*. Assim que ela se ausenta, diz ele:

Benedito: Ah, “Contra minha vontade, mandaram que vos chamasse para jantar.” Isto tem um duplo significado. “Não tive mais trabalho para receber esses agradecimentos do que tomastes para agradecer-me”. Em outros termos, quer dizer: todo trabalho que tiver por vossa causa será tão agradável quanto um agradecimento ... Se não tiver pena dela, sou um ordinário. (...)

A segunda fala é de Dom Pedro, comentando o amor de Benedito:

Dom Pedro: Por duas ou três vezes, cortou a corda do arco de Cupido e o pequeno verdugo não tem coragem de atirar contra ele. Tem um coração tão sonoro quanto um sino, tendo a língua como badalo, pois o que pensa seu coração a língua fala.

A relação entre amor e palavra parece duplicar, em Shakespeare, o processo de criação do escritor, perpassando questões como a pulsão psíquica do indivíduo e a necessidade de articulação pela palavra. É possível que esse desdobramento metalinguístico e metaficcional, dentro da peça de teatro, seja a representação de uma poética que marca, até hoje, os rumos da literatura ocidental. Isso porque, grande conhecedor de almas, Shakespeare domina a palavra e a situa justamente, pois, como sugere Dom Pedro, numa de suas falas quase autorais: *Que necessidade há para que a ponte seja maior do que o rio? Quanto mais precisa, mais bela é a dádiva. Escuta... Tudo o que atinge o fim é bom...*





Léa Masina

Para concluir, *Muito barulho por nada* para nós, leitores de Shakespeare, é um texto que pode ser lido pelo avesso. Para o criador de grandes paixões, para o *inventor do humano*, num mundo livre dos deuses, o amor, que seria nada é tudo. E isso o aproxima de Camões, seu antecessor, quando o vate caolho concluiu: “O amor é fogo que arde sem se ver...” □

Referências

- BLOOM, H. *Shakespeare, a invenção do humano*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2000.
NUNES, E.P., NUNES, C.H. *Freud e Shakespeare*. Rio de Janeiro: Imago, 1989.
RICOEUR, P. *Interpretação e ideologias*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1990.
SHAKESPEARE, W. *Obra Completa*, V. II. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1989. p. 253-316.
———. *Comédias e sonetos*. São Paulo: Abril Cultural, 1981.
TEATRO VIVO. Introdução e história. São Paulo: Abril Cultural, 1976.
ZUMTHOR, P. *Performance, recepção, leitura*. São Paulo: EDUC, 2000.

Léa Masina

Rua Marquês do Herval, 315/1002
90570-140 – Porto Alegre – RS – Brasil
E-mail: lmasina.ez@terra.com.br

© Revista de Psicanálise – SPPA





Entrevista





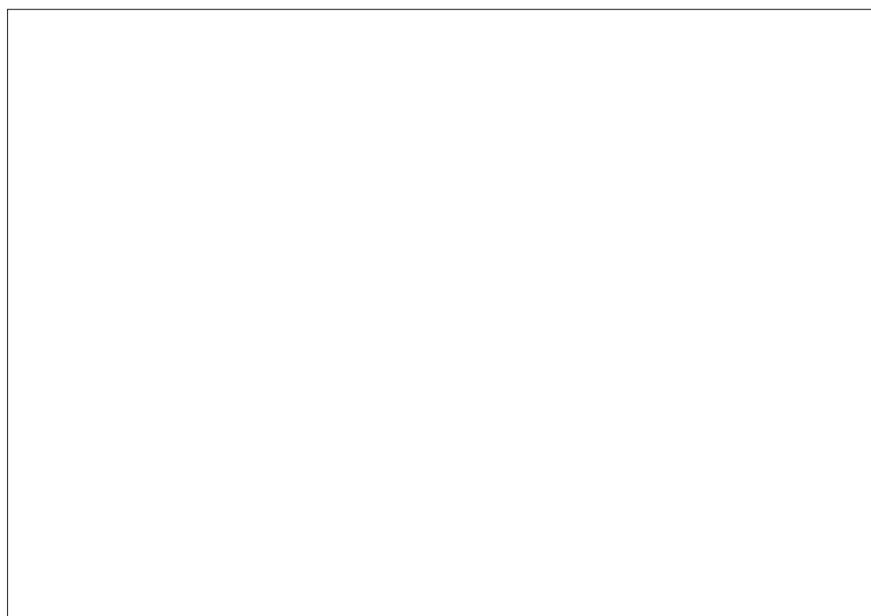
Atenção montador
a página **146** é branca





Entrevista com Anne Alvarez*

Entrevista concedida, em 30/06/2001, ao Conselho Editorial da Revista de Psicanálise da SPPA.



Da esquerda para direita: César Luís de S. Brito, Luisa M. Rizzo Amaral, Anette Blaya Luz, Anne Alvarez, Jussara S. Dal Zot, Patrícia Fabrício Lago, Carmem E. Keidann e Magali Fischer.

* Psicoterapeuta de crianças na Clínica Tavistock, Londres. Co-coordenadora da Oficina de Autismo.





RP – Gostaríamos de conhecer um pouco sua trajetória, formação, supervisores e principais influências dentro e fora da psicanálise.

AA – Bem, esta é uma pergunta fácil. Comecei como psicóloga clínica; minha formação profissional deu-se na Universidade de Toronto e em hospitais psiquiátricos dentro e fora dessa cidade, em meados dos anos cinquenta. No final dessa década fui para a Universidade de Indiana, nos Estados Unidos, fazer pós-graduação em psicologia clínica, o que me resultou numa grande decepção, já que sua linha era mais comportamental do que davam a entender os folhetos sobre a Universidade. A minha própria, a de Toronto, começava apenas a ser influenciada pelos comportamentalistas. Não havia um pensamento psicanalítico, tinham, porém, um excelente professor de psicologia social, e o próprio Departamento de Psicologia nascera do Departamento de Filosofia, que fora dirigido pelo Prof. Bott, pai de Elizabeth Spillius. Ela, só a conheci em Londres. Um pouco mais velha do que eu, começou a vida como antropóloga, não como psicóloga.

Depois disso passei mais um ano no Canadá fazendo minhas pesquisas sobre esquizofrenia e então vim para Londres, a fim de trabalhar como psicóloga em um hospital psiquiátrico por uns dois anos, com a idéia de conhecer a Europa. Isso deu-se em 1960, e ainda estou lá. Foram dois anos bem longos, portanto. Na realidade, eu fazia uma pesquisa muito interessante para meu chefe, psicólogo de linha não psicanalítica. De mente aberta, estava interessado, em particular, nas diferenças entre sintomas e personalidade em esquizofrênicos paranóides e depressivos psicóticos. Eu o ajudava a redigir sua pesquisa, havendo então pouquíssima coisa na literatura a respeito das diferenças de personalidade entre paranóides e depressivos. Por isso, quando comentei: “Não sei o que ler, simplesmente não há nada na literatura”, um psicólogo que trabalhava em um hospital vizinho disse-me: “Bem, você pode ler Melanie Klein!” E tive muita sorte, porque li seus trabalhos tardios, sobre a diferença entre a posição paranóide e a posição depressiva, de 1932, e o trabalho sobre o luto e a posição depressiva-paranáide, de 1935. São trabalhos maravilhosos e, para mim, como jovem psicóloga, muito fáceis. Tratavam da infelicidade humana comum. Penso que, se tivesse começado com alguns dos trabalhos anteriores, sobre a análise infantil e objetos parciais, não teria gostado, porque o que sabia eu a respeito de tais coisas?

Comecei, então, a freqüentar alguns seminários noturnos na Tavistock, um pequeno oásis de sanidade e humanidade. O hospital psiquiátrico onde eu trabalhava era bastante conceituado, com alguns pesquisadores muito bons do Hospital Maudsley, mas de idéias rigidamente orgânicas. Seus pacientes tinham muitos sintomas, mas não personalidade. Dessa forma, após dois anos ali, comecei a formação na





Tavistock, bem pequena na época: apenas três estudantes por ano, quando hoje recebem cerca de vinte.

Minha primeira supervisora, excelente, foi Esther Bick. Supervisionei também com Martha Harris, Dina Rosenbloth, que vocês talvez não conheçam tanto, faleceu há alguns anos, e Shirley Hoxter para os casos de autismo, muito boa também. Não era analista, tendo sido uma das primeiras psiquiatras infantis a realizar esse treinamento com Esther Bick que, com o auxílio de John Bowlby, acreditem, fundou nosso curso de formação.

Depois disso tive um longo período de supervisão com Donald Meltzer e O'Shaughnessy, mas após a qualificação. Posso dizer que Sidney Klein foi outro a mudar muito o meu trabalho. Bastante influenciado por Bion, perguntou-me por que eu perseguia meus pacientes com interpretações tão cruéis, tornando-os responsáveis por seus maus objetos, uma tendência dos anos sessenta. Porém quem mais me iniciou no caminho de repensar o que eu estava fazendo foi Betty Joseph, que também julgava que eu perseguia meus pacientes ao pressupor que seus maus objetos eram o resultado de projeções. Ela me ensinou a parar de devolver-lhes projeções, a aprender a contê-las dentro de mim mesma e descrevê-las como existentes no objeto. Ela ainda me ensinou bastante a respeito de perversão. Também muito influenciada por Bion, afirmava que suas idéias sobre ser continente de projeções eram uma ampliação das idéias de Bion a respeito de ser continente. É muito interessante, já que sempre as coloca mesmo em trabalhos sobre outro assunto como o de 1978, *Different Types of Anxiety*. Rosenfeld também falou sobre a contenção de projeções. Segundo ele, em lugar de dizer ao paciente: “Você está fazendo com que eu me sinta muito inferior hoje, mas é porque quer livrar-se dos seus sentimentos de inferioridade”, o que envolve, de alguma forma, devolver-lhe as projeções, sugere, em alguns casos, simplesmente o seguinte: “Você me acha muito estúpida hoje, eu não consigo entender”. O assunto, retomado com destaque por John Steiner em *The Analyst-centered versus the Patient-centered Interpretation*, acabou recebendo a devida importância.

Ainda me influenciaram os maravilhosos escritos de Frances Tustin sobre autismo. Suponho, contudo, que chegou um momento em que fui além tanto dos ensinamentos de Frances Tustin como de Betty Joseph, para tentar entender o meu trabalho com Robbie.

Ele não era como as crianças autistas com as quais trabalhara Frances Tustin, “tipo concha”, com outra pessoa por dentro. Parecia-se mais com as crianças amebóides que ela descreveu num dado momento nos seus textos. Passei anos quebrando a cabeça a respeito dessa questão e acabei por pensar que Robbie não estava retraído, mas, sim, não era levado a desretrair-se por seu objeto: ele não estava se escondendo e, sim, perdido. Por muito tempo tentei entender o porquê, até que, ocasionalmente,





eu o chamei pelo nome, com urgência, e pude retirá-lo do seu estado disssociado (ou não-associado).

Entendi, então, que esse estado tinha alguma ligação com a pesquisa e a observação de bebês que eu fazia há tantos anos e na qual as mães não eram meramente continentes receptivos, elas buscavam muito ativamente seus bebês. Assim eu pude ver que a idéia de contenção se aplicava a esse chamado urgente no qual eu tinha me engajado. E acabei dando um nome para ele, “reclamation” (reclamação, recuperação), que é realmente chamar o paciente de volta à vida, para vir a ser. Dessa forma, senti que não estava meramente convocando-o para o contato com outras pessoas, mas para a própria existência como self.

Houve muitas discussões com Betty Joseph a respeito dessa questão; segundo ela, se eu tivesse procurado com mais afinco, teria encontrado evidências de identificações projetivas, mas é claro que então já era tarde demais, porque isso foi anos depois, quando eu me ocupava da conceituação do assunto. No entanto, eu concordava mais com pessoas como Frances Tustin, Esther Bick e Donald Meltzer, pensando que algumas dessas crianças autistas não usam identificação projetiva ou a usam muito raramente e que, de fato, quando começam a usá-la, é sinal de um desenvolvimento. Assim, passei anos tentando convencê-la, e aos meus outros bons objetos analíticos internos, de que isso era psicanálise.

Atualmente não me importo em definir se é psicanálise ou não, desde que funcione e se aplique apenas em situações de patologia muito grave.

Contudo penso haver certas implicações em relação ao tom de voz que são relevantes também para os pacientes menos doentes. Como disse Bion, é necessário conter a projeção do paciente, mas você também tem de encontrar um meio de transformá-la de maneira útil. Como não somos robôs, não somos completamente neutros, não importa quanto o tentemos, é bom dar-nos conta disso e usarmos aquelas nuances na medida do possível.

Quanto à análise pessoal, durante minha formação, fiz uma que deu errado, com um analista que estava tendo um colapso. Depois fui para Leslie Sohn. Ambos eram kleinianos, mas penso que a primeira experiência, comparada à experiência boa, alertou-me para questões técnicas. Quero dizer, ambos eram kleinianos, mas havia um mundo de diferença entre eles. Esse primeiro analista, – ele trabalhou bastante com esquizofrênicos e assassinos –, o pouco que publicou é muito interessante. Desculpem, não sou nem esquizofrênica, nem assassina e contarei a vocês uma história sobre a diferença entre os dois, porque foi um momento muito importante para mim. Afora o fato de que era muito bondoso, quando deitava no divã, e ele esperava que eu fizesse livres associações, eu costumava ter um problema no sentido de que podia ver ou imaginar todos os pensamentos que exigiam ser ditos imediatamente. E





tinha dificuldade em escolher. Esse analista tomou isso como resistência; o segundo pressupôs que eu sentia como se todos os pensamentos exigissem serem ditos imediatamente, – de certo modo também muito influenciado por Bion, de que pensamentos podem ser algo muito exigente –, e achou que isso era maravilhoso.

RP – Como a senhora pensa a questão de déficit em traumas e suas consequências para o desenvolvimento?

AA – No caso de crianças muito traumatizadas ou abusadas, é fácil preocupar-se com o horror dos seus objetos e sua resposta a isso e perder de vista o fato de haver um enorme déficit de experiências boas e de uma crença em um objeto bom. Considero, pois, muito importante trabalhar com ambos.

Tomemos um menino de quinze anos, sexualmente abusado, que agora já é infrator sexual e vem a tratamento. Durante os primeiros seis meses toma atitudes muito sedutoras, porque espera que o terapeuta queira abusá-lo analmente, pois essa é a sua história. Após algum tempo, finalmente, começa a confiar no terapeuta, que é um homem, e um dia esconde-se atrás da cortina. Repentinamente salta, gritando: “Buuu!!” Por um momento, o terapeuta pensa que o menino está sendo sedutor, exatamente como antes, mas, de repente, dá-se conta que é a atitude de uma criancinha de três anos. Penso que esta é uma experiência muito comum, mesmo no grupo de infratores sexuais, que não são simplesmente crianças prejudicadas: quando começam a brincar, brincam em um nível de criança muito pequena mesmo. O que facilmente passa despercebido é que ninguém jamais brincou com elas. Papai as levava para a cama, mas papai não as levava ao parque para jogar bola. E é aqui que penso entrar este nível de desenvolvimento simbólico como um instrumento diagnóstico e prognóstico importante. Porque eu já vi algo assim: um jovem infrator que fora horripelantemente abusado e que sofrera privações, tinha fantasias constantes de asfixiar menininhos bonitos e ele próprio tinha tentado se desfigurar. Penso que não se tratava apenas de um assassinato, mas que desejava extrair a beleza e guardá-la para si: ele queria ser uma criança amada. Mas, à medida que deixou de querer fazer essa coisa terrível, começou a ver filmes de horror. Ora, se essa não é uma maneira maravilhosa de passar o seu tempo, para ele, creio, foi o início de uma simbolização ou transicionalização.

Assim penso que o déficit no ser amado e no respeito próprio e o déficit de um objeto que pode ser amado é um déficit na vida de imaginação, na simbolização. Ao se trabalhar com tais crianças, isso é tão importante quanto ajudá-las a processar o trauma.

Em relação a trauma – e desenvolvimento –, sabemos, do ponto de vista psico-





Entrevista com Anne Alvarez

lógico e clínico, que é muito prejudicial, especialmente se for crônico e ocorrer em uma idade muito precoce. Penso que antigamente se chamava mutilação do ego: não prejudica somente o desenvolvimento emocional, também o desenvolvimento cognitivo.

Existem agora pesquisas muito bem fundamentadas sobre o cérebro, resumidas por Alain Shore, que apóiam essas observações. Um dos estudos mais importante, porém, foi realizado por Bruce Perry, em que ele insiste, como muitos desses pesquisadores, que o cérebro depende do uso que dele é feito. Se você não se servir de certas vias neuronais, elas ficam completamente subdesenvolvidas, ou mesmo atrofiadas, tanto a estrutura como a função do cérebro sendo afetadas por experiências traumáticas ou de privação. Lembro-me que certa vez Alain Shore me perguntou (ele gosta de ver o circo pegar fogo) o que eu achava pior para o cérebro, o trauma ou a negligência. Adivinhei que seria a negligência, e ele me confirmou que era o certo. É o caso dessas crianças sem expressão e subestimadas, que nunca tiveram de usar suas mentes. Bruce Perry mostrou que bebês traumatizados ou privados têm duas ou três reações diferentes a este trauma psicológico. Uma é hipervigilância, de modo que reagirão não apenas ao trauma, mas a sons e ruídos bem fracos, mantendo-se sempre hiperalertas. A outra é hiperexcitação, fecham-se em copas. E temos ainda alguns bebês que alternam entre as duas reações. Atualmente pôde observar – ele já os acompanhou por um tempo – que os bebês hipervigilantes, na adolescência, tendem freqüentemente a receber um diagnóstico de ADHD, hiperatividade, um transtorno de conduta, sendo na maioria meninos; os hiperexcitados, na adolescência, muitas vezes recebem um diagnóstico de transtorno dissociativo ou depressão e tendem a ser meninas. Não sei se ele diz algo a respeito do desenvolvimento cognitivo, na realidade, mas vocês provavelmente conhecem o trabalho de Lynne Murray sobre depressão pós-natal da mãe, que certamente afeta o desenvolvimento cognitivo das crianças, não apenas o emocional.

Lynne esteve em Cambridge, mas agora é professora na Universidade de Reading, na Inglaterra, porém há também Geraldine Dawson, na Universidade de Washington, em Seattle, autora de algumas pesquisas fascinantes sobre níveis de excitação em autismo, tendo realizado também um pequeno estudo secundário sobre os efeitos da depressão pós-natal da mãe sobre os cérebros dos bebês. No seu estudo, encontrou menos atividade no lobo frontal esquerdo desses bebês, onde ela pensa localizar-se a sede da alegria. Fez também observações de longa duração que demonstraram o aumento da atividade no lobo frontal esquerdo deles, à medida que melhorava a depressão pós-natal das mães. Antigamente a pesquisa cerebral ficava lá e a psicanálise aqui. Penso que hoje a imagem do cérebro tornou-se muito mais complicada e sutil e que podemos considerar esses pesquisadores nossos amigos...

152 □ Revista de Psicanálise, Vol. IX, Nº 1, abril 2002





RP – *O que a sra. pensa a respeito da abordagem aos pais, particularmente no tratamento de crianças muito perturbadas?*

AA – É absolutamente vital que os pais sejam abordados. Há ocasiões raras em que dizem que virão e não vêm ou faltam muito. Eu prefiro, pois, não ser totalmente rígida a respeito, pois é claro que você pode fazer algo pela criança, mesmo se os pais relutam. Mas é um fato que, em alguns casos, se não conseguir sua ajuda, você estará investindo todos esses recursos na criança, e ela voltará para a mesma situação em casa. Assim, penso que não só devem ser abordados, como penso que, geralmente, também eles necessitam de ajuda.

Há um trabalho muito interessante de Margaret Rustin sobre os níveis de trabalho com os pais. O primeiro nível supõe apenas vê-los, a fim de manter em andamento a terapia da criança. Às vezes, tratando-se de pais muito psicóticos, isso poderá ser tudo o que você há de conseguir, mas pelo menos mantém a criança em tratamento e os pais satisfeitos. No segundo nível há o apoio à paternagem e no terceiro mais trabalho analítico em relação à paternagem. O quarto nível supõe psicoterapia individual para os próprios pais.

Há 15 anos, quando voltei à Clínica Tavistock, – tinha-me afastado por 14 anos, enquanto criava os filhos, nesse período apenas lecionando – notei algumas mudanças. Eu vinha de uma tradição mais antiquada em relação à análise de crianças, na qual estávamos tão determinados a proteger a confidencialidade da transferência, que apenas víamos os pais uma vez por período letivo e não lhes contávamos muito a respeito do que acontecia com seus filhos; tampouco conversávamos com eles antes ou após a sessão, ou seja, nós os mantínhamos afastados. Todavia, desde que voltei à Tavistock aprendi que, em se tratando de crianças mais doentes, freqüentemente bastante preocupadas com os pais, elas ficam muito aliviadas quando se conversa com eles no final da sessão. Às vezes se observa que a sessão da criança vai muito melhor no dia em que a mãe está sendo entrevistada por um colega do que no dia em que ela sabe que essa mãe, deprimida ou prejudicada, se encontra sozinha na sala de espera. Isso difere do modelo de quando eu era jovem, baseado na criança neurótica e no complexo de Édipo, segundo o qual ela não precisava ver o seu terapeuta conversando com a sua mãe, porque isso evocaria problemas edípicos prematuros. Ora, algumas das crianças mais doentes, que sofreram mais privações, quando vêem dois adultos juntos, conversando a seu respeito, sentem que está sendo formado um teto sobre as suas cabeças, um triângulo pré-edípico.

RP – *Os pacientes mudaram daquela época para cá, ou mudamos nós?*





Entrevista com Anne Alvarez

AA – Ambos. Por um lado mudou a forma como a Tavistock é vista agora, como um lugar para onde os serviços sociais encaminham crianças mais do que em outras épocas, quando apenas poucos médicos o faziam. Por outro lado, hoje em dia, as pessoas estão muito mais alertas ao sofrimento infantil, essas crianças também parecem mais numerosas e as mudanças sociais são responsáveis por isso. Não é apenas o fato de as mães trabalharem, é a miséria, são as relações raciais no nosso país, os grandes loteamentos depressivos, os chamados sink (sumidouros). Há uma área de Londres com vilas com enormes blocos de apartamentos, tão violentos, que crianças e adultos temem andar por lá. E há o feminismo; não sou socióloga e não fiz pesquisas sobre seus efeitos na valorização da maternidade, mas também podemos especular se, para ganharem respeito, as mulheres forçosamente devem tornar-se iguais aos homens. As jovens mulheres de hoje são mesmo muito ambiciosas, embora eu em minha época também o tenha sido.

RP – *Nesse aspecto, como a senhora vê a questão das diferenças de gênero em relação à figura real do analista e sua influência no tratamento de crianças?*

AA – Penso que pode ser algo importante no início, mas não a longo prazo, caso o analista se encontrar suficientemente a vontade com sua própria bissexualidade. Freud ensinou-nos que somos todos bissexuais, que todos nós internalizamos as nossas mães e os nossos pais, e lembro-me de uma amiga minha dizer que seu analista, que era homem, era muito mais maternal que a sua própria mãe. É muito difícil; há homens muito maternais e mulheres muito masculinas. Vejam D.H. Lawrence, que escreveu maravilhosamente apenas sobre mulheres e adorava sua mamãe! Mas, repito, penso que pode importar no início. Tentei enviar uma jovem mulher que sofrera algum abuso sexual, não quando pequena, mas já adolescente, de parte do padrasto. Encaminhei-a a um analista muito bom, um colega da Tavistock, mas ela simplesmente não o quis. Disse: “Eu realmente não quero me tratar com um homem”. Observei-lhe: “Francamente, não haverá problemas, você vai vencer isto, ele não vai abusar de você, é uma pessoa muito natural e calma.” Mas ela negou-se, e acho que pensou que acabaria seduzindo-o.

RP – *Como a senhora entende a neutralidade e suas possíveis diferenças conforme a gravidade do transtorno do paciente?*

AA – Acho que já lhes contei a respeito deste esquema excessivamente simplista. Eu mesma, porém, tenho um tipo de esquema como modo de organizar essas coisas para mim – a cronologia histórica vai numa direção e as prioridades clínicas





em outra. Assim, Freud ensinou-nos a fazermos interpretações explanatórias, que perguntavam “por que” e respondiam à pergunta com “porque”. Se você tem sintomas de uma perna paralisada, ou você se sente culpado, porque lá no fundo realmente queria ir à festa quando estava cuidando do seu pai moribundo, ou estava brabo comigo hoje, porque amanhã começam as férias analíticas do verão. Mas isso pressupõe a capacidade de fazer aquilo que o desenvolvimentalista Jerome Bruner chamou de pensamento em duas pistas: ser capaz de manter duas idéias – dois pensamentos – na sua mente ao mesmo tempo.

O nível seguinte é algo que denominei locação. Também envolve o pensamento em duas pistas e a pergunta “de quem ou onde?” Isso se relaciona com Melanie Klein e um conceito de identificação projetiva: livrar-se de partes do self colocando-as dentro do objeto e dizer ao paciente que isso realmente vem dele, o que também é uma interpretação explicativa, que envolve o pensamento em duas pistas. O terceiro nível – o mais descritivo – explora o “o que é” (whatness) da experiência. Penso que esse terceiro nível inclui lidar com apenas um pensamento por vez, o que se liga ao conceito de função alfa de Bion, um conceito que descreve a situação na qual os pensamentos se tornam “pensáveis” e é a função da mente que empresta significado à experiência.

Winnicott falou de se respeitar o paradoxo da área transicional, não dizendo apenas que o ursinho de pelúcia representa a mamãe ou eu, simplesmente deixando que o ursinho seja plenamente como são os ursinhos. Penso que, quando desenvolvimentalistas como Brazelton e Stein se referem a amplificação e sintonias, estão mencionando algo muito similar.

O último nível – não sei se é psicanálise ou não – tem a ver com chamar o paciente a existir. Nomeei este nível de “reclamação”, como já havia dito anteriormente. Os dois primeiros níveis referem-se mais a pacientes neuróticos ou levemente borderlines. Aliás, seria melhor não se referir a pacientes, mas a estados mentais. O terceiro nível é importante em pacientes ou estados mentais borderlines ou psicóticos. O quarto nível estaria reservado para momentos bastante raros com um paciente muito doente, psicótico ou perverso. E não devemos esquecer que pode haver um deslocamento para cima ou para baixo entre os níveis, num mesmo paciente.

RP – Um exemplo seria um paciente em análise, que funciona em nível neurótico, mas entra em surto, passando por esse nível, necessitando de um psiquiatra para medicá-lo?

AA – Sim, eu normalmente diria, quando quero abordar o déficit, que você não precisa oferecer-lhe reassuramento, é suficiente entender o direito dele de ne-





Entrevista com Anne Alvarez

cessitá-lo.

Contudo, no caso de alguém entrar em surto psicótico, eu ofereceria reassu-
ramentos, sentiria ser apropriado passar para o quarto nível, porque não ficará ouvindo aquelas longas, enroladas, interpretações no subjuntivo. Dei-lhes o exemplo de Robbie, que vocês conhecem. O médico disse-lhe: “Você está chateado hoje porque...” e não foi suficiente, tive de virar o rosto e dizer-lhe com afeto, sem reclamação: “É muito chato quando...”, embora pense que em certos momentos você tem de gritar: “Robbie!!”

RP – Bem, nosso tempo acabou e gostaríamos de agradecer sua disponibilidade em nos conceder esta entrevista e expressar nosso desejo de tê-la conosco em breve, novamente na SPPA. □

Tradução de **Hedy Hoffmann**

Revisão técnica de **Luisa Rizzo Amaral** e **Viviane Mondrzak**

© Revista de Psicanálise – SPPA





Normas Gerais de Publicação de Trabalhos* **Revista de Psicanálise da Sociedade Psicanalítica de Porto Alegre**

1. Os artigos publicados na *Revista de Psicanálise da SPPA* devem ajustar-se ao que se segue:

- a. O artigo deve ser inédito (excetuam-se trabalhos publicados em anais de Congressos, Simpósios, Mesas Redondas ou Boletins de circulação interna de Sociedades Psicanalíticas locais), quanto a publicações científicas de porte.
- b. O artigo não pode infringir nenhuma norma ética e todos os esforços devem ser feitos de modo a proteger a identidade dos pacientes mencionados em relatos clínicos.
- c. O artigo deve respeitar as normas que regem os direitos autorais.
- d. O artigo não deve conter nenhum material que possa ser considerado ofensivo ou difamatório.
- e. O autor deve estar ciente de que, ao publicar o artigo na *Revista de Psicanálise da SPPA*, ele estará transferindo automaticamente o "copyright" para essa, salvo as exceções previstas pela lei, isto é, fica vedada sua reprodução, ainda que parcial, sem a devida autorização da *Revista*.
- f. O artigo não deve estar sendo encaminhado simultaneamente para outra publicação sem o conhecimento explícito e confirmação por escrito do Editor. A *Revista* normalmente não colocará obstáculos à divulgação do artigo em outra publicação, desde que informada previamente. Quaisquer violações dessas regras, que impliquem em ações legais, serão de responsabilidade exclusiva do autor.
- g. Os conceitos emitidos são da inteira responsabilidade do autor.

2. Os originais deverão obedecer às seguintes exigências mínimas:

- a. Serão entregues, em quatro cópias e disquete, à Editoria da *Revista*, cujo endereço é o da Sociedade Psicanalítica de Porto Alegre – Rua General Andrade Neves, 14, 8º andar, conj. 802A – 90010-210 - Porto Alegre - RS.

* Baseada nas normas e recomendações do *International Journal of Psychoanalysis* e da *Revista Brasileira de Psicanálise*.





b. O artigo deverá adequar-se às dimensões deste tipo de publicação. Sugere-se, que, sem comprometer a clareza do texto, sua extensão não ultrapasse as 20 páginas datilografadas, em espaço duplo, em papel formato ofício. Tabelas, gráficos, desenhos e outras ilustrações sob forma de cópias fotográficas devem ser enviadas em duplicatas de tamanho adequado. O conteúdo total de ilustrações não deverá exceder $\frac{1}{4}$ do espaço ocupado pelo artigo; as ilustrações em excesso, se aprovadas, terão seu custo indenizado pelo autor, que será previamente informado.

Solicitamos que os artigos sejam entregues em disquete, observando-se o seguinte: os arquivos devem ser gerados no *Word for Windows* ou formato texto (*.TXT), com a identificação do autor e título do trabalho.

c. Os trabalhos deverão conter, em sua estrutura: Título, Resumo em português e inglês e Referências. A forma de apresentação da discussão dos conteúdos ficará a critério do autor.

d. O resumo deverá ter em torno de 150 palavras e ser capaz de comunicar, ao leitor em potencial, os pontos principais que o autor deseja expressar.

e. O nome do autor deve constar no canto esquerdo, logo abaixo do título, esse indicando a que Sociedade ou Grupo de Estudos pertence, com o correspondente "status".

f. O endereço do autor deverá ser mencionado após as Referências.

3. As Referências deverão incluir os trabalhos estritamente relevantes e necessários, sem se acumular, desnecessariamente, vasta bibliografia. As referências, no decorrer do texto, serão dadas citando-se o nome do autor seguido do ano de publicação entre parênteses, como, por exemplo, Freud (1918) ou (Freud, 1918). Se dois co-autores são citados, os dois nomes deverão ser mencionados, por exemplo Marty & de M'Uzan (1963) ou (Marty & de M'Uzan, 1963). Se houver mais de dois autores, a referência no texto indicará o primeiro, por exemplo: Rodrigues et al. (1983) ou (Rodrigues et al., 1983).

A referência completa das obras citadas figurará na lista das Referências, colocada no final do artigo, lista essa que deverá corresponder exatamente às obras citadas, sem referências suplementares. Os autores serão mencionados em ordem alfabética e suas obras pela ordem cronológica da publicação. (Para as obras de Freud, as datas correspondentes são indicadas entre parênteses na *Standard Edition*). Se vári-





as obras foram publicadas no mesmo ano, deve-se acrescentar à data de publicação as letras a, b, c, etc.

Quando um autor é citado individualmente e também como co-autor, serão citadas antes as obras em que ele é o único autor, seguidas das publicações em que ele é co-autor.

Os nomes dos autores não serão repetidos, mas indicados por um traço.

Os títulos dos livros e das revistas serão grifados, sendo que as palavras mais significativas serão escritas com a primeira letra maiúscula, o lugar da publicação e o nome do Editor serão igualmente indicados. Se uma referência é dada a partir de outra edição que não a original, a data da edição utilizada deverá figurar no final da referência.

Nos títulos dos artigos (e igualmente nas obras de Freud) somente a primeira palavra figurará em letra maiúscula. O título do artigo será seguido da abreviação grifada do título da revista, do número do volume e dos números da primeira e da última página. Para as abreviações dos títulos das revistas, poder-se-ão consultar os números anteriores ou, no caso de dúvida, citar o nome por extenso.

Nos exemplos seguintes, podem-se observar a utilização das letras maiúsculas, a pontuação, os dados e sua ordem de apresentação:

- BOWLBY, J. (1963). *Attachment and Loss*, Volume 1. New York: Basic Books.
- _____ (1979). Psychoanalysis as art and science. *Int. Rev. Psychoanal.*, 6: 3-14.
- FREUD, S. (1905). Three essays on the theory of sexuality. *E.S.B.* 7.
- _____ (1914). Narcisismo: Uma introdução. *E.S.B.* vol. 14, Rio de Janeiro: Imago.
- HOLZMAN, P. S & GARDNER, R. W. (1960). Levelling and repression. *J. Abnorm. Soc. Psychol.*, 59: 151-155.
- KHAN, M. M. R. (1960). Regression and integration in the analytic setting. In : *The Privacy of the Self*. London: Hogarth Press, 1974, p. 136-167.
- _____ (1967). From selectiveness to shared living. In: *The Human Dimension in Psychoanalytic Practice*, ed. K. A. Frank. New York: Grune & Stratton, p. 115-122.
- SUTHERLAND, J. D. ed. (1958). *Psycho-Analysis and Contemporary Thought*. London: Hogarth Press.
- WALLERSTEIN, R. S. (1972). The future of psychoanalytic education. *J. Amer. Psychoanal. Assn.*, 21: 591-606.





(Foram propositalmente utilizados os exemplos mencionados no *International Journal of Psycho-Analysis* com o objetivo de apresentar as Referências brasileiras padronizadas de acordo com as normas internacionalmente aceitas.)

Citações literais: Quando se tratar de citações literais, além de checá-las cuidadosamente quanto à sua fidedignidade, indicar o número da página de onde foram retiradas. As *inserções* que forem feitas no texto original serão indicadas dentro de (), como, por exemplo: “ele (Freud) sugeriu que...”. Itálicos no original serão assinalados, sublinhando-se as palavras no texto datilografado. Ênfase adicional, no texto, também será indicada por sublinhado da parte em questão, acrescentando-se “grifos meus”, entre (), no final da citação. Usar reticências para indicar omissões no texto citado, por exemplo: “considerou-se... que assim foi o caso”.

Nota: O autor que desejar obter separatas de seu artigo publicado deverá, na ocasião em que for informado oficialmente pela *Revista* que seu artigo será publicado, informar à Secretaria da *Revista*. Essa obterá, da gráfica, um orçamento para sua confecção que será submetido ao autor para aprovação.

Procedimentos de avaliação

- Todo artigo entregue para publicação será avaliado através de critérios padronizados por, pelo menos, três membros do Comitê Científico da *Revista de Psicanálise da SPPA*.
- O nome do avaliador será mantido sob rigoroso sigilo pela *Revista*, recomendando-se que o mesmo procedimento seja adotado pelo próprio avaliador.
- Sendo o artigo recomendado pela maioria dos avaliadores, será considerado, em princípio, aprovado para publicação. A decisão final quanto à data de sua publicação dependerá do programa editorial estabelecido.

Artigos que não forem publicados num período de (6) seis meses, a partir da data de sua aprovação, serão oferecidos de volta ao seu autor, para que esse tenha a liberdade de submetê-lo a uma outra publicação.





Revista de Psicanálise

da Sociedade Psicanalítica de Porto Alegre

Pedidos de assinatura:

Encaminhar este cupom para a secretaria da

Revista de Psicanálise da Sociedade Psicanalítica de Porto Alegre

Rua Gen. Andrade Neves, 14 conj. 802

90010-210 – Porto Alegre-RS

Fone (0xx51) 3228-7583 – Fone/Fax (0xx51) 3224-3340

E-mail: revista@sppa.org.br

Valor da assinatura anual (3 números): R\$ 75,00

Valor de número avulso: R\$ 28,00

Promoção especial por tempo limitado:

Coleção completa (24 números): R\$ 240,00 (4 X R\$ 60,00)

Número avulso antigo: R\$ 15,00

Nome

Endereço

CEP..... Cidade

Fone..... E-mail:

(Cheque cruzado, nominal à Sociedade Psicanalítica de Porto Alegre ou, se o preferir, solicite o envio de um DOC para pagamento bancário).





Divulgação

KARNAC BOOKS 2001

LANÇAMENTOS

CHILD-Focused Practice: A Collaborative Systemic Approach – Por Jim Wilson

A Prática focada na Criança – uma abordagem sistêmica colaborativa – por Jim Wilson
Existe, hoje em dia, um renovado interesse em ouvir a voz do indivíduo. Esse livro é uma leitura prazerosa e parece combinar as técnicas de psicoterapia de crianças com as de família. Duas abordagens que muito raramente revelam um solo comum. O livro visa atingir não só terapeutas de família como também todas aquelas pessoas que trabalham com crianças e suas famílias e que desejam ampliar seus repertórios de possibilidades para uma clínica bem sucedida. Trata-se de um livro que convida o leitor a refletir sobre o mundo visto do ponto de vista da criança.

1150 páginas

THE MAKING OF A PSYCHOTHERAPIST – by Neville Symington

A Criação de um Psicoterapeuta por Neville Symington
Este conjunto de artigos escrito pelo autor de *Narcisismo (Karnac)* e *Experiência Analítica (Free Association Books)*, registra a jornada pessoal de desenvolvimento profissional do autor. Abrange uma grande variedade de tópicos, desde as qualidades necessárias a um psicoterapeuta até os aspectos da interação entre religião e terapia, mas é interessante acima de tudo porque descreve o vértice desde o “o limite” do establishment psicanalítico/psicoterapêutico. Como seu costume, Symington é claro nas expressões de seus pensamentos e provocativo na exposição de suas idéias. Isto fica evidente em cada página, e esse promete ser mais um título muito bem sucedido deste talentoso autor.

222 páginas

THE UNINVITED GUEST: Emerging from Narcissism towards Marriage – by James V. Fisher

O Convidado Indesejado: Emergindo do Narcisismo em direção ao Casamento por James V. Fisher
Este é um livro criativo, complexo e fascinante. James Fisher integra um pensamento profundo a respeito de psicanálise e sua aplicação no trabalho com casais perturbados com uma argumentação original e minuciosa da leitura de algumas peças literárias a respeito de casamentos. Este livro é uma “tour de force” de reflexões clínicas e teóricas e trará muito prazer e nutrientes para o pensamento daqueles leitores interessados em psicanálise e literatura.

305 páginas



Divulgação

SOCIAL DREAMING & WORK – edited by W. Gordon Lawrence

TONGUED WITH FIRE – by W. GORDON LAWRENCE

EXCHANGING VOICES: A Collaborative approach to family therapy – by Lynn Hoffman –
with a foreword by Gianfranco Cecchin

CHANGING ORGANIZATIONS: Clinicians as Agents of Change – edited by Alan
Cooklin

SYSTEMS AND MEANING: Consulting in Organizations - by Gitte Haslobo and Kit
Sanno Nielsen

SOCIALLY CONSTRUCTED ORGANIZATION – by David Campbell

SYSTEMIC COUPLE THERAPY AND DEPRESSION – by Elsa Jones & Ela Ason

LIFE WITHIN HIDDEN WORLDS: Psychotherapy in Prisons – edited by Jessica
Williams Saunders

PSYCHOTHERAPY WITH COUPLES: Theory and Practice at the Tavistock Institute of
Marital Studies – edited by Stanley Ruzsyczynski

REFLECTIVE ENQUIRY INTO THERAPEUTIC INSTITUTIONS – edited by Lesley
Day & Pam Pringle

UNIMAGINABLE STORMS: A Search for Moaning in Psychosis – by Murray Jackson &
Paul Williams

WEATHERING THE STORMS: Psychotherapy for Psychosis – by Murray Jackson

Para traduções e direitos autorais:

The CATHY MILLER FOREIGN RIGHTS AGENCY
18, The Quadrangle, 49 Atalanta St., London SW6 6TU, England
Tel: (+44) 207-386 5473 Fax: (+44) 207-385 1774
e-mail 101577.1115@compuserve.com

Compras através da Internet: www.karnacbooks.com

118, Finchley Road, London NW3 5HT
Tel: +44 (0)20 8969 4454
Fax: +44 (0)20 8969 5585
E-Mail: shop@karnacbooks.com


karnacbooks.com
A SITE FOR THE MIND

